

MARCELA BRAZÃO

CLICHÊ DO SÉCULO XXI





Esta é uma obra ficcional. Todos os acontecimentos e personagens são da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia.

Copyright © 2022 by Marcela Brazão

Edição e produção: Cínthia Zagatto

Ilustração e capa: Vee C.vitoriart

Todos os direitos desta obra são reservados ao P.S.: Manas.

Agradecemos seu apoio aos direitos autorais.



psdoispontos.com

Índice

[Para ouvir enquanto lê!](#)

[A todas as mulheres que já sonharam em se enxergar em uma protagonista de comédia romântica](#)

[1.](#)

[2.](#)

[3.](#)

[4.](#)

[5.](#)

[6.](#)

[7.](#)

[8.](#)

[9.](#)

[10.](#)

[11.](#)

[12.](#)

[13.](#)

[14.](#)

[15.](#)

[16.](#)

[17.](#)

[18.](#)

[19.](#)

[20.](#)

[21.](#)

[22.](#)

[23.](#)

[24.](#)

[25.](#)

[26.](#)

[27.](#)

[28.](#)

[29.](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Marcela Brazão](#)

[CONHEÇA MAIS UM TÍTULO DO P.S.: MANAS](#)

Para ouvir enquanto lê!

[As músicas que fazem parte da história ou inspiraram a autora.](#)

A todas as mulheres que já sonharam
em se enxergar em uma protagonista de
comédia romântica

BÁRBARA

Os sorrisos satisfatórios dos meus prováveis futuros clientes, na sala de reunião, foram a resposta que pedia aos céus. Modéstia à parte, aquele plano resumia uma das melhores propostas que já havia desenvolvido atuando como gerente de projetos porque, além de ser viável, necessitava de baixo investimento para alcançar resultados significativos em poucos anos. Eu tinha que admitir que era uma recompensa e tanto depois de dois meses avançando o trabalho pela madrugada, regada de muito café, e também dedicando fins de semana completos em pesquisas extensas sobre o mercado de saúde e certificações para o nosso cliente, uma das maiores distribuidoras de produtos médicos do Brasil. Fechar aquele contrato era meu caminho rumo à diretoria de qualidade, cargo que almejava desde a faculdade, quando ainda sonhava demonstrar que, com foco nessa área, era possível levar companhias a outro patamar de prestígio e lucro.

Agora, estava naquela sala de reunião, com um sorriso seguro e bem confiante de que, quando completasse 31 anos, no fim do

próximo mês, já seria o nome número um para a vaga que desejava.

— Senhorita Lopes, parabéns pelo magnífico trabalho! — O dono da LKW apertou minha mão com entusiasmo.

Eu trabalhava havia cinco anos na Cerqueira Soluções Inteligentes, uma espécie de consultoria para negócios que desejavam aumentar o portfólio e investir em certificações nacionais e internacionais. A comissão da empresa era composta por quatro diretorias: presidência, financeira, qualidade e recursos humanos. A cadeira que pretendia ocupar estava vaga havia poucas semanas, desde que o antigo diretor pedira demissão. O dono e presidente, senhor Paulo, planejava sua aposentadoria para o fim daquele mês e seria substituído por sua filha, Adriana, que gerenciara uma empresa na Argentina por muitos anos. Ela retornara ao Brasil, no último semestre, para se inteirar das atividades e cartela de clientes da Cerqueira, antes de assumir seu novo cargo.

Quando os clientes se despediram e deixaram o salão, a futura presidente do grupo se aproximou e me parabenizou:

— Um trabalho digno de uma diretora, Bárbara. Parabéns!

Ver Adriana Cerqueira assumindo os negócios da família trazia a esperança de uma sacudida nas estruturas tão masculinas e machistas da companhia. Havia até mesmo o boato de que o senhor

Paulo só a escolhera para o cargo por se tratar de sua única filha; ou seja, era pouco provável que eu ganhasse a promoção que almejava na gestão daquele homem. Antes da chegada de Adriana, eu, como gerente de projetos, era a única mulher em um cargo de liderança – fato que me fazia ouvir todo tipo de piadinhas de mau gosto e insinuações sexistas sobre meu real merecimento nos projetos que ganhava ou nas bonificações que recebia. No entanto, pelas reuniões em que já participara na presença da futura presidente, tinha certeza de que ela não corroborava com algumas ideias do pai e seus atuais diretores, trazendo consigo a promessa de não só diversificar a empresa, como torná-la um ambiente mais respeitoso.

— Obrigada, Adriana. Tenho certeza de que iremos agregar ainda mais companhias como a LKW.

— Não tenho dúvidas. — Ela piscou para mim e saiu rumo à área do café.

Quis dar um gritinho de felicidade ou cantarolar minha música favorita, mas, naquele ambiente, minha imagem precisava ser séria e focada. Peguei o celular e mandei uma breve mensagem para mamãe:

*O cliente é meu! Sinto cheiro
de diretoria no ar.*

Estávamos a muitos quilômetros de distância. Ela, no Rio Grande do Norte, e eu, no Rio de Janeiro.

Como não podia mexer muito no celular, repassei a mesma mensagem para Gisele, minha única amiga de infância, e para Clarice, minha amiga carioca mais próxima e confidente. Talvez minha vida se resumisse à importância de quatro pessoas. A quarta era Raquel, esposa da minha mãe nos últimos vinte anos. Eu achava incrível como alguém podia amar outra pessoa por tanto tempo e ter um relacionamento saudável, feliz e amoroso.

Um ponto curioso sobre mim era ser zero crédula no famoso “felizes para sempre”, sem que uma decepção amorosa tivesse culminado nessa crença. Na verdade, nunca tinha vivido um envolvimento intenso para que pudesse passar por algo do tipo. Meus relacionamentos duravam uma estação. Ninguém era capaz de me criar borboletas no estômago, ou fazer suar frio, ou aumentar as batidas do coração com apenas um toque. Dessa forma, acreditava que Raquel e mamãe eram uma exceção no mundo, e era gostoso demais vê-la desfrutar de um amor tão forte depois que

meu pai, que jurara estar muito apaixonado, a abandonara ao descobrir que teria uma filha, deixando-a criar uma criança só com apoio da avó.

Um bipe de notificação me fez voltar a atenção para o celular. Era Clarice exigindo comemoração na casa dela após o expediente. Respondi apenas com um “ok”, pois era melhor estar com minha amiga do que voltar para um apartamento vazio na companhia exclusiva de Pãozinho e Manteiga, meus gatinhos.

Naquela euforia, o restante da tarde passou rápido, com minha caixa de e-mails consumindo todo o tempo. Precisava de uma pausa e ansiei por um café antes da saída. A Cerqueira Soluções Inteligentes tinha um espaço aconchegante, com plaquinhas fofas do tipo *I LOVE COFFEE* e um armário para guardar canecas e utensílios. Tanto a idealização da copa como a aquisição da máquina de café expresso tinham sido projetos de Adriana. Era compreensível que esse fosse mais um motivo para eu estar contando os dias para aquela mulher virar chefona?

O que não esperava era cruzar com o senhor Paulo Cerqueira, o chefão pai, tendo a mesma ideia que eu. Diria que ele não era o tipo de homem que se misturava com os demais funcionários.

— Boa tarde, senhor Cerqueira. Nada melhor que um cafezinho a essa hora, não é? — Usei o melhor sorriso e me dirigi à máquina de expresso.

— Você foi muito bem hoje, Bárbara. — Tomou um gole de sua xícara e soltou um suspiro. — O problema... — Mais um suspiro e silêncio.

— Qual é o problema, senhor?

— Não quero ser indelicado ou me intrometer nas suas questões pessoais, mas há outros fatores que contam muito nesse negócio.

Já se sentiu como se estivesse nua diante de um homem como esse? Nos filmes, vemos cenas de homens enfileirados assim, sendo avaliados pelo exército. Era como eu me sentia, mas ainda pior. O olhar dele era de aversão, e não era a primeira vez que me dirigiam um desses. Era uma recriminação indireta ao meu corpo. Ele não chegou a falar, mas jamais houve dúvidas do que o incomodava em mim.

Era o meu tamanho: a minha barriga bem grande, a cintura larga e o manequim encontrado apenas em lojas chamadas *especiais* ou *plus size*. Meu chefe abominava o fato de eu ser uma mulher gorda. Eu tentava escolher roupas elegantes, como o vestido

que usava, com mangas compridas em um tom cinza-escuro, junto a um sapato bico fino, e evitava tudo que marcasse meu corpo no escritório; entretanto, a magia de fazer a barriga desaparecer para o chefe não era possível.

— Senhor Paulo, preciso ir agora. Uma boa noite para o senhor.

Peguei meu café e me retirei o mais rápido que pude, xingando mentalmente aquele babaca várias vezes.

BÁRBARA

Estacionei na rua lateral do prédio de Clarice perto das sete horas da noite. Aproveitara para passar na padaria deliciosa que ficava a uma quadra da Cerqueira Soluções Inteligentes para comprar alguns quitutes e garrafinhas de água com gás, minha paixão para todos os momentos.

Clarice morava sozinha na cidade desde que os pais se aposentaram e voltaram para Búzios, sua cidade natal, meu local favorito da Região dos Lagos desde os Carnavais inesquecíveis que passara lá na época da faculdade.

Entrei no elevador do prédio, e, quando a porta começou a se fechar, foi interrompida pelas mãos de duas adolescentes agitadas, rindo alto em meio a troca de confidências. Elas estavam de maiô molhado, shorts jeans e com bolsas da mesma academia de natação que eu frequentava. Observá-las me fez lembrar que fora aquela atividade física e aquele lugar que me fizeram conhecer Clarice.

Eu fazia aulas duas vezes na semana, para ajudar a lidar com o estresse diário, desde que me formara. A princípio, em um local perto do meu primeiro emprego e, depois que começara na Cerqueira, em uma academia mais próxima da minha casa. Clarice já era uma das alunas antes mesmo de eu chegar, mas o que nos aproximara fora o amor pelo café. Quem mais desfrutava de uma xícara depois das oito da noite?

Esse hábito incomum me fizera observá-la sempre na cafeteria famosinha, que ficava do outro lado da rua, após a aula. Apesar de não ser lá muito tímida, me sentira meio estranha de chegar e sentar à mesa dela, mas não demorara uma semana para que Clá fizesse isso. Ela falava pelos cotovelos e aquele acabara virando nosso point de encontro pós-natação. Como sentia muita falta de uma amiga no Rio de Janeiro, já que não conseguira me aproximar de forma mais íntima de ninguém, Clarice ocupara esse espaço na minha vida, e nos tornamos unha e carne.

— Ainda bem que você chegou! — Ela abriu a porta do apartamento e seguiu de volta para o notebook.

— Está trabalhando?

Clarice era pedagoga, e suas especializações eram voltadas para a educação infantil.

— Vou mandar a atividade de amanhã para o e-mail da secretaria, assim, quando chegar no trabalho, tudo já vai estar impresso.

Sacudi as sacolas com salgados, pão fresquinho e pastinhas. Clarice me jogou um beijo e soltou um “te amo” antes de:

— Comprei vinho! Vou buscar para comermos! — Fechou o notebook e seguiu rumo à cozinha.

Enquanto isso, arrumei as comidinhas na mesa de centro, coloquei uma *playlist* que curtia para tocar e me joguei numa almofada. Sentia-me em casa por ali; era um apartamento pequeno, mas tinha a cara da minha amiga, bem colorido, cheio de plantas, livros e fotografias. Não era para menos que as pessoas ficassem encantadas quando conheciam aquele ambiente, que ainda contava com uma janela ampla, voltada para a rua principal.

Minha companheira de vinho apareceu logo, com uma garrafa e duas taças. Tinha prendido os cabelos pretos ondulados e bem compridos em um coque estranho, no alto da cabeça, e vestia um macacão simples azul-marinho, junto com chinelos.

— Um brinde à futura diretora da Cerqueira!

Ouvi o tintilar das nossas taças e desejei que a promoção fosse divulgada logo.

— Barbs, trinta e um anos chegando, e você vai dominar o Rio de Janeiro antes dos cinquenta!

Eu só consegui rir. Não podia negar que era ambiciosa, queria chegar longe com meu trabalho e ser reconhecida tanto no aspecto pessoal quanto no financeiro. Nunca tive problemas para afirmar isso. Todos os homens que conhecia desejavam ser bem-sucedidos em suas carreiras e ninguém enxergava o fato de forma negativa. A questão era que, quando uma mulher tinha ambição, era taxada de interesseira, aproveitadora e sem coração.

Comecei a descrever para Clarice como tinha sido a reunião e meu encontro posterior com o senhor Paulo, entre pãezinhos e muito, mas muito vinho. Xingamos todos os palavrões que eu havia engolido, horas atrás. O sentimento era de alívio, como se a respiração estivesse presa, de forma involuntária, e por fim se soltasse.

Enquanto narrava os acontecimentos na copa, senti meus olhos se encherem d'água, porque reduzir meu trabalho a padrões de corpo machucava demais. Embora, muitas vezes, eu negasse ou minimizasse os impactos em mim, era bem complicado me amar e ignorar os comentários alheios. Mesmo com amor próprio elevado, o fato era que a gordofobia da sociedade não sumia.

— Mas essa diretoria vai ser meu melhor presente de aniversário! — concluí, enfim, fazendo mais um brinde.

— Amiga, você passou dos trinta. Agora só falta um grande amor! — Clarice declarou, de olhos fechados e fazendo biquinho. — Está melhor que a Bridget Jones!

A gargalhada que dei devia ter sido escutada na portaria. Nós amávamos aquela personagem e sempre discutíamos o quanto a vida dela era envolta em três fatores: emagrecer, achar o par ideal e ser bem-sucedida no trabalho. A síndrome das mulheres de trinta anos com o relógio biológico gritando e a família exigindo um companheiro e um casal de filhos.

Era no mínimo dúbio amar tanto os *chick-lits* e ver que eles resumiam os anseios femininos a esses pontos. Nós, mulheres, capazes de tanto, queríamos muito além do que nos encaixar em um padrão surreal, gerar crianças e viver um falso felizes para sempre. Eu, Bárbara, queria viajar o mundo e conhecer uma pessoa que apoiasse minha carreira. A maternidade já era algo que não desejava de jeito nenhum.

Assim como acontecia com a famosa personagem do livro, em toda reunião familiar havia cobranças sobre meu peso, marido e bebês. Revirou os olhos aí? Porque eu revirei daqui. Complicado,

certo? Família era sempre assim. Eu amava todos. Todavia, ao mesmo tempo, só pensava: *haja paciência!*

— Considerando que você já é uma mulher de carreira brilhante, que tal investirmos na ideia de um grande amor, Barbs?

Enchi de novo minha taça, já na segunda garrafa, enquanto ponderava se tinha como fazer isso. Era possível investir em me apaixonar, como quando fazia um MBA para dar um *up* no currículo? Mas o mais estranho era Clarice vir com aquele papo, como se amor também fosse um assunto presente em sua vida.

— Você fala como se, nesses cinco anos que nos conhecemos, eu já tivesse te visto em um relacionamento promissor e muito apaixonada, Clá.

— A diferença é que eu acredito em grandes histórias de amor. Revirei os olhos, impaciente, e continuei provocando-a.

— Qual era mesmo o nome daquele rapaz da faculdade, por quem você se derretia toda? — questionei de forma maliciosa.

— Era o Yago. Caramba, Bárbara, é só lembrar dele e eu já fico mexida — declarou Clarice com um suspiro profundo.

Eu me recordava de já termos falado sobre aquele homem e de como ela jurara que ele fora o seu grande amor, mas não me

lembrava da história dos dois ou se minha amiga tinha narrado os detalhes.

— Conta melhor como foi o relacionamento de vocês? — pedi, puxando a almofada para me sentar mais próximo dela.

Clarice parecia um pouco emocionada e falou pouco, apenas afirmando que ele fora seu colega da faculdade de pedagogia, namoraram por seis meses, e então Yago passara em um concurso público para Porto Alegre, o que levava ao término.

— Foi uma época tão maravilhosa.

Não quis comentar nada para evitar chateá-la, entretanto, como algo tão curto pudera ser tão intenso assim? Nesse período, se fosse comigo, nem teria conhecido bem a pessoa. Soava um pouco fantasioso acreditar em um sentimento sendo construído de forma tão rápida.

— E você nunca mais falou com Yago?

Bastaram minha pergunta e uma incontável cara de decepção para a mulher cair no choro. Um nome, duas garrafas de vinho e pronto. Fiquei surpresa e sem saber como agir. Aproximei-me ainda mais dela, passando meu braço em volta do seu ombro em um abraço. O fato de meu coração se portar com incredulidade diante de um encontro tão passageiro não significava que Clarice

tinha a mesma percepção, pelo contrário; ela parecia se importar muito com Yago.

Ao notar que a respiração acalmava e o choro cessava, levantei-me, peguei o notebook e entrei na rede social do momento.

— Clá, qual é o sobrenome dele? Vamos procurá-lo!

— Não! Já tem uns dez anos que não o vejo e não sei nada sobre ele — reafirmou mais tranquila, sem choro.

— Você nunca deu uma *stalkeada* no perfil do homem? — questionei, chocada, e Clarice só negou com a cabeça. — Em que mundo você vive, que nunca procurou o ex na internet?

— Pra quê? Deve estar casado e com filhos em outro estado, Barbs.

— E se estiver sozinho? — perguntei, fitando-a. — Só de me ouvir comentar essa possibilidade, já está me olhando como se seu coração fosse sair pela boca. Ele ainda mexe contigo!

— Tá bom! E aí? Vou procurar na internet, e se ele responder?

— Mostra pro Yago teu interesse. Esquece esses romances em que o homem é quem procura a mocinha e toma as rédeas do que você deseja!

— Não acredito que estou sendo convencida de que isso é um bom plano.

— Clá, sou excelente em argumentações! — reafirmei, dando uma piscada brincalhona. Ajeitei-me na almofada, engoli o restante do vinho da minha taça e voltei a enchê-la, deixando o notebook apoiado no sofá. — Sugiro um brinde! Às novas mocinhas dos *chick-lits* — declarei minha proposta. — Aquelas que buscam o que querem!

— Às mocinhas dos romances do século vinte e um — completou Clarice, entrando na brincadeira.

Brindamos e viramos boa parte do vinho entre nossas gargalhadas.

— Então, vamos fazer um pacto! — gritou Clarice, empolgada. A bebida e a ideia de falar de novo com o antigo namorado já a tinham deixado alegriinha. — Eu vou atrás do Yago na internet, mas você tem que arrumar um amor também.

— Clá, você está com espírito casamenteiro. Que livro você tá lendo?

— Deixa de ser boba e abre o seu coração. — De repente, ela arregalou os olhos, sorrindo. — Espera, que tive uma boa ideia! — Minha amiga parou para pensar um pouco e concluiu: — Você merece um amor igual ao dos livros, daqueles bem estilo clichê.

— Clichê quer dizer uma história comum, repetitiva e sem nenhum novo atrativo?

— Não, sua boba! Um romance meloso, divertido e *caliente*.

— Tenho uma revelação muito importante, amiga. *Crush* literário não é real — afirmei de forma solene, como se estivesse dando uma notícia importante, e depois tampei meu rosto, fingindo chorar de tristeza.

— Para com isso, Barbs. Um clichê seria perfeito!

— Como assim, Clarice? Você quer que eu namore um CEO gostosão com um passado sombrio?

Ela cuspiu um pouco de vinho durante a risada, mas quem poderia culpá-la?

— CEO é uma ótima ideia, Bárbara! É o estilo que combina contigo!

— Pareço uma jovem virgem e ingênua, que não sabe nada do mercado profissional?

Mais gargalhadas de nós duas. Olhei para o relógio. Passavam das onze da noite, e eu precisava ir embora. Levantei-me, deixando Clarice rindo das minhas brincadeiras bobas e conjecturando possibilidades em cima de sua ideia. Talvez a gente tivesse mesmo bebido demais. *Cadê meu celular para pedir um carro no aplicativo?*

Minha amiga se levantou de um pulo do chão, vindo atrás de mim e puxando minha mão para que eu prestasse atenção nela.

— É sério! Se você aceitar arrumar um romance arrebatador, bem clichê — Clá começou a falar, rindo e rodando a mão na frente do meu rosto, me deixando um pouco tonta —, eu mando uma mensagem para o Yago — completou, me dando uma cutucada forte no ombro, para depois sorrir e bater palmas.

— Clarice, que ideia sem cabimento é essa?

— Só me escuta! Você precisa de um chamego também — ela falou, dando um sorriso de lado. — Não disfarça! Se não quer o grande amor da sua vida, pelo menos alguém interessante? — Clarice me abraçou e quase caímos, as duas bêbadas, no chão. — Você merece tanto se apaixonar, minha amiga.

— Melhor eu ir embora!

— Vamos apostar? — A mulher voltou a segurar minha mão. — Um fim de semana em um resort cinco estrelas, com tudo incluso! Quem tiver se envolvido ganha a aposta, e quem perder arca com todos os custos. Vamos provar que mulheres acima dos trinta também podem buscar e viver um grande amor! — Deu um gritinho e sacudiu os braços acima da cabeça.

Eu cruzei os meus, na altura do peito, e fiz cara de séria. Sentei-me no sofá enquanto ela apenas me imitava. Puxei o notebook para o colo, mas não digitei nada. Era óbvio, depois do choro e da conversa, que havia sentimentos por Yago no coração de Clarice, mas, sem meu apoio, ela não tomaria nenhuma atitude de procurá-lo. E eu poderia fazer o que ela tinha me pedido, talvez até me divertisse.

— Se sair com um cara de perfil clichê, você consideraria que ganhei a aposta? Porque não posso prometer que vou me apaixonar por alguém desse tipo.

— Amiga, não precisa se apaixonar, mas também não me faça de boba, achando que vai ganhar a aposta com um encontro. — Clarice parou, como se estivesse pensando por alguns segundos, e completou: — Cinco encontros e você ganha?

Minha amiga sabia que bastava algo que me instigasse para que entrasse de cabeça.

— Tá bom. Mas e você? Se Yago vier ao Rio de Janeiro te ver umas duas vezes, consideramos que é a campeã?

— Combinado! Cinco encontros com a mesma pessoa para você e dois para mim. — Clá ergueu sua taça, e fizemos um brinde.

— Apostado! — Topei, já animada com o desafio.

Ela puxou o notebook do meu colo, acessou a rede social e procurou por Yago, que foi fácil de encontrar. Era um gato! Mas suas fotos eram quase todas de livros e aulas, sem pistas sobre o estado civil.

— Faça sua parte, Clarice! Mande a mensagem, ou melhor...

— Dei um puxão no notebook da mão dela. — Pode deixar que eu mando.

Fiz o pedido de amizade e enviei no privado:

*Querido Yago, como vai?
Você continua lindo. Manda um oi
pelos velhos tempos. Um beijo,
Clarice.*

— Ele vai me mandar *nudes*, Bárbara!

— É bom que mande mesmo, porque você sabe que eu sou competitiva, então se prepare, que vou tirar meu romance clichê da cartola!

CLARICE

A dor de cabeça na manhã seguinte, quando acordei, era infernal. Engoli dois comprimidos e tomei um banho gelado, seguido de duas xícaras de café forte, sem açúcar. *Nunca mais vou beber durante a semana.* Olhei-me no espelho, agradecendo por meu rosto não estar inchado pelo choro de ontem. Era um absurdo derramar lágrimas por um homem que não via havia dez anos e com quem tinha ficado por seis meses!

Respirei fundo, preendi os cabelos longos em um rabo de cavalo no alto da cabeça e, em seguida, fiz uma trança firme. Trabalhar com crianças muito novas exigia alguns cuidados, como deixar a cabeleira presa, usar brincos pequenos e nada de pulseiras, cordões ou blusas com paetês.

O jeans era meu companheiro diário, pela praticidade em abaixar, levantar, correr e brincar; e escolhi também uma camisa com flores amarelas, para alegrar o dia, já que as cores chamativas eram as que mais me agradavam. O bom de não ter escolhido uma

carreira de escritório era focar no conforto. Além disso, ninguém palpitava sobre meu peso ou o tamanho da minha barriga.

Apesar da sinceridade das crianças, que acabava machucando, minha experiência me ensinara que devemos ser honestos e explicar bem o que é ofensa e o que é fato. Falar que a tia era gorda não era ofensivo – essa era apenas uma das minhas características –, mas fazer apontamentos do tipo “aquela tia gorda do jardim” era problemático. Meu corpo não deveria ser usado como referência. Sempre alertava que mamãe me dera um lindo nome: Clarice.

Os alunos entendiam e replicavam o ensinamento; não me importava se precisasse repetir várias vezes. Todo meu aprendizado teórico e prático de como ensinar, guiar e trocar com as crianças fazia parte do meu grande sonho de infância: ser uma educadora.

Sabe quando a gente é pequena e diz que quer ser professora? Eu nunca mudei de ideia. Tinha escolhido a pedagogia e estava muito satisfeita dando aula numa escola municipal (concurzada, sim, com muito orgulho) pela manhã e, pela tarde, em outra escola particular, esta da metodologia montessoriana que dominava meu coração. Tão corrida em alguns dias, eu nem sabia

como dava conta de todos aqueles pequeninos, especialmente em plena ressaca.

E, se não estivesse tão mal, teria visto mais cedo a mensagem da diretora da escola da manhã, avisando que a aula estava suspensa por falta d'água, que era um problema grave e corriqueiro na região. Senti-me um pouco perdida, já vestida e pronta para o trabalho. Talvez pudesse avançar nas pesquisas para o projeto de abrir minha própria escola; no entanto, como manter minha atenção nessas atividades se a ressaca habitava meu corpo?

Ainda indecisa sobre o que fazer com aquele inesperado tempo vago, o celular apitou na minha mão com um áudio de Barbs:

▷ *Clá, como você acordou?*

*Vou precisar de litros de café.
Que ressaca terrível! Tive que
caprichar na maquiagem pra
disfarçar essa cara de quem
bebeu demais. Pego meu carro aí
na hora do almoço e quero saber
se Yago deu notícias!*

Escutei o recado e as risadas dela no final. *Posso culpar o vinho por toda aquela ideia mais sem sentido de ontem?* O pior era que me recordava de quase tudo que acontecera na noite anterior. Por que mandara mensagem para um homem que estava quieto e tão distante? Tinha sido uma péssima ideia tentar me comunicar de novo com Yago, mas de maneira nenhuma deixaria meu mico passar em branco. Bárbara teria que arrumar um carinha no estilo dos livros de romance! Não consegui segurar o riso só de imaginar minha amiga nessa busca, que mais parecia um *reality show*.

Cliquei no ícone da rede social e fui me servir de mais café enquanto o celular abria o aplicativo. Era possível deletar uma mensagem privada? A probabilidade de ele ainda não ter visto uma notificação recebida depois das dez da noite era grande, não? *Fuén, fuén, fuén!*

Tinha me animado cedo demais. Assim que a tela inicial apareceu, só consegui passar as mãos pelo rosto. Yago havia aceitado meu pedido de amizade! Não dava para me livrar da besteira que tinha feito! Agora, ele lera aquele recado que mais parecia um pedido de *nudes*, me deixando perdida e um pouco envergonhada sobre o próximo passo. Comecei a andar de um lado para o outro, olhos fixos no celular na minha mão. Não me

importava se iria abrir um buraco no chão ou até incomodar a vizinha, tão cedo.

Além de ele ter aceitado minha amizade virtual, o chat indicava uma nova mensagem. Lia ou não? Remexi minhas mãos, sem saber ao certo como deveria agir. Ainda daria tempo de bloqueá-lo e falar para Barbs que a recusa tinha partido dele, ou que eu havia descoberto uma penca de filhos. O problema era que queria ler. Abri a conversa, fechei os olhos e espiei, dois segundos depois, o texto que me fez fazer uma careta de “como é que é?”.

Oi, Clarice. Que bom saber de você. Estou muito bem e fiquei muito feliz de encontrá-la virtualmente. Um beijo, Yago.

Depois de quase me jogar em cima dele, era o melhor que eu poderia receber? Achei sem sal e até um pouco fria. Eu era péssima de jogos e códigos; se aquela mensagem precisava ser decifrada, jamais seria capaz dessa proeza. Mesmo com ele não dizendo muita coisa, meu coração tinha dado uma acelerada e minha mão

estava suando. *Printei* a tela e mandei para a autora daquela enrascada, com um “socorro” escrito embaixo.

Não levou um minuto para minha amada amiga responder:

Incentive e interaja! Não esqueça nossa aposta! Ou esqueça: estou sonhando com as caipirinhas que vou tomar de graça. Boa sorte. Vou entrar numa reunião.

Eu era péssima em sedução, e pensar no que responder me deixava apavorada! Tinha medo daquele homem, que devia estar casado e com uma vida estável em outro estado, me fazer sofrer. Estava quase pegando minhas economias e me considerando a perdedora da aposta. No entanto, havia outra alternativa possível; afinal, Yago tinha fortalecido minha comunicação, pois poderia não ter respondido ou até me bloqueado.

Com essa motivação, me enchi de coragem e comecei a digitar, enviando sem reler:

Yago, querido, que felicidade saber que você recebeu minha mensagem! Estou muito bem e você? Falei tanto sobre nós ontem, que fiquei com vontade de conversar contigo novamente.

Sorte lançada! Com uma segunda chance batendo à minha porta, lutaria para o medo não me paralisar. Minha mãe dizia que quem estava na chuva era para se molhar, e eu tinha decidido não só fechar o guarda-chuva, como pular nas poças de lama.

Incapaz de me concentrar em nada relacionado ao projeto da minha escola, decidi aproveitar a folga para molhar as plantas e adiantar outros trabalhos de casa. Manter a cabeça ocupada, mas com assuntos leves, me desfocaria da situação. Até porque, depois de uma mensagem como aquela, era certeza que reinaria o silêncio.



Desci do ônibus em frente à escola montessoriana, naquela tarde, e segui direto para a sala dos professores. Bati à porta antes

de abrir e encontrei quatro colegas conversando no cantinho do café, além do professor de música, um chato, que eu evitava a todo custo, fazendo anotações no computador coletivo. Cumprimentei todos e fui em busca de água gelada para acalmar aquele calor do fim da primavera.

— Beber gelado depois de andar no sol pode não ser bom pra sua voz, Clarice.

A sorte era que eu estava de costas e pude revirar os olhos sem discussão. Já contei que o cara era um mala, mas ele achava que era meu pai? Robson, o professor de música, sempre queria dar uma opinião, um palpite. Falava quando ninguém tinha perguntado nada, mas ficava calado no meio de conversas em grupo.

Já ouviu falar da cara de alface: um sorriso meio amarelo, sem muita paciência, que pode ser dirigido a pessoas inconvenientes, como aquele meu companheiro de trabalho? Foi ela que exibiu quando me virei na direção do sujeito. Ele sorriu, deu de ombros e voltou a atenção para o trabalho.

Decidi me juntar ao grupo das mulheres, onde o papo era sobre casamento e maternidade. Joice, uma professora que estava grávida de seis meses, era a mais animada. E eu, como a única

solteira, fiquei por ali, ouvindo, sorrindo e confirmando com a cabeça, mas sem comentar nada, embora essa tentativa de omissão não tivesse durado muito tempo.

— Clarice, você precisa casar logo! Você já tem trinta e dois? Depois dos trinta e cinco, fica muito arriscado ter filhos — comentou Nádia, que lecionava no infantil III.

— Vou fazer trinta e um e não estou pensando em casar tão cedo.

O casamento nunca tinha sido uma das prioridades na minha vida. Como boa parte das meninas que cresceram dentro do modelo de sociedade que as enche de bonecas e brincadeiras de afazeres domésticos, eu achava que me casaria aos 23 anos e teria gêmeos aos 25; mas, desde que me tornara adulta, não havia tido uma relação que evoluíra para um papo de matrimônio. Yago, meu caso mais intenso, fora também um namoro muito curto, e, como nunca aceitei tomar decisões importantes sem pensar mil vezes, a possibilidade de “larga tudo, casa comigo e vamos para o Sul!” nunca entrara em pauta.

— Uma vida sozinha é tão complicada, né? Não ter uma pessoa para dividir um problema quando chegar em casa, ou pagar uma conta quando você está sem grana — Nádia, casada havia

cinco anos, pontuou, e pude jurar que iria fazer o sinal da cruz tamanho o medo da minha solidão.

— Eu tenho amigos, família e posso contar com essas pessoas para tudo isso. A pessoa certa não apareceu, ou você acha que vou casar com o carinha errado?

— Parem de implicar com a Clá! Olha o Robson! Ele é solteiro e ninguém pergunta se ele vai casar — Joice veio me livrar do interrogatório.

O professor de música, único ser masculino no quadro de docentes da escola infantil, ergueu os olhos da tela e concordou com a cabeça. Devia ter uns 33 anos e era uma figura de estatura mediana, que mantinha os cabelos castanhos bem curtinhos, como se estivesse servindo no exército. Seus óculos metálicos estavam fora de moda desde o início dos anos 2000 e viviam tortos ou mal posicionados. Fora isso, ele se vestia de forma bem monocromática: cinza, azul e... azul-escuro?

— Eu acabei de completar trinta.

Tive o desejo de gritar “impossível!”, mas a boba seria eu.

— As pessoas acham que os homens amadurecem mais tarde, portanto temos essa liberação de casar mais velhos — completou Robson.

— Posso prometer que estou bem e feliz, solteira, queridas! — afirmei, enfática, para ver se alguém me escutava.

— Tenho certeza de que Clarice não aguentaria alguém, todo dia, falando no ouvido dela — Robson comentou, rindo, e as demais professoras o imitaram.

Talvez a chata fosse eu? Falatório fora de hora não era mesmo minha praia, e esse era um dos motivos de não suportar Robson. Com uma brecha, ele já estava se metendo no papo, e, para comprovar a intromissão, a pergunta seguinte foi do sujeito:

— Joice, como foi a ultra na segunda?

Minha cabeça gritava “café” diante do papo de bebês que iria recommear. Olhei para o relógio na parede, e faltavam dez minutos para o início do turno. Fui até a cafeteira e me servi de uma xícara, talvez a quarta ou quinta do dia, mas quem estava contando? Não me importava que estivesse um calor terrível. Havia sentimentos que só o café acalmava.

Senti o olhar de Robson em cima de mim e devolvi. Ficamos ali, um fitando o outro, quase um desafio de quem desistiria primeiro. Fui eu, quando o celular tocou e o usei como desculpa para deixar o ambiente. Santo telemarketing!

BÁRBARA

Não era muito fã de chás, mas, depois da bebedeira da véspera e do volume de café que tinha consumido durante o dia, meu estômago merecia um abraço em forma de infusão de hortelã. Peguei a xícara fumegante, sentei no sofá e comecei a folhear o livro do momento, um *chick-lit* desses com mulheres tão atrapalhadas que beiravam a incredulidade. A verdade era que sempre havia sido fã de histórias de amor intensas porque acreditava que eram pura ficção, apesar de me fazerem suspirar e torcer pelo casal. Não esperava viver nada disso (e nem sabia se queria, uma vez que a maioria dos protagonistas era ciumento e dominador).

Talvez por isso a história da aposta com Clarice tivesse voltado à minha cabeça. Havia aceitado para fazê-la entrar em contato com Yago; no entanto, fazia muito tempo que eu não saía com ninguém e poderia ser muito bom conhecer gente nova, aflorar o tesão que estava bem murcho e compartilhar uns momentos gostosos, ainda que não pretendesse achar um namorado.

A questão era como conhecer gente nova. Podia ser em um barzinho, um teatro ou uma balada, mas qualquer opção exigia um esforço enorme, não? Eu tinha perdido o jeito com essa parte da conquista. Nunca era muito simples, porque várias vezes havia dúvida sobre o interesse em mim; a crença de que ninguém olharia para a gorda e de que, em um local de pegação, o foco jamais seria uma mulher como eu. Uma das coisas que havia aprendido era a não me envolver com qualquer um só para evitar ficar sozinha; afinal, alguns até me queriam no fim da festa ou às escondidas, mas, se um homem tinha problemas com meu corpo, a questão era apenas dele. Só dividia beijos e lençóis com quem me valorizasse, exibisse e admirasse à luz do dia, sóbrio e fora do colchão.

Pãopão, meu gatinho de nove anos, pulou no sofá e começou a bater a cabeça no livro, querendo atenção. Interrompi a leitura já desatenta e, no mesmo instante, o felino se deitou em cima do meu romance. Cocei sob o queixo do fofíssimo e o senti ronronar, satisfeito. Manteiga, a irmã dele, estava esparramada sobre a estante ao lado da TV.

Meu celular tocou e, no visor, apareceu a identificação de minha mãe. Depois daquela mensagem sobre a provável promoção,

ainda não tínhamos nos falado. Deixei uma das minhas mãos voltar para o pelo macio de Pãopão, enquanto atendia à ligação.

— Dona Deise, que bom ouvir sua voz!

— Vixe, finalmente consegui falar com você, minha filha, mas esperava que estivesse numa festa se divertindo. Hoje é sexta-feira.

Minha mãe sempre tinha sido uma baladeira! Adorava um motivo para comemorar e sacudir o esqueleto. Era uma mulher simples, bondosa e que estava sempre querendo me casar. Ela faria 63 anos em breve e era dada a um drama danado, alegando que iria morrer sem conhecer os netos; nem imaginava que crianças estavam riscadas dos meus planos.

— O programa é maratonar uma série na minha cama, com as melhores companhias: Pãopão e Manteiga.

— Valha, como você vai namorar se não sair? Seus vizinhos te chamam de “a solteirona dos gatos”?

Revirei os olhos e respirei fundo em cima do telefone, para que mamãe escutasse minha reclamação silenciosa.

— Não adianta bufar, Bárbara! Sei que você não precisa de ninguém para ser feliz, mas vai negar que é gostoso ter alguém para esquentar seu pé?

Aquilo era sinônimo de “sexo” para minha mãe? Minha gargalhada saiu alta, e a escutei rir também diante da minha reação.

— É muito bom dividir a vida com quem a gente ama, filhota!
— declarou Deise, de forma gentil. Ela com certeza sabia bem do que estava falando.

Se mamãe soubesse que estava me jogando em uma aposta para conseguir cinco encontros com um mesmo homem, me ligaria diariamente para obter todos os detalhes e ainda daria um presente para Clarice pela ideia que julgaria genial e promissora.

— Posso prometer que não vou me fechar em um casulo.

— Já fico feliz em saber, mas não se apegue com sua mãe, não. Fala da promoção no trabalho, agora.

— Mamãe, é uma promoção futura.

Assim, conversamos mais um tempo sobre a reunião, com detalhes da reação do cliente e como a futura presidente me dera muitas esperanças de ganhar a diretoria. Logo que nos despedimos e desliguei o telefone, voltei a pensar na aposta: os maiores clichês amorosos! Enfim deixei o livro de lado e comecei a fazer uma lista, meu método preferido para pensar sobre qualquer assunto. Depois de pontuar todos os clichês que recordava, fiquei satisfeita com o pontapé inicial:

Cão e gato – será que o amor está tão próximo do ódio assim?

Triângulo amoroso – talvez Clarice ficasse chateada se procurasse um ex-namorado dela?

Amigo de infância – impossível, porque não tinha mais contato com nenhum deles.

CEO – importante que não fosse da minha área de atuação!

Super-herói – eu nunca conseguiria deixar uma pessoa pensar que pode me salvar...

Namorado de conveniência – será que isso existia na vida real? Talvez como acompanhante em uma festa.

Pai solteiro – não acho que funcionaria, já que maternidade não combinava comigo.

Clarice iria amar minha seleção! Ela poderia aproveitar seus chamegos com Yago em casa, porque já estava me vendo em um hotel maravilhoso sem gastar um centavo.

Avaliando as alternativas, com certeza encontrar um par nessa brincadeira seria mais fácil através de um aplicativo de namoro, já que a ideia de sair por aí procurando um homem ao vivo não me animava nem um pouco, fora que a maioria poderia não se encaixar

dentro do tema da aposta. Afinal, como poderia relacionar a pessoa com um clichê sem nenhuma informação prévia? O método online traria uma descrição que ajudaria a identificar os alvos nos respectivos clichês.

Entrei na loja do meu celular e baixei o mais famoso, no qual muitas colegas já tinham me incentivado a me inscrever. No entanto, apesar de me sentir estranha na troca ao vivo, aquela situação online não era confortável. Era como me expor em fotos para uma pessoa julgar, ver se eu lhe agradava ou não; como se estivesse escolhendo uma roupa num brechó virtual, sem saber a qualidade do tecido ou se a numeração iria servir.

A primeira pergunta era como me identificava com relação ao gênero e, em seguida, a minha orientação sexual. Respondi questões sobre meus interesses e minha localização, antes de um tutorial aparecer na minha frente. Achei desnecessário, afinal, tudo se tratava de um x ou um coração. Simples assim! Você adicionava umas fotos e um texto sobre si mesmo, que despertassem o interesse alheio, e... *Meu Deus, como vou me descrever?*

Digitei, apaguei, reescrevi. *Não está bom.* Deletei. *Menos informações, Bárbara!* Depois de muito pensar, cheguei a um texto que não odiei, mas estava longe de ser atraente:

Amante de bons livros, gateira, faladeira, prestes a completar 31 anos, atrás de um clichê romântico, mas não necessariamente um namorado. Prefiro o sofá do que a balada e amo meu trabalho.

Incluí uma foto de biquíni para evitar homens em busca de manequins 38, peitos siliconados ou cabelos platinados e usei a de uma festa do trabalho para o perfil. Nela, meus cabelos castanho-escuros ondulados tinham sido recém-cortados acima do ombro, em camadas para dar um pouco mais de volume, e eu usava uma maquiagem que ressaltava meus olhos cor de mel e minha boca, com um batom nude lindíssimo.

Terminada a configuração necessária, parti para a caça (que horror, um termo tão típico da masculinidade) e minha primeira reação foi: *cadê os homens comuns?* Era um bando de gente puxando ferro na academia, mostrando tanquinho ou posando em frente ao espelho, todo suado. Um monte com fotos nos *States*, na China, na Austrália, no mundo. Todos que vi pareciam saídos de um comercial da TV. Entediante de tão parecidos. Fora esses, vários declaravam estar num relacionamento e buscar uma aventura extra.

Lembrei que as amigas que me incentivavam a entrar naquela história de namoro online falavam que tinha que garimpar, mas uma hora do meu dia havia passado com nenhum *match*. Estava checando cada descrição de perfil, assim, dava meu *like* apenas naqueles que se aproximavam dos clichês, sem muitos outros critérios.

Perdi a conta de em quantos coraçõezinhos cliquei. Talvez até devesse ter visto o tutorial, porque não fazia ideia do que significava a estrelinha azul e acabei distribuindo vários do tal *superlike*.

Ao que as notificações começaram a indicar os primeiros *matches*, fui sorrindo, esperando já arrumar um encontro para aquela noite. Então meu primeiro *match* foi desfeito. Como a pessoa gostava e mudava de ideia, segundos depois? Que coisa estranha! Aquela música infantil poderia ser adaptada para meu aplicativo:

Um, dois, três matchzinhos

Quatro, cinco, seis matchzinhos

Sete, oito, nove matchzinhos

Dez desfeitos na hora!

Quando pensei que seria perda de tempo, chegou o primeiro “oi”.



Uma música da Marisa Monte tocava no barzinho. Sexta-feira sempre rolava um *ao vivo* naquele lugar. Era bem próximo da minha casa, meu ponto de almoço quase todo fim de semana, e conhecia muita gente por ali que poderia me ajudar se algo desse errado no encontro. Me acomodei ao balcão, vi Lorena servindo os clientes e pedi uma cerveja.

— Barbs, sua sumida! Você quase não aparece aqui a essa hora.

— Estou aqui para um encontro com um carinha da internet, Lorena!

— Que delícia! Boa sorte e fica tranquila que, se precisar de uma mão, *tô* aqui até fecharmos, viu?

Agradei o apoio e alisei o vestido azul-celeste curto, de alcinhas, que tinha escolhido para aquela primeira noite. Não queria abusar da maquiagem, então estava só no batom. O calor iria derreter tudo mesmo. Meu coração estava acelerado, e minhas

mãos suavam. O primeiro *match* que se tornara “oi” se chamava Martín, um argentino de 48 anos, que morava no Rio de Janeiro pelos últimos 25. As fotos pareciam boas, ou seja: não era nenhum galã de novelas, mas também não era feioso.

Tínhamos conversado por dez minutos no aplicativo e marcado de nos ver naquela mesma noite, porque pessoalmente era mais fácil. Martín era o clichê do homem super-herói: mais velho, estrangeiro e que nunca se casara. Será que tinha sido a desilusão amorosa de alguém? Ou seu grande amor escolhera outro? Talvez uma mulher o tivesse deixado cheio de paixão e falecido?

— Bárbara?

Levantei os olhos, que estavam fixos no menu, e dei de cara com o argentino. Tinha um sotaque bem carregado para quem vivia no Brasil havia tantos anos, um sorriso bonito e boa parte dos cabelos grisalha. Era alto e com uma pequena barriga saliente.

Quando me levantei para cumprimentá-lo com dois beijinhos, bastante carioca, senti o olhar que já conhecia bem e vi o sorriso murchar na face dele. Era uma demonstração de descontentamento com meu corpo, que era avaliado melhor agora que me erguia. O detalhe era que ele nem era um cara magro, mas homens sempre

tiveram passe livre para não condizer com o padrão de beleza estipulado. Eu podia ir embora?

— Sente-se, Martín. Como vai?

Pedi uma água com gás, e ele quis um uísque. O homem me contou que era professor universitário, que tinha vindo para o Rio atrás de uma mulher que conhecera em Buenos Aires, mas que o romance não funcionara. Arrumara um emprego e ficara no Brasil. Falou sobre seus gostos, que incluíam praia e bebida com os amigos, e não perguntou muito sobre mim. Provavelmente me achou desinteressante, assim que falei que era uma executiva.

— Significa que você gosta de mandar, né, Bárbara? — Martín declarou, dando risada. — Prefiro mulheres que sejam delicadas e apreciem o apoio de um homem ao seu lado.

Uma pena eu ter sido criada para ser muito educada, porque minha vontade era a de colocar um dedo na boca e simular vômito. O cara se achava muito e começou a se vender como um grande partido.

Eu já estava arrumando uma desculpa para sair dali rapidinho depois de ele ter bebido três doses de uísque após uma hora de encontro entediante. Então, Martín se levantou quando o músico começou a cantar um bolero. Esticou a mão e me chamou para

dançar. Pensei que, já que logo iria embora, podia sacudir o esqueleto um pouco para a noite não ser tão terrível.

Não poderia negar que o homem dançava bem, quando me puxou para um dos cantos mais escuros da área. Enquanto estávamos ali, curtindo a música, o argentino enfiou a língua na minha orelha. Dei um empurrão nele, afastando seu corpo do meu e passando a mão para limpar onde ele havia tocado. Uma sensação ruim me invadiu.

— Vou embora — avisei, mantendo minha expressão bem séria.

— Sem um beijinho, querida? Gordinhas não me atraem, mas até que você... hum... — Olhou para os meus seios com provocação. — Você tem algo interessante!

Senti uma repugnância enorme, demonstrando toda minha aversão na fisionomia. Eu sabia que estava fazendo uma careta, mas já aturara muito de Martín. Alguns homens achavam que esse tipo de comentário era um elogio, como se eu tivesse que ficar feliz porque o *grande gostosão* havia me achado interessante. Eca! Só queria me ver o mais longe possível dele.

— Até nunca mais, seu babaca.

Larguei o cara ali, plantado, dei um tchau para Lorena e saí igual a um foguete rumo à minha casa. O clichê do estrangeiro mais velho se tornara o pesadelo do homem babão! Fiz questão de bloqueá-lo no aplicativo, assim que cheguei ao apartamento, e verifiquei que não havia mais *matches*. Todos desfeitos. Só consegui pensar: *dane-se!* Queria um banho e minha cama. *Partiu, maratona de série na TV!*

Antes mesmo de ligar a televisão, após uma boa chuveirada, escutei uma nova notificação no celular, que indicava mais uma mensagem em meu aplicativo de namoro. Bufei, sem muita paciência, e abri o perfil, desinteressada. Entretanto, havia três letrinhas na descrição do meu novo *match* que despertaram a minha atenção: CEO!

5.

CLARICE

Chegou o fim de semana e, mesmo assim, acordei às sete da manhã, cheia de afazeres. Espiei meu celular, ainda na cama. Minha rede social já tinha me notificado sobre uma mensagem nova e, mesmo com vontade de checá-la, o receio e ansiedade do que poderia estar escrito me fizeram enfiar o aparelho no bolso dos meus shorts e seguir para a cozinha. Já liguei a cafeteira, porque merecia uma xícara forte e fresquinha, e, em seguida, enfrentei as roupas para lavar, as louças do dia anterior e uma limpeza rápida com aspirador no apartamento.

Estava adiantando um estrogonofe para o almoço quando mandei uma mensagem para Bárbara, convidando-a para vir comer comigo. O bom era que os pratos e panelas sobrariam para minha amiga: quem cozinhava não lavava a louça!

*Levo um sorvete e fofocas
sobre meu primeiro encontro.*

Barbs estava focada em ganhar a aposta. Não que eu tivesse dúvidas, porque ela sempre fora competitiva, mas havia quanto tempo eu não ouvia a palavra *encontro* saindo da boca daquela mulher! Que bom que a brincadeira tinha servido para mexer naquele lado pessoal tão esquecido nela. Eu sabia de no máximo dois namorados, que duraram uns seis meses, e três carinhas com quem Barbs ficava ocasionalmente.

Quando estava terminando o prato principal, o porteiro anunciou a chegada dela. Desliguei tudo na cozinha, abri a porta e estiquei a mão para receber a sobremesa. Sorvete de flocos, o melhor do mundo e nosso favorito.

— O melhor sábado é quando você me convida para comer aqui.

Bárbara sabia preparar legumes no vapor, macarrão instantâneo e ovo frito.

— Clarice, que cheirinho delicioso — comentou, abrindo a panela.

— Estou esperando para saber tudo sobre seu encontro de ontem — informei, servindo meu prato e indo para a sala.

Minha amiga revirou os olhos e me acompanhou para iniciarmos a refeição, que teve como tópico o argentino que achara

Bárbara “interessante”. Era um babaca completo, mas ouvi-la descrever com detalhes as ações do homem, com suas caretas, me fez dar muitas risadas. Não conseguiria eleger o pior momento: se fora a tentativa equivocada de elogio no estilo “é gorda, mas interessante” ou saber que ele enfiara a língua no ouvido dela. Era muito azar da minha amiga ter um encontro desses depois de tanto tempo sem sair com ninguém.

— Você serve o sorvete e lava a louça, Bárbara! — avisei, entregando meu prato vazio para ela.

— Assim eu garanto que a maior taça será minha! — Barbs informou, carregando as louças para a cozinha e rindo.

Enquanto a esperava retornar, puxei meu celular do bolso e, ao abrir a rede social, confirmei o que imaginava: a mensagem era mesmo de Yago. A sensação se assimilava à de uma adolescente sendo notada pelo primeiro *crush*. Como a gente ficava meio boba, mesmo depois dos trinta, quando se tratava de um antigo amor!

Yago entrara na minha vida no fim do último período de pedagogia, graças à sua transferência para o turno da tarde. O mais engraçado fora que nos encontráramos em uma cena bem clichê. Eu esquecera um livro embaixo da cadeira e só notara a ausência dele uma meia hora depois, quando já estava em outra sala,

assistindo aula. Retornara ao local anterior, meio desesperada, porque era um livro bem caro, e me dirigira ao professor. Yago sentara na cadeira que eu antes ocupava, e só o vira sacudir o livro na minha direção com o sorriso mais lindo do mundo. Ele lera meu nome de forma pausada em voz alta, como se estivesse degustando das letras, o que me fizera corar como as mocinhas dos romances. Pegara o livro de suas mãos, sem fitá-lo, e apressara meus passos para deixar a sala de aula com rapidez, morta de vergonha! Fora visível que a presença dele mexia comigo.

— Porções caprichadas para as duas — anunciou Barbs, chegando à sala.

Ela desviou-me das recordações; entretanto, não tive tempo hábil de disfarçar meu sorriso bobo, o que fez minha amiga arriscar seu primeiro questionamento sobre notícias de Yago. Peguei o celular, largado do meu lado no sofá, e mostrei a notificação não lida.

— Você tá esperando o que para abrir, Clá?

— E se for um fora?

Ela só revirou os olhos na minha direção antes de pedir, com o dedo esticado para a tela:

— Posso?

Fechei os olhos, afirmei com a cabeça e senti o toque da minha amiga no aparelho. Respirei fundo, e Barbs me incentivou a ler o texto. Assim, virei a tela na minha direção para que pudesse conferir o que estava escrito.

*Clarice, receber sua
mensagem me trouxe lembranças
deliciosas do passado. Que
saudades de você! Vou deixar
meu número de celular e
podemos falar melhor por lá. Um
beijão, Yago.*

— Lembranças deliciosas?! Caramba, acho que vou distribuir mais *superlikes* no aplicativo, senão vou perder essa aposta! — brincou Bárbara antes de enfiar mais uma colher de sorvete na boca.

Eu só consegui rir, porque ainda estava absorvendo as palavras. Será mesmo que veria Yago? Lembrar de nós dois demonstrava que ele também ficava um pouco balançado ao pensar

em mim? E o número do celular era uma porta aberta. Ai, meu coraçãozinho precisava se acalmar!

— Não vai me contar os detalhes desse rolo, não? Já sei que eram colegas da faculdade e blá-blá-blá, mas como vocês começaram a namorar?

Expliquei para Barbs que, no fim daquela mesma tarde que conhecera Yago, fora à biblioteca terminar um trabalho, e o rapaz sentara-se na cadeira ao meu lado, sem pedir licença. Começara a puxar assunto, e o papo fluía fácil e tranquilo. Ele confessara que ainda não fizera amigos e jurara ter gostado de mim.

Nosso primeiro beijo – e transa, diga-se de passagem (sim, tinha sido rápido!) – acontecera em uma festa do curso de pedagogia, dias depois. As sensações que Yago despertara em mim foram novas e intensas. Minha impressão era de reciprocidade; já não nos desgradávamos e, em menos de um mês, começara nosso namoro.

— Tenho fotos da formatura, juntos e apaixonados. Palpitamos um na música do outro para a colação de grau e fizemos cartazes com palavras carinhosas para quando nossos nomes fossem chamados para receber o diploma. Pena que está tudo em Búzios, senão te mostrava.

— E aí veio o concurso, certo?

Semanas depois da formatura, Yago me contara sobre o concurso de Porto Alegre, quando planejara me levar ao cinema. Segundo o rapaz, a prova acontecera um ano antes, quando ainda era estudante, mas acabara de ser convocado para se apresentar na próxima semana. Foram visíveis sua felicidade e empolgação com o emprego e a perspectiva de morar com a irmã, que também trabalhava na capital do Rio Grande do Sul. A pergunta que martelava na minha cabeça era: *e nós?*

Ele ficara em silêncio ao me ver muda. Engolindo algumas lágrimas, eu afirmara nosso término ali mesmo, naquela noite. Romance a distância, de jeito nenhum! Fizera meus votos de felicidades e gritara um “me esquece!”. Fora impulsiva e não me permitira avaliar nenhuma opção em meio à mágoa.

Ter notícias agora mexia com minha ansiedade e com o desejo de que talvez eu ainda fizesse borboletas voarem no estômago dele. Só queria ter a certeza de que nossa história não eram apenas lembranças gostosas para dividir com uma amiga, mas que existia uma brasa que, se fosse mexida, poderia virar um incêndio, tanto em mim quanto em Yago.

— Uma história de amor digna de livros, Clarice! — Barbs comentou. — Inclusive, temos a mocinha mandando o cara embora sem nenhuma conversa. Tão clichê! Fiquei esperando algo sobre ir atrás dele no aeroporto e fazer uma grande cena. — Minha amiga abriu os braços para demonstrar o tamanho da discussão que esperava. — Não rolou isso? — Depois voltou-se para mim, com um sorrisinho irônico.

Dei um empurrão no ombro dela, sujando-a um pouco com sorvete derretido, o que a fez xingar e me arrancou risadas. Estava vingada dos seus comentários bobos!

— Clarice, você já respondeu ou tá só enrolando? — questionou Bárbara, pegando as taças vazias de sorvete e levando para a cozinha.

Quando fiquei sozinha na sala, adicionei o contato dele no celular e respondi pelo aplicativo de mensagens, abandonando a rede social para me comunicar:

*Oi, Yago. Aqui é a Clarice.
Número adicionado. Como estão as
coisas aí em Porto Alegre?*

Empurrei o celular para longe, meio envergonhada que ele visualizasse minha mensagem e respondesse em seguida, e fui para a cozinha.

— Já respondi. — Peguei um pano de prato e comecei a secar a louça que Barbs lavava. — E se ele vier, amiga, o que eu faço?

— Vou ter que te ensinar isso? Jurava que você não era mais virgem!

Meu medo não era a parte física, óbvio. Mas e se eu me envolvesse e todo aquele amor retornasse? A distância seguiria nos separando.

— Eu tenho planos de abrir uma escola, mas poderia ser aqui ou no Sul, Bárbara, não é?

Barbs parou de lavar a louça e olhou sério para mim.

— Pausa aí, amiga, e pisa no freio. Vocês nem conversaram direito, nem sabem se querem ficar juntos, nem se viram — ela começou a enumerar suas considerações, levantando dedos. — Essa questão da escola é para o futuro. Vai com calma.

Afirmei com a cabeça, digerindo as palavras dela.

— É verdade, tô mergulhando de cabeça em algo do passado sem saber nada sobre o presente. Seus conselhos são os melhores, Bárbara! — Virei-me de costas para guardar um prato e a olhei por

cima do ombro. — É uma pena que você não os aplique, e aí o resultado de não escutar a si mesma foi uma lambida no ouvido.

— Isso está no passado, garota! Já adianto que estou conversando com um CEO. É ou não o melhor clichê? Sucesso garantido! — Ela piscou, cheia de charme. — Deixa que seco a louça e vai passar um café.

BÁRBARA

Segundas-feiras costumavam ser dias odiados; no entanto, eu não compartilhava desse sentimento. Especialmente hoje, quando iria a um encontro com meu CEO. Gostou do “meu”? Já estava com pensamento positivo sobre meu clichê só poder ser com um cara poderoso! No perfil do aplicativo de namoro, ele colocara uma foto fazendo cara de mau e de terno cinza-chumbo para ilustrar sua profissão, usando o termo CEO, o que só me fazia lembrar do personagem *daquele* livro, apesar de fisicamente ele ser bem distinto. *Já vou avisando que estou fora de quartos vermelhos!*

Um bom banho, um perfume delicioso, um vestido com uma fenda incrível na coxa e cabelos soltos escovados eram meu combo para a grande noite. Nathan, o nome do homem com quem iria me encontrar, era diretor e fundador de uma marca de *pet shops*. Achou que lojinhas de animais não têm CEO? Pois bem, ele era dono e presidente, com dois estabelecimentos. O melhor era que *pet shops* não estavam no escopo da cartela de clientes da Cerqueira Soluções Inteligentes, portanto, eu não corria o risco de jogar na

aposta um homem que pudesse ser um potencial cliente. Não conseguiria imaginar a minha cara se cruzasse em uma reunião com meu CEO de brincadeirinha!

Ao ver sua descrição, focara apenas na aposta e dera o *like* no perfil sem pensar duas vezes. Entretanto, sua apresentação no aplicativo não era ruim, pois incluía, além da imagem com cara de mau e de terno, uma foto dele sem camisa, na praia, e outras com bichinhos e a filha.

A única coisa que me incomodava era a foto da menina, porque, diferente das mulheres, que, se falassem que eram mães, espantavam todos os pretendentes, homens adoravam colocar fotografias com crianças no perfil. A tecnologia só dera uma nova face para esses pais; eu mesma não ficaria surpresa de saber que o meu pai xavecava mulheres por aí, falando da filha que não pudera conhecer e criar, deixando-a no Rio Grande do Norte para voltar ao Peru, seu país de origem, com lágrimas nos olhos e mão no peito.

A presença dos pequenos lhes dava ar de responsabilidade, cuidado e afeto. O que podia ser uma piada de mau gosto, porque, além do pai de rede social, parecia estar nascendo o paizão do *app* de pegação!

Fora isso, nosso *match* acontecera no momento ideal, após chegar em casa, depois do fracasso do meu primeiro encontro da aposta. Nathan puxara nossa primeira conversa naquela mesma noite, e havíamos nos falado ao longo da semana sem muita empolgação, esperando o encontro para saber se valeria a pena dedicar tanto papo. Em poucas horas, eu daria o veredicto sobre aquele clichê ser o ideal ou precisar partir para outro.

Quando meu celular tocou, imaginei que pudesse ser Nathan; todavia, era uma ligação de dona Deise. Ela iria morrer de alegria quando ouvisse que eu não podia conversar no momento, pois iria para um encontro.

— Mãe, estou saindo! Podemos falar depois?

— Claro, Barbs, queria conversar contigo sobre a Gisele.

Pronto. Ela sabia que captaria minha atenção comentando sobre minha melhor amiga de infância. Não nos víamos pessoalmente havia mais de um ano, por desencontros da vida, já que ela ainda morava no Rio Grande do Norte, como minha família.

Mesmo com a distância, nosso contato era frequente, o que me fazia imaginar o motivo da ligação: o relacionamento de Gisele com o marido, Alfredo, estava bem estremecido. No nosso último

papo, minha amiga comentara sobre a possibilidade real de um divórcio.

— O que houve? Tenho alguns minutos se o assunto for urgente, mãe.

— Alfredo mudou de emprego e está indo morar e trabalhar no Rio de Janeiro, mas vai ficar até o fim do ano em um período de experiência em Belo Horizonte. O problema é que eles se separaram e Gisele não quer que Sofia cresça longe dele. Eu acho que, além da distância entre pai e filha, o fato dela tá desempregada, sem conseguir trabalho aqui, fez a Gi decidir mudar também.

Caramba! Eu não estava equivocada. Eles tinham mesmo se separado, com uma criança pequena e com uma mudança de estado! Como deveria estar a cabeça da minha amiga com tanta coisa acontecendo?! Queria ouvir a voz dela e ter a certeza de que estava tudo bem. Talvez a decisão da mudança para o Rio de Janeiro fosse a melhor para todos. Alfredo poderia dividir a criação de Sofia, e eu também poderia ajudar Gisele a arrumar um emprego e se posicionar no mercado de trabalho.

— Como as duas estão, mamãe?

— Minha filha, nesse ponto é melhor conversar com ela. Acho que seu apoio vai ser importante. Confesso que não liguei para pedir um suporte emocional para Gisele. Na verdade, fiquei sabendo que ela precisa de uma moradia para ficar no Rio.

Era claro que minha mãe, com seu coração gigante, teria pensado em me ligar para verificar se eu receberia minha amiga e sua filha em casa. Sem sombras de dúvidas, isso não seria um problema. Eu morava em um apartamento com uma suíte e um segundo quarto, que tinha uma estrutura boa para hóspedes porque mamãe e Raquel sempre vinham me visitar. Seria delicioso tê-las pertinho de mim, e foi isso que comentei.

— Fico feliz, Bárbara! Você conhece a Gisele, ela estava sem graça de pedir ajuda. É temporário, claro, até tudo se acertar. Só que tem mais um detalhe.

— Sei que Sofia também vem — confirmei, rindo. Como a filhinha de um ano da minha amiga não viria?

— Não me refiro à pequenina. Você poderia ampliar seu aceite para o Bruno, irmão da Gi? Ele estuda enfermagem e vai pedir transferência para o Rio, para ajudá-la com a sobrinha.

Fiquei muda, porque não esperava receber o irmãozinho da Gisele também. Havia quantos anos eu não o via? Oito, mais ou

menos. A última vez tinha sido no casamento da minha amiga com Alfredo, quando Bruno estava todo feliz por ter acabado de tirar a carteira de motorista, aos dezoito anos. Eu não tinha nada contra o rapaz, tampouco tinha muita intimidade com ele. Minhas memórias envolviam um garotinho pentelho, que vivia perturbando a gente, mas a verdade era que jamais negaria o suporte de que Gisele precisava.

— Bárbara, ele tem ajudado muito a irmã. Alfredo saiu de casa há um mês.

— Mamãe, vou ligar para Gi, e Bruno é bem-vindo também. Pode falar que estou feliz por recebê-los, mas preciso mesmo ir!

— Sabia que podia contar com seu apoio, filhotinha. Aonde você vai, numa segunda-feira? Jantar de negócios?

— Um encontro, mamãe! Tchau!

Desliguei e desci até a garagem, rindo ao imaginar a cara que dona Deise estaria fazendo. Não havia dado oportunidade de ela tecer nenhum comentário, contudo sabia que pela manhã teria mensagens no meu celular.

Cheguei ao restaurante, bem nervosa. Era tão estranho conhecer pessoas assim, só por uma foto e descrição. Quando perguntei à entrada sobre o senhor Nathan, descobri que ele já

havia chegado. *Ai, meu coração!* Em seguida, a recepcionista me guiou até a mesa.

Nathan era careca, de olhos escuros, muito alto e bem magro, mas o que chamou minha atenção foi seu belo sorriso. Estava usando um terno, com camisa social azul e gravata vermelha. Eu não soube se ele trabalhava assim ou se tinha se arrumado para me impressionar.

Ele se levantou, me cumprimentou e puxou a cadeira ao seu lado para mim. Sentei-me com um sorriso e o observei fazer o mesmo, trazendo seu assento para bem próximo do meu. Fitou-me, perguntando se gostaria de acompanhá-lo no vinho, mas apenas declinei o convite da bebida e mantive minha amada água com gás, que acabou virando nosso primeiro assunto.

Com pouco tempo de papo, percebi que sua paixão eram mesmo os animais. Era veterinário por formação e, no fim do mês seguinte, sua empresa teria um novo diretor-executivo; portanto, seus dias de CEO estavam contados. Não importava, certo? O clichê estava válido no primeiro encontro.

Como pai, ele parecia ser aquela figura que visita de quinze em quinze dias a criança e pouco sabe dela nos demais momentos. Talvez eu devesse adicionar o paizão do namoro online aos meus

clichês, este nada amoroso e bem real – assim como a descoberta de que ele era um pouco mandão, quando quis escolher o meu prato.

Contei um pouco sobre a natação, minha infância no Rio Grande do Norte e os gostos antigos. Senti a mão dele nas minhas costas, fazendo um movimento circular que deveria ser chamado de carinho. Nathan me beijou antes mesmo da chegada dos pratos – uma, duas, três vezes – e só parou quando o garçom se aproximou. Curti os beijos, todavia não geraram nenhuma sensação digna de espetáculo, frio no estômago ou algo do tipo.

A refeição foi agradável, com um papo sem muita profundidade sobre gatos. Quando pedimos um café, seus beijos passaram a acompanhar uma mão na minha coxa, sob a mesa. Deixei que me tocasse e comecei a aproveitar a companhia. Ele sugeriu de estendermos o encontro em um motel, com um sussurro próximo ao meu pescoço, chamando o garçom em seguida para encerrar a conta. Fiz um charminho de poucos minutos, enquanto pagávamos a conta, e topei, porque havia tempo que não saía com ninguém e, apesar de os beijos não terem sido fantásticos, os toques pareciam promissores.

O problema era que a gente se animava para uma noite satisfatória antes de ela acabar. Tudo ainda funcionava muito bem enquanto estávamos no amasso, contudo, ao pularmos para a cama, ficou um tédio. Nathan estava preocupado apenas consigo mesmo, queria apagar a luz de qualquer jeito. Era o clichê do CEO ou do vampiro?

Ele não conseguiu o que desejava. Tentei fazê-lo relaxar, provoquei, incentivei outros toques, brinquei para trazer leveza ao momento; no entanto, nenhuma das minhas atitudes parecia funcionar com Nathan. Ele queria as minhas carícias do jeito dele e focadas nele, o típico homem que desejava muito e retribuía nada. Já estava sem paciência de vê-lo reduzir tudo ao ato em si.

Sem avanços, ele ficou bravo, deu certeza de que aquilo nunca acontecera antes e me culpou. Dei uma gargalhada debochada e revirei os olhos, o que o fez reclamar sobre eu não ser desejável e atraente. Vesti minha roupa linda em segundos e soltei vários xingamentos antes de ir embora, naufragando o meu clichê do CEO.

CLARICE

Dei um suspiro cansado depois de terminar de posicionar a última cadeira no círculo. Dali a pouco aconteceria a reunião de pais da escola, e a previsão era de um encontro rápido, com apresentação dos trabalhos realizados nos últimos meses. Karen, minha auxiliar, estava separando as últimas tarefas dos alunos, que seriam entregues aos responsáveis. Quando tudo estava organizado, sugeri um café na sala dos professores, antes do início da reunião.

— Parece que todos tivemos a mesma ideia antes de enfrentar as mães — Nádia comentou enquanto entregava minha xícara e a de Karen.

— Café tem papel revigorante no fim do dia — afirmou Robson, bebendo todo o seu de uma vez, enquanto fazia anotações no caderno. — Acabei de passar essa garrafa. Aproveitem!

— Santo Robson! Você é o cara! — Karen se animou com a bebida fresquinha.

— Que nada! Decidi terminar umas anotações por aqui. Afinal, sou o único que passa em todas as turmas e enfrenta muitos pais.

— Pais significam mães, certo? — afirmei antes de provar meu líquido dos deuses. Estava delicioso, contudo jamais iria elogiar Robson por algo tão simples.

Na educação infantil, as reuniões de pais podiam ser chamadas de *reuniões de mães*. Eram sempre as mulheres que estavam presentes para discutir o desenvolvimento dos filhos. Os homens não sabiam os nomes das professoras e nem dos coleguinhas da turma. Durante o ano, alguns dos pais só eram vistos nas confraternizações.

— Querida Clarice, discordo da sua visão. Acho que temos bastantes homens presentes nesta escola — contrapôs Robson, ajeitando seus óculos, que viviam caindo do rosto.

O único professor iria defender o clã, com o clássico “nem todo homem”. Eu sabia que o tinha provocado, mas me arrependi em seguida, porque discutir com Robson era cansativo. Todas as nossas conversas terminavam com discordâncias. Entretanto, se no instante anterior eu estava pensando que não alimentaria aquela discussão, no segundo seguinte, não segurei as palavras na boca:

— Você está bem equivocado, professor. São as mães que assinam as agendas, que sabem das atividades, que preparam os lanches, que estão presentes nas reuniões. Ainda gostaria de acrescentar que, quando não é a figura materna, é a avó. É sempre uma mulher que se responsabiliza pela criança.

Robson manteve sua posição, alegando que, nas outras escolas em que trabalhava, não via os pais, mas naquela era comum. Sua lembrança da última reunião era de bastante diversidade.

— Nunca vi um encontro que tivesse uma boa quantidade de homens — declarou Joice, entrando na discussão.

— Que tal ficar bem atento hoje, professor? Considerando que você comparece em todas as reuniões, conte quantos papais irão aparecer — falei com ironia, fitando Robson nos olhos. Ele era insuportável! E ainda ficava exibindo um sorrisinho bobo para mim.

— Creio ter coisas mais importantes para fazer durante meu tempo com os pais e mães de meus alunos — Robson levantou-se, fechou o caderno e se preparou para sair.

Lavei minha caneca e senti as demais professoras querendo amenizar o climão. A culpa não era minha. Aquele cara rebatia tudo que eu falava. Sem dúvidas, se eu declarasse que a manga é

amarela, Robson diria que é rosa, só para ser do contra. Havia algo mais irritante do que lidar com esse tipo de pessoa?

— Então, da próxima vez, caro colega, pense melhor antes de desqualificar o comentário de uma mulher. Com licença, que quero esperar os responsáveis na sala para a reunião.

Antes de sair, observei o apoio por meio de discretos olhares e piscadelas das demais professoras na minha direção. Não podia negar que o silêncio de Robson e seu olhar voltado para o chão tiveram gosto de vitória.

De fato, a razão estava do meu lado, infelizmente. Na minha turma, havia dez mães e dois pais, sendo que os homens estavam acompanhados das esposas. Quando chegou o momento da apresentação do professor de música, abri um largo sorriso e fiz um movimento amplo com a mão, para que entrasse na sala e observasse que estava equivocado.

Para ser justa, Robson era muito simpático e agradável com os responsáveis, um lado só conhecido por mim em momentos como aquele. Aquela tinha sido a última vez que entraria em discussões sem sentido com aquele homem; afinal, eram puro desgaste e irritação, mesmo que o sabor de vê-lo errar fosse delicioso, não valia o estresse.



A reunião na escola me fizera chegar em casa bem mais tarde e com a cabeça latejando. Exausta, engoli um remédio e fui direto tomar um banho para relaxar, ainda ponderando se iria ou não preparar um lanche ou cair na cama. Os roncos do meu estômago fizeram a decisão por mim, e montei um sanduíche rápido para o jantar. Uma refeição leve também me ajudaria naquela dor infernal, então carreguei o prato para a mesa da sala, deixando-o apoiado por lá enquanto ia buscar meu celular na bolsa. Não curtia mexer em telas quando minha cabeça estava doendo tanto, mas estava curiosa sobre novas mensagens de Yago.

Sentei-me e dividi a atenção entre o aparelho e o sanduíche. Dei uma mordida e abri as mensagens. Desde que perguntara como ele estava em Porto Alegre, estávamos nos comunicando todos os dias, sem nenhuma informação muito relevante ou significativa sobre nós dois. Ainda não entendia se ele também sentia aquela inquietação quando me escrevia ou se havia alguma chance de nos reencontrarmos, mas, no dia anterior, tínhamos conversado por uma meia hora, sobre o trabalho dele no Sul, meu sonho de abrir uma

escola montessoriana e assuntos vagos que apenas nos atualizavam sobre a vida um do outro.

Bárbara tinha sugerido mandar um *nude*, que deixaria o assunto mais quente e focado. Era a cara dela partir para o tudo ou nada, mas eu só decidi escutá-la quando meu telefone tocou, e era Yago fazendo a primeira chamada de vídeo para mim. Puxei pela cabeça a camisola de algodão de ursinhos e enfiei uma vermelha rendada, bem sexy. Só consegui atender na quarta chamada, todavia tentei fingir que a roupa íntima era típica de uma terça-feira comum.

Sorri, deixando meu decote visível, e meu coração acelerou no peito. Yago não tinha mudado quase nada, com exceção de os cabelos estarem mais ralos. Diferente de mim, estava com um pijama azul bem-comportado, sentado em uma cadeira de escritório, com fones de ouvido. Percebi seu olhar na camisola e acomodei-me no sofá, posicionando o celular de tal forma que ele pudesse me ver por inteiro. O problema era que eu não sabia o que falar! O coração batia a mil, as mãos suavam e a boca havia secado.

— Clá, você está ainda mais linda! Acho que não sou cardíaco, porque, se não morri com essa visão agora, posso considerar meu coraçãozinho saudável.

Barbs sempre tinha razão, porque bastou uma esquentada para avançar no assunto “nós dois”.

Fala alguma coisa legal, Clarice! Era tudo que passava na minha cabeça.

— Obrigada! Acabei de chegar exausta de uma reunião e só queria um banho e uma camisola confortável.

O homem riu, porque era inegável que aquela roupa não era sinônimo de conforto. Já disse que a risadinha discreta dele me deixava eufórica?

— Você está ótimo também, Yago. Os anos foram generosos contigo.

Clarice, é você falando ou sua avó? Passei a mão no rosto, nervosa, me sentindo um pouco adolescente.

— Clá, você sempre maravilhosa, com seu jeitinho! Resolvi ligar porque estava lembrando da nossa formatura. Vi umas fotos de nós dois, mais cedo.

O baile tinha sido inesquecível mesmo. Eu me recordava de muitas daquelas fotografias e de como traziam o riso apaixonado de dois jovens recém-formados com um futuro cheio de possibilidades. Nosso amor era concreto em pequenos gestos, como a mão dele sempre na minha cintura e minha cabeça apoiada em seu ombro.

Vendo aqueles registros, qualquer um diria que tínhamos uma linda e longa história de amor para construir; no entanto, não fazíamos ideia de que tudo acabaria em semanas.

— Foi mesmo muito especial e deixou memórias ótimas... — Suspirei antes de completar: — A gente se gostava demais.

Corei como as mocinhas dos livros. Ainda tinha idade para ficar de bochechas vermelhas? Os olhos dele ficaram doces, como se tivessem voltado no tempo comigo.

— Fiquei muito mal quando terminamos, Clarice. Nunca comentei contigo, mas me senti devastado. Na minha cabeça, você viria comigo para o Sul.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir o que nunca havia imaginado. Pisquei e sorri para disfarçar. O que teria acontecido conosco se eu tivesse ido para Porto Alegre em vez de ter chorado e gritado para Yago me esquecer?

— Por que você não me convidou para te acompanhar? — Era essa a pergunta que andava presa na minha garganta.

— Você reagiu tão mal na época, e a gente era tão novo para casar e mudar de vida. No fim, pareceu melhor encarar sozinho e deixar as coisas como estavam — Yago tentou explicar, meio sem graça ao enfrentar suas conclusões do passado.

Reposicionei meu corpo no sofá, sentindo a boca seca, decidindo ser sincera com meu antigo namorado sobre como me sentia com relação ao nosso término.

— Sei que isso não vale nada agora, mas me arrependo de não ter parado e pensado melhor. Não sei se teria ido, mas sinto que poderíamos ter conversado mais.

Depois da minha declaração, escutei o que estava esperando desde que Barbs mandara a mensagem naquela noite. *Ah, meu Deus!* Era verdade que aquilo estava acontecendo?

— Eu quero te ver, Clarice! Preciso te ver.

Com o coração acelerado, passei a mão pelo colo, de forma não intencional, contudo senti o olhar fixo dele nos meus movimentos.

— Você já está me vendo! — brinquei e me arrependi de imediato. *Que coisa mais sem graça de se falar, Clarice!*

— É verdade — Yago respondeu entre risadas. — Digamos que o que eu quero é te tocar... urgentemente.

Como se já não tivesse ficado corada antes, agora estava vermelha, igualzinha à minha camisola. Era impossível negar: ansiava por vê-lo e também por beijá-lo, tocá-lo e levá-lo para minha cama!

— Tem feriado no próximo mês...

— Não posso esperar tanto, Clá! Vou tentar ir ao Rio no outro fim de semana. Queria ir neste mesmo, mas não posso. Sendo bem sincero, eu gostaria de estar em um avião agora.

— Vou esperar contando os minutos. Mas tem coisas que podemos fazer mesmo separados, não?

Animada com nosso reencontro agendado, botei fogo naquele papo, com um *nude* ao vivo, porque era como se o passado tivesse acontecido dias atrás e Yago ainda mexesse comigo e minhas recordações. Quando desligamos, uns minutos depois, havia a certeza de que eu o deixara com ainda mais vontade de pisar em solo carioca.

CLARICE

A quarta-feira tinha sido uma correria, e dar umas boas braçadas na piscina iria me relaxar. Um pouco antes da natação, Yago confirmara sua viagem para o Rio de Janeiro dali a dez dias. Ainda não tinha dado detalhes a Bárbara, porque havia coisa mais gostosa que deixar a amiga curiosa? Em especial, quando essa mulher era bastante competitiva e amava uma fofoca? No início da manhã, tinha enviado apenas a seguinte mensagem, cuja formalidade dava um toque especial   brincadeira:

*Bom dia, srta. Bárbara.
Venho, por meio desta, informar-
lhe que o sr. Yago estará no Rio
de Janeiro em alguns dias.
Solicito que se esforce mais ou irá
gastar um bom dinheiro comigo.
Detalhes apenas após a nata o.
Grata pela aten o, Clarice.*

O áudio que recebera dela, entre risos e irritação, não poderia ser descrito. Provocar minha amiga era uma das minhas atividades favoritas, ainda mais quando o assunto era tão bom quanto aquele.

O humor de Bárbara andava tão ruim que ela havia feito questão de implicar comigo até durante a aula: nadara com maior esforço para chegar na minha frente e me deixar comendo a água das batidas de seus pés. Eu jamais deixaria aquela atitude sem volta, então dei uma empurrada de leve quando Barbs ia sair da piscina e passei na frente.

— Termina logo de se vestir, porque quero saber de tudo, Clarice!

— Vamos lá para casa e pedimos uma pizza — sugeri, certa de que Bárbara aceitaria ir para qualquer lugar, desde que eu abrisse a boca.

Em poucos minutos, já estávamos no carro. Ela tentou puxar papo sobre Yago, mas fiquei cantando as músicas que tocavam na *playlist* dela. Como morava bem perto da academia, levamos poucos minutos para chegar ao apartamento. Ainda querendo provocar Bárbara, comecei uma discussão sobre o sabor da pizza, adiando ao máximo a conversa sobre Yago, e o resultado foi que

minha amiga caiu como um patinho e já estava bufando de raiva e irritação.

— Se você não me contar logo, vou jurar que é invenção — ela resmungou, fazendo uma careta e cruzando os braços.

Sentei-me numa cadeira na sala, pedi a pizza e, só então, expliquei, com todos os detalhes, o que tinha acontecido na noite anterior. Como uma pessoa curiosa, Bárbara ouviu tudo sem me interromper.

— Não acredito que vou perder a aposta!

— Você podia ficar feliz por mim, não? Reviver um grande amor, depois de dez anos! Ele queria que eu tivesse ido para Porto Alegre, Barbs!

— Claro que estou radiante por você, amiga! Não sou muito crédula sobre o tema “amor da sua vida”, mas tem uns casos por aí que confirmam. Espero de coração que tudo se encaixe, porque você merece ser muito feliz!

Eu a abracei com força e ainda brinquei que a senhorita Lopes também podia acreditar no “felizes para sempre”.

— Apenas para as outras pessoas, Clá, mas não vou abandonar a aposta. Se conseguir os cinco encontros antes de Yago vir ao Rio de Janeiro pela segunda vez, eu ganho! Será o

melhor final: você com sua grande paixão, e eu curtindo a vida de graça em um resort cinco estrelas.

Dei uma gargalhada, porque não me importaria de pagar a aposta, já que ela tinha sido o pontapé inicial para resolver um amor abandonado havia dez anos. A expectativa de ser feliz com aquele homem me deixava tão nas nuvens que nem briguei com Barbs pelo sabor da pizza: lá vinha a calabresa!

Minha amiga pediu para tomar uma chuveirada enquanto eu me dedicava na preparação de uma limonada. Quando estava terminando o refresco, o interfone tocou. Mesmo com a mão suja, segurando um limão, atendi o toque vindo da portaria, imaginando ser o *delivery*. Não entendi direito o que foi falado e pedi para repetir. Tentei responder, mas acabei me engasgando de leve, surpresa, ao ouvir melhor quem estava na portaria.

Não era a pizza muito aguardada, mas, sim, Robson, o insuportável! O que aquele homem estava fazendo na minha casa? Ele já passara ali uma vez, em uma noite de cinema com os colegas do trabalho, e eu sabia que morava a poucas quadras de distância, mas eu nunca havia falado que ele era bem-vindo para aparecer sem avisar, quando quisesse.

Autorizei a entrada, deixei o limão na pia e esperei à porta. Robson estava de bermuda, camiseta e tênis, como se tivesse retornado de uma caminhada. A última vez que o vira tinha sido no dia anterior; no entanto, como ele não trabalhava na escola às quartas-feiras, imaginei que algo urgente ocorrera hoje para que ele aparecesse na minha casa durante a noite em vez de falar comigo no dia seguinte, quando nos encontraríamos no trabalho.

— Boa noite, Clarice — ele me cumprimentou, constrangido.

— Boa noite, Robson. O que houve? Aconteceu alguma coisa importante?

Ele negou com a cabeça e a mão.

— Eu já estava imaginando os piores cenários para sua presença aqui — declarei, respirando fundo, e percebi que ele ficou ainda mais sem graça. — Entra.

— Eu não quero tomar muito do seu tempo, Clarice. Só queria me desculpar por ontem — o homem confessou, arrumando os óculos metálicos e me fitando ao dar um passo para dentro.

Por um momento, apenas o encarei de volta, confusa com o assunto. Então, fechei a porta e me lembrei da pequena discussão sobre pais e mães na reunião da escola. Seria esse o motivo? A gente vivia argumentando um contra o outro.

— A pizza chegou, Clá? — Bárbara apareceu na sala, de vestido florido e chinelos, secando os cabelos. — Ai, desculpa, não ouvi que tinha visita.

— Robson não é visita — corriji, me dirigindo à minha amiga.

O homem já demonstrava estar arrependido de ter aparecido na minha casa. Nunca o vira tão desconfortável, reposicionando os óculos e mexendo as mãos, como se quisesse sumir.

— Eu que peço desculpas por aparecer sem avisar, deveria ter me desculpado por telefone. Você tem toda razão sobre a ausência dos pais. Em minha defesa, era tão ruim nas outras escolas, que tudo pareceu melhor nessa.

O interfone tocou de novo, e só virei de costas para meu colega, o deixando na sala, enquanto ia para a cozinha atender. O porteiro informou que o entregador da pizza estava subindo. *Aleluia!* Não conseguia compreender por que Robson tinha se preocupado em se deslocar até ali durante a noite, se poderia me dizer aquilo pela manhã. O importante era que a chegada da refeição abria a deixa perfeita para ele ir embora.

— Robson, fico feliz que você tenha percebido a falta significativa dos pais, mas não era preciso vir até aqui.

Bárbara sentou-se no sofá e ficou nos observando, apoiando os cotovelos nos joelhos. Estava com seu sorriso de lado, malicioso, que eu conhecia bem e que significava que alguma ideia absurda passava por sua cabeça. Estava curiosa sobre o que seria, mas, no momento, precisava garantir que o homem partisse. Todo aquele papo estava me deixando sem saber como agir diante dele.

— Receei que, se mandasse uma mensagem, você pensasse que eu estava debochando — ele explicou, dando de ombros. — Além disso, gosto de caminhar no fim do dia e sempre passo pelo seu prédio.

— Bom, você estava certo em achar que eu entenderia como deboche, então não ouse me defender.

Robson deu uma gargalhada com meu comentário e aliviou o clima estranho entre nós. Pela primeira vez, rimos juntos e percebi que ele tinha covinhas. Nunca tínhamos sido íntimos; todavia, era impossível não concordar que, se ele viesse com um papinho de desculpas por mensagem, acharia que era uma piada para rir da minha cara.

A campainha anunciou a chegada da pizza no momento perfeito para que Robson fosse embora. Ele notou a situação

propícia e já estava se despedindo de mim, quando Bárbara resolveu abrir sua boca enorme:

— Robson, se junte a nós para a pizza. Clarice não curte calabresa, então vai sobrar muita comida! — Ela sorriu e o chamou com a mão para se sentar no sofá, perto dela.

O olhar do homem se fixou no meu, em busca de concordância. O choque me impediu de expressar qualquer coisa. Até meus olhos deviam estar vazios.

Barbs levantou-se, fechou a porta e nos incentivou a avançar pela sala. Robson sorriu para minha amiga e sentou-se ao seu lado. Eu retornei para a cozinha, bufando de raiva. Não duvidaria que ela captara minha aversão ao professor e só queria me provocar por ter demorado a contar sobre Yago.

Comecei a separar a louça e o refresco e fiquei escutando a conversa animada dos dois. Parecia outro homem, bem distinto do que eu conhecia. Estava relaxado, falante, mas sem falar demais ou dizer besteiras, e se mostrava muito interessado nos comentários de Bárbara. Ao entrar na sala com os utensílios, no entanto, percebi que o silêncio reinou. Robson voltava a ser caladão.

— Clarice, você sabia que a pizza favorita dele é de calabresa também? — Barbs informou enquanto servia fatias para nós três.

O celular de Robson tocou, e ele sugeriu descartar a ligação. Minha amiga, para variar, falou para que atendesse, pois ficaríamos quietinhas. Comemos em silêncio enquanto eu demonstrava para Bárbara que não tinha gostado do convite, mas tudo que ela fazia era fingir que não entendia e sorrir para o homem na sala.

— Era minha avó. Somos muito próximos, e no sábado é aniversário dela. Ela fica me cobrando que nunca apresento uma namorada. Ela fala como se conhecer uma moça que esteja comigo fosse seu melhor presente! — Robson riu de si mesmo e comeu mais um pedaço de pizza.

— E se eu te ajudar? Poderia ir contigo no aniversário da sua vizinha.

Eu tossi, me engasgando de leve com a cara de pau de Bárbara. Ela estava se insinuando para meu colega de trabalho? Senti umas batidinhas nas minhas costas, vindas dela, enquanto mantinha sua atenção direcionada ao alvo.

Mas o mais surpreendente foi ver Robson abrir um sorriso sexy. Quem era aquele homem? Como podia ser tão retraído e insuportável comigo, mas cheio de charme para Bárbara? As covinhas se aprofundaram em seu rosto e fizeram uma combinação linda e sedutora.

— Você sugeriu mentir para a avó dele? — perguntei, confirmando minha surpresa.

— Não seria uma mentira, poderia ser só um encontro — respondeu Robson. — Eu ficaria encantado se você me acompanhasse, Bárbara.

Ela riu, levantou o copo de limonada e brindou com meu colega.

O que eu faria se minha melhor amiga namorasse o homem mais chato do planeta Terra? Bárbara iria apostar no clichê da namorada por conveniência, um dos mais comuns na literatura. E, se tivesse a mesma sorte das mocinhas dos livros, haveria uma grande chance de formar um casal fofo e adorável com aquele professor de música.

BÁRBARA

Enchi minha xícara de café pela segunda vez e sentei-me no sofá para apreciá-la. Tinha pedido a manhã de folga, pois Gisele, Sofia e Bruno chegariam ao Rio de Janeiro. Como o segundo quarto no apartamento era uma mistura de quarto de hóspedes e estante de livros, minha amiga de infância só precisaria trazer seus objetos pessoais; os móveis ficariam guardados no Rio Grande do Norte até Gisele arrumar um apartamento. Com tudo combinado por telefone, não havia motivos para adiar sua chegada.

Parte de mim ficava pensando como seria ter um bebê de um ano em casa, sendo que meu jeito com crianças era inexistente. Choro, vômito, atenção a objetos pequenos, bagunça com comida e fraldas cheias de cocô e xixi comporiam um tempo bem diferente de tudo que já tinha vivido. A presença de Bruno também me preocupava. E se ele fosse um folgado, um mulherengo ou trouxesse namoradinhas para dentro da minha casa? Minha mãe jurava que era um rapaz tranquilo e muito bem-educado, mas o que mamãe sabia da intimidade dele?

Contudo, apesar de alguns receios, minha visão era bem otimista. Gisele e eu sempre nos déramos muito bem. A previsão de chegada deles no Rio de Janeiro era às dez da manhã. Tinha combinado de buscá-los no aeroporto e, enquanto tomava meu café, desviava minha atenção para o celular, vez ou outra, para verificar as horas.

Havia uma mensagem de Clarice, que estava meio chateada comigo por causa do professor. Mas como eu iria deixar o clichê do namoro por conveniência me escapar assim, ainda mais quando ela estava quase ganhando a aposta? Depois que o homem fora embora, ela fizera uma lista dos seus defeitos e de como ele era chato. Eu só a relembra de que já tivera dois encontros péssimos e que Robson parecia muito agradável.

Às nove horas da manhã, estava pronta para sair. Tinha abusado do conforto, já que, à tarde, teria que voltar para a calça social e terninho. Vesti um macacão pink curtinho e sem mangas, porque o calor parecia digno de dezembro, embora ainda fosse outubro, e coloquei meus óculos escuros enquanto o cabelo secava ao natural, o que aumentava o volume.

Cheguei com tranquilidade ao aeroporto, e o avião vindo de Natal pousou dentro do horário previsto. Após quinze minutos, vi

Gisele surgir, com Sofia dormindo em um daqueles carregadores de bebê, e, logo atrás dela, apareceu um homem, que imaginei ser Bruno, puxando três malas e equilibrando três mochilas nas costas. O irmão de Gi já era um homem? *O tempo voou mesmo.*

Já minha amiga não tinha mudado muito desde a última vez que nos víamos, quando ela acabara de descobrir a gravidez. Os cabelos compridos estavam tingidos do mesmo loiro-médio que Gi usava desde a adolescência. Na época, as pessoas riam de nós juntas pelas diferenças físicas: eu, gorda e alta, e ela, magríssima e baixa. Tinha sido uma fase de *bullying* muito difícil para as duas.

O sorriso e os olhos castanhos da minha amiga brilharam quando ficamos próximas. Eu queria abraçá-la forte, mas fiquei confusa com Sofia dormindo no carregador. E se machucasse a bebezinha ou a acordasse? Gisele me enlaçou pela lateral, e trocamos um beijo na bochecha.

— Babi — se preparem, porque os apelidos aumentaram —, estou tão feliz em te ver! Não sei nem como te agradecer, amiga!

— Estou muito contente em ter vocês aqui perto! Sofia é linda demais! — Abaixei-me para olhar a menininha dormindo, com seu rosto de anjinho e os cabelinhos escuros.

— Você lembra do Bruno, né? Quando se viram pela última vez? No chá da Sofia?

Ela abriu um espaço, e ficamos frente a frente. Ele era um homem gordo, bem alto, cujos cabelos me lembravam o Anjinho, da Turma da Mônica, só que eram escuros. Os olhos castanhos, como os da irmã, estavam mais fechadinhos pela forma ampla como sorria.

Ele se aproximou e me abraçou apertado.

— Eu não estive no chá da Sofia. Estava trabalhando em São Paulo, lembra? Tudo bem, Bruno? Minha última lembrança é... — Parei antes de falar, porque não queria relembrar o casamento da minha amiga, quando ele tinha acabado havia tão pouco tempo.

— É de quando eu ainda era um garoto, né? Bárbara, muito obrigado por tudo.

— Chega de agradecimentos! Vamos? Ajudo você com as malas — ofereci, esticando minha mão para puxar uma delas.

— Pode ficar com essa de rodinhas. Eu aguento as outras.

Ainda não sei como colocamos a bagagem no carro, mas aquela famosa frase de “no fim, tudo dá certo” tinha funcionado por ali. Enquanto seguíamos rumo à minha casa, ficamos nos

lembrando da infância. Como éramos unha e carne, não havia segredos (muito) constrangedores entre nós.

Gisele era minha colega na escola desde a alfabetização; tínhamos trocado o lanche (eu queria a banana dela e Gi pedira a minha maçã) e nunca mais nos separado. Era essa a história que sempre ouvíamos da minha mãe. Morávamos a uma quadra de distância e estávamos sempre uma na casa da outra. Repartíamos as bonecas e a imaginação nas brincadeiras, estudávamos para as provas e fazíamos os trabalhos em grupo.

Quando minha mãe se casara com Raquel, alguns amigos sumiram e foram proibidos de ir à minha casa, por puro preconceito. Gisele tinha seguido comigo. Compartilhávamos nossos sonhos e, conforme íamos crescendo, nossa primeira menstruação, o primeiro *crush*, o primeiro beijo, a primeira transa e os desejos profissionais.

Nós queríamos cursar administração. Ela passara para a universidade local, e eu, para a do Rio de Janeiro. Sempre quisera voar. Minha amiga sabia disso e, apesar da dor da distância, estávamos felizes uma pela outra, conversando aos fins de semana com apoio da internet discada. O avançar da vida adulta e do trabalho acabara reduzindo ainda mais os nossos encontros; entretanto, estar junto dela trazia de volta aquela sensação familiar

de carinho, segurança e apoio. Estava cheia de expectativas para desfrutarmos juntas dessa nova fase das nossas vidas.

Chegamos ao apartamento e fiquei de olho no horário para ir ao trabalho. Sofia tinha acordado e chorado horrores quando eu a pegara no colo. Diferente de mim, Bruno parecia ter o dom da Mary Poppins. Afinal, me surpreendeu ver como a garotinha se mantinha sorridente e dando gritinhos animados junto dele. O rapaz sugerira que a irmã se deitasse um pouco, já que a menina dera trabalho durante o voo, tendo adormecido apenas poucos minutos antes da aterrissagem.

— Que bom que você não é uma mulher de bibelôs, Bárbara, já que nenhum sobrevive à Sofia.

— Não se preocupe. Tirei do alcance tudo que possa ser quebrado ou perigoso e protegi as tomadas — pontuei enquanto mostrava onde Bruno poderia encontrar os utensílios de cozinha, as coisas do banheiro e o mínimo para se sentirem à vontade.

— Você é incrível mesmo — o rapaz falou, tocando no meu braço. Não era nada de mais, mas fiquei sem graça.

— Quero que vocês se sintam em casa. Podem comer o que quiserem, a senha do *wi-fi* está no quadrinho de avisos, e os controles da TV estão no bolso da poltrona.

— Prometo que vamos ficar bem. Vou começar preparando o almoço. Você me acompanha? — comentou Bruno enquanto montava um cercadinho com brinquedos para Sofia, na sala, e ligava a TV em um desenho com uma porquinha rosa estranha, que falava.

A menina bateu palminhas ao ver a figura na tela. Dei um sorriso, encantada com seu jeitinho fofo, sorridente e animado. Enquanto eu observava a garotinha mandar beijos com a mãozinha para a personagem da TV, Bruno terminou tudo e imitou um porquinho para sobrinha, o que a fez dar uma gargalhada alta e gostosa.

— Vamos lá? — ele perguntou, virando-se para mim.

— Então, eu mal sei fritar um ovo — mencionei enquanto tapava o rosto com as mãos.

— O convite não é para você cozinhar, mas seria legal ter companhia e também mais fácil para achar os utensílios.

Havia o mínimo de materiais necessários para o funcionamento de uma cozinha na minha casa? Meu pensamento ficou listando tudo que não tinha porque nunca usaria.

— Sofia fica sozinha? — questionei com receio.

— Relaxa, vou colocar a babá eletrônica aqui e levar a minha junto com a gente. Ela ama a Peppa, está vendo?

Franzi o cenho, sem entender nada, e devia ter feito uma careta estranha, porque Bruno deu uma risada.

— É o nome da porca.

Sofia, de fato, estava mexendo em alguns blocos de brinquedo, mas tinha os olhos fixos na TV.

Bruno se entrosou com meu fogão, a geladeira, panelas e talheres. Decidiu fazer um espaguete *ao pesto*. A sorte era eu ter ido ao mercado no dia anterior, porque minha geladeira andava em um estado lastimável. O rapaz tentou me explicar a receita, disse que podia substituir as nozes pelos amendoins que eu tinha e garantiu minha aprovação.

Enquanto ele cozinhava com uma naturalidade admirável, fui fazendo perguntas para conhecê-lo melhor. Descobri que cursava enfermagem e sua expectativa de formatura era para o final do próximo ano. Antes disso, tinha feito um curso de auxiliar de enfermagem e trabalhara em dois hospitais no Rio Grande do Norte. Afirmou que era apaixonado pela saúde e pelo cuidado com o próximo, e eu comentei que roubaria sua frase pronta para o slogan

de algum cliente. Pela primeira vez, ouvi sua gargalhada. Alta, livre, ruidosa e fofa!

Bruno queria se especializar na área de obstetrícia, e o ouvi discursar sobre o cenário do Brasil como campeão das cesáreas no mundo, sobre as violências obstétricas e como as mulheres sofriam para ser respeitadas em seus partos. Pude perceber o quanto aquele assunto fazia os olhos dele brilharem.

— Desculpe, Bárbara. Perco a noção do tempo e do bom senso quando falo disso. Não consigo ser sucinto.

— Eu não tinha nenhuma ideia sobre essas coisas. Na verdade, não sei nada sobre partos, bebês, hormônios — declarei enquanto lavava as folhas de manjerição.

— Vou aproveitar a tarde para enviar mais currículos. Pretendo ajudar a Gi também a revisar e atualizar o dela — afirmou Bruno enquanto colocava tudo no liquidificador.

A babá eletrônica indicou que Sofia tinha começado a chorar quando o tio estava lidando com macarrão e água quente. Ofereci-me para pegá-la. Cheguei à sala, abaixei-me e tentei conversar com a criança, mas o choro não parava. Ela devia estar estranhando a casa e a mim também. Tentei pegá-la no colo, sem sucesso. Foi

quando estiquei a mão e a convidei para me acompanhar até a cozinha, para ver Bruno.

— Acabou a Peppa? Titio está preparando o *papá*.

Bruno entregou dois potinhos de plástico e uma colherzinha de chá para a sobrinha. Ela se sentou à porta da cozinha, bem longe do fogão, e transformou os utensílios no melhor dos brinquedos.

Em poucos minutos, o almoço estava servido e o cheiro era ótimo. Faltavam quarenta minutos para que eu precisasse entrar no trabalho, e de jeito nenhum deixaria de provar a comida caseira na companhia dos três. A refeição foi barulhenta, com muitas risadas, sujeiras e gracinhas de Sofia.

Eu não sabia quem estava mais grato dentro daquela casa. A presença de amigos queridos me fez tão bem que senti como se meu apartamento tivesse florescido.

CLARICE

Bárbara perturbara meu juízo no sábado, pois queria levar os amigos para passear no domingo, curtir um banho de mar e aproveitar o Rio de Janeiro. Só não entendia por que o planejamento envolvia areia, sol e água salgada, já que as praias do Rio Grande do Norte eram lindíssimas. Eu teria preferido uma volta no Jardim Botânico ou na Urca.

Sabe o que era pior? Bárbara queria ir para Niterói. Tudo porque Gisele tinha visitado a cidade quando Barbs ainda era estudante e conhecido uma tal prainha tranquila para Sofia. Eu esperava que o deslocamento valesse a pena.

Acordei cedo, tomei minha xícara de café, vesti o maiô da natação e... odiei! Simples e sem graça, específico para a prática do esporte, ele não combinava com um domingo. Troquei pelo biquíni e me senti insegura. Prendi os cabelos em um coque frouxo e fiquei me observando no espelho. O modelo era meu favorito, lindíssimo, com busto bem parecido com um sutiã, o que me dava segurança, e

a parte inferior de estilo *hot pants*, na mesma estampa de listras brancas em fundo vermelho.

Virei para um lado e para o outro, diante do espelho. Sabia que minha preocupação era com a opinião dos outros, porque me agradava a forma como aquele biquíni ficava no meu corpo, mas minha barriga grande continuava lá, assim como minhas estrias e celulites. No fim, eu poderia ficar observando e pontuando cada parte minha que não estava dentro do padrão, ou escolher seguir como estava e me divertir.

Toda vez que o programa era praia, perdia aquele tempo numa discussão com o espelho. Nos últimos três anos, o biquíni vencera todas as disputas contra o maiô sem graça da natação, o que me deixava orgulhosa. No início, costumava ser mais difícil, porque, quando chegava à areia, me recusava a tirar a roupa que cobria o traje de banho e ficava apenas lendo, bebendo água de coco.

Aproveitei minha conversa com o espelho para passar o protetor solar e, com uma minibolsa pronta, fiquei aguardando a chegada da minha amiga. Vi uma mensagem da noite anterior, de Yago pedindo meu endereço, enviei os dados e depois comentei que estávamos indo à praia. Ele respondeu de imediato, o que me surpreendeu em um domingo cedo, falando que estaria bem

atarefado, mas que eu poderia mandar uma foto de biquíni. Li e acabei não respondendo, em parte porque fiquei sem graça, mas também porque Bárbara acabara de chegar. Ela parecia feliz, e a curiosidade estava me matando para saber como tinha sido o encontro na casa da avó de Robson.

Abri a porta do carona do carro e acenei, cumprimentando Gisele, que já era conhecida desde um aniversário de Bárbara, na última vez que a moça estivera de visita no Rio. Ela estava sorridente, sentada ao lado de Sofia, que sacudia seus brinquedos na cadeirinha enquanto conversava com animação, do seu jeitinho. Bruno estava do outro lado da cadeirinha, e fui com a cara dele instantaneamente. Ainda era gato, detalhe que Barbs não me contara, além de um homem, e não um rapazinho. Assim que me posicionei ao lado da minha amiga motorista, dei um sorriso para ela e partimos para a praia.

— Sofia, conta para tia Babi que você é especialista em castelos de areia! — declarou Bruno, mostrando o baldinho de plástico para a sobrinha.

A ideia de Bárbara como tia me chocou, porque nunca tinha visto alguém tão sem jeito com crianças. Me curvei para trás e

comecei a bater um papo com a menininha. Precisou de pouco tempo para que estivéssemos interagindo.

— Clarice, você se dá bem com os pequenos! — comentou Gisele, rindo ao ver a conversa entre mim e Sofia.

— Amiga, ela é profissional, então não vale! — Bárbara gritou do banco do motorista. — Vou pedir umas dicas para conquistar essa gatinha.

Comecei a conversar com Gisele sobre Sofia. Afinal, não havia assunto que rendesse mais com uma mãe do que falar da cria. Começamos no parto, que tivera apoio do irmão e fora bem assistido, passamos pela dificuldade da amamentação, o fato de que a bebê dormia mal, mas vinha melhorando bastante, e terminamos na ideia de colocá-la em uma escola. Prometi conversar com a diretora para tentar uma bolsa de desconto para minha mais nova amiguinha.

O trânsito da manhã ajudou, e chegamos à tal praia de Itacoatiara em cerca de quarenta minutos. Não daria meu braço a torcer, mas que lugar mais lindo! A tal prainha ficava em um canto e, como tinha muitas pedras, o mar chegava bem calmo à areia.

Estendemos nossas cangas e colocamos duas espreguiçadeiras embaixo de um guarda-sol. O rapaz logo se

ofereceu para ser o motorista do retorno, caso Bárbara quisesse beber e não se importasse com outra pessoa dirigindo seu carro. Mesmo sendo bem cedo, o local e o calor nos permitiriam uma cerveja.

Eu e minha amiga ficamos nas cadeiras, enquanto Gisele e o irmão sentavam-se na canga com Sofia, brincando na areia. Brindei com Barbs nossa cerveja gelada e fiquei ali, curtindo a brisa e o sol. Estava querendo fazer perguntas sobre o encontro, mas só consegui quando os outros dois foram brincar no mar com a pequena.

— Você veio de biquíni ou de maiô de natação, Bárbara? — questionei, insegura de ser a única mulher gorda de biquíni.

— Clá, você cogitou colocar o maiô de natação? — Minha amiga levantou os óculos escuros para me olhar melhor e fez uma cara tão feia que agradei ter escolhido a roupa de banho certa. — Clarice, você é maravilhosa e fica divina no biquíni listrado.

— Estou com ele, sim, mas não foi fácil, ainda mais sabendo que Gisele é tão magrinha... — expliquei melhor a questão para minha amiga.

— Não foi simples para mim também, mas o problema é de quem se incomoda com meu corpo, lembra? Ninguém tem nada a

ver com isso!

— Yago me pediu uma foto com *meu belo traje de banho*, e não consegui enviar — confessei, olhando para o mar.

— Você já fez um *nude* online e ao vivo! Está com vergonha do quê? — Bárbara gargalhou, tomando mais um gole da cerveja.

Não consegui segurar o riso, porque ela tinha total razão. Logo depois, minha atenção captou os gritinhos felizes de Sofia quando Bruno e Gisele começaram a enterrar seus pezinhos na areia. Era tão bonito vê-los brincando.

— Como tem sido desde a chegada deles? — perguntei, imaginando qual seria a resposta.

— Está sendo ainda melhor e mais fácil do que pensei. Na sexta, tinha jantar pronto e assistimos uma série, nós três. Ontem, passamos o dia organizando as coisas, e foi tranquilo e divertido. Quando voltei do encontro, eles estavam vendo TV, e eu pedi uma pizza. Compartilhamos histórias minhas aqui no Rio de Janeiro, e acredita que até Pãopão e Manteiga estão mais contentes? Eles são maravilhosos! — Bárbara pontuou enquanto se juntava a mim para observar os amigos e a criança.

— Que coisa boa, Barbs! Tem só um pequeno detalhe: Bruno não é um garoto como você falou... — lembrei o fato mais estranho

da manhã.

— Eu também me assustei, porque, na minha cabeça, ele devia ter uns vinte e dois anos, mas descobri que são vinte e seis. Estou ficando velha...

— Além de ser um homem, é gato, né? — constatei antes de tomar mais um gole da cerveja.

— Ele é bonito, não vou negar, mas ainda vejo um menino quando olho para ele. — Bárbara indicou com a cabeça para Bruno rolando na areia com Sofia. — E Robson é mais gato, amiga!

A oportunidade perfeita tinha chegado para minhas perguntas.

— Como foi o encontro? Ele vai ser seu clichê? — Tomei mais um gole da bebida, ansiosa e mentalizando que ela falasse “não”.

— Robson é um cara incrível, divertido demais! Nunca ri tanto em um encontro. Ele é fofo com a família, foi atencioso comigo e conversamos muito. Eu até dancei com suas primas e, bom, coladinha nele também.

Eu nem sabia que Robson era tão próximo da família. Aquela descrição não era compatível com o homem que conhecia, tão sem sal, mas parecia que tinha futuro com Bárbara. Deus me desse paciência para aturá-lo!

— Contudo, dona Clarice, sinto informar-lhe que ele não será meu clichê. Já cortei o namoro por conveniência da listinha. Depois de conhecê-lo e bater um papo, percebi que a amizade é nosso futuro, sabe? — completou minha amiga, terminando sua garrafinha de cerveja.

— Rolou beijo? — A curiosidade estava me matando.

— Não. Descobrimos que não tinha química logo no início do papo.

— Que alívio! Não sei se aguentaria Robson fora da escola, sendo seu namorado — confessei a verdade que estava na minha cabeça.

— Você precisa dar uma chance para conhecê-lo melhor. É um cara muito legal e de ótimo humor!

Ficamos em silêncio, observando os três brincando no mar. Bruno retornou e nos convidou para entrar, enquanto ele ficaria ali, cuidando dos pertences. *Um amor* era o irmão de Gisele. Bárbara se levantou, e a observei tirando o vestido. Felizmente, estava de biquíni também. Sorri para minha amiga quando ela estendeu a mão para mim. O gesto, mais do que uma ajuda, era de completo apoio. Puxei minha saída de praia pela cabeça, agarrei a mão dela, e

fomos caminhando em direção ao mar. Enfrentar aquilo juntas sempre nos tornava mais fortes.

Os incomodados com o corpo gordo que olhassem para o lado. Nosso lugar na praia ninguém iria tirar! Assim, minha foto foi enviada para Yago enquanto voltávamos cansados para casa, cheios de sal e felicidade.

CLARICE

Estava morrendo de fome, então aproveitei meu transporte de ônibus entre um colégio e outro para comer uma maçã, que carregava na bolsa. Tinha saído bem atrasada da escola da manhã, devido a uma demanda da diretoria, e agora precisava chegar em quinze minutos no emprego da tarde. Sem horário de almoço para mim naquela quinta-feira, mas meu humor não seria alterado, porque faltavam dois dias para a chegada de Yago no Rio de Janeiro.

Como meu ponto estava se aproximando, enrolei o resto da maçã no saquinho, catei minha bolsa, meus livros e saltei do ônibus, bem em frente à escola. Dei uns cinco passos e, pela pressa e desatenção, pisei em um buraco, virei meu pé e caí estatelada no chão. Meu material escolar voou longe, e percebi que algumas pessoas dentro da escola tinham visto meu tombo e caminhavam na minha direção, para me ajudar. Apoiei as mãos no chão e, ao levantar sozinha, percebi que as palmas estavam raladas, assim como meu braço esquerdo.

— Clarice, você está bem? — perguntou o senhor da portaria, pegando minhas coisas no chão.

Afirmei com a cabeça, mas, quando dei o primeiro passo, senti uma dor forte nas costas. Xinguei uns palavrões na minha mente, já que alguns alunos se aproximavam para me abraçar ao que entrei andando devagar na escolinha. Conforme fui caminhando em direção à sala, a dor foi aumentando. Todo movimento que fazia incomodava ainda mais. Observei meus colegas saindo da sala dos professores em direção às suas turmas, e, ao me verem, logo perceberam que algo tinha acontecido.

— Clá, o que houve? — Preocupou-se Nádia, se aproximando.

— Um tombo em frente à escola por causa de um buraco. O problema é que estou com muita dor nas costas.

— Estamos vendo que você não está bem. Melhor ir para uma emergência. Pode ser algum problema desses nervos que pinçam a coluna, já ouviu falar? Posso avisar a diretora, e fique tranquila que dou um suporte para Karen na sua turma — Joice propôs.

— Vou fazer isso mesmo. A dor me incomoda cada vez mais.

— Eu te levo no hospital, Clarice — Robson se ofereceu.

Não o tinha visto ao lado de Nádia. Percebi apenas quando ele chegou perto de mim, comentando que poderia apoiar-me em seu

ombro.

— Eu chamo um carro no aplicativo, Robson. Suas turmas vão ficar sem aula.

— Nada disso! Você não vai sozinha — falou Joice, apoiando a mão na barriga de seis meses. — A gente dá um jeito aqui.

Com a dor aumentando, seria bobeira minha perder tempo em uma discussão inútil. Poderia aguentar o chato prestativo, certo? Esperava que não estivesse equivocada e toda situação ficasse ainda pior só pela presença dele. Observei Robson colocar minhas coisas no carro e me ajudar a encontrar a melhor posição no banco traseiro. Sugeriu que eu colocasse as pernas para cima, para ficar mais confortável, e indiquei a emergência à qual já estava acostumada a ir.

— Pior é que estou morrendo de fome. Não consegui almoçar.
— Suspirei, encostando a cabeça na janela do carro.

Robson jogou duas barrinhas de cereal para mim quando o semáforo ficou vermelho. Segundo ele, sua vida era uma correria para conseguir uma boa renda; além de trabalhar em duas escolas, dava aulas particulares. Portanto, sempre mantinha algo de comer na mochila para situações urgentes, e aquela era uma delas.

Descobri que ele tocava um pouco de violão e flauta. Enquanto dirigia, me contou que seu amor pela música surgira quando menino, após ganhar um violão de brinquedo, um incentivo da mãe, que já fora cantora. No início da adolescência, começara a fazer aulas de bateria e descobrira sua paixão.

— Quando era um garoto, dizia que seria professor. Acho que acabei juntando as duas coisas que mais amava. Não sou iludido de achar que é uma profissão cheia de glamour e com ótimos salários, mas estou feliz.

— Ser professor não é nada glamoroso, especialmente quando se leciona no ensino infantil. Apesar das dificuldades, também amo a profissão. Queria até ter uma escola só minha — acabei dividindo meus planos com Robson.

Era a primeira vez que tínhamos uma boa conversa, sem provocações ou implicâncias. Até então, não tinha conhecimento de nenhum detalhe da vida dele e nunca tivera vontade de fazer nenhum comentário pessoal com Robson. Entretanto, ver a forma como ele falava da infância e da paixão pela música, confiando em mim detalhes da sua história, senti como uma abertura e um incentivo confortável para dividir uma parte dos meus sonhos com ele.

— Sério? Tenho certeza de que será maravilhosa, um sucesso

— disse Robson enquanto manobrava no estacionamento do hospital.

Fiquei pensando em como nunca tínhamos conversado de forma tão agradável. Talvez, Bárbara tivesse razão sobre o homem não ser tão chato assim. Ele estava sendo solícito e gentil naquela situação, me ajudando a sair do carro e também na entrada do hospital.

A recepcionista me atendeu, e ficamos aguardando um bom tempo. Quando enfim fui chamada para o atendimento, expliquei ao médico tudo que tinha acontecido, e ele começou a falar que o problema era meu peso, que devia ter algum desvio ou hérnia de disco. Ainda colocou um terror de que logo seriam os joelhos, os quadris e os pés com dores e problemas, e fiquei surpresa de não o ouvir pontuar os ossos do braço e do nariz.

— Eu não tinha nenhuma dor na coluna antes do tombo, doutor.

— Vamos ver esse raio x, então. Deve aparecer alguma coisa prévia, já visível nele.

Minha vontade era a de dar meia-volta e ir embora, mas fiquei com medo daquela dor. Tomei uma injeção para minimizar o que

estava sentindo e, em seguida, fiz o exame, que não apresentou nenhum dos resultados terríveis sugeridos pelo médico. Era uma distensão muscular leve, coisa que se curaria com repouso, compressas e analgésicos. Quando achei que iria pegar minha receita e ir embora, o médico tirou os óculos e me olhou antes de suspirar. O sermão do peso reiniciou e, quando surgiu o comentário sobre o encaminhamento para um endocrinologista para elaboração de uma dieta, levantei a mão para interrompê-lo.

— Doutor, me corrija se estiver errada: o problema de hoje foi apenas muscular, certo? Há algum outro dano na minha coluna?

— Está tudo perfeito com sua coluna e com seu pé, mas por quanto tempo, Clarice?

Quando o médico iniciou uma nova ladainha, agora sobre amor próprio, eu o interrompi, peguei minha receita e saí, desejando um bom trabalho. Gordos não tinham um minuto de paz para cuidar de um mau jeito nas costas, sem precisar ouvir uma conversa aterrorizante, estilo vidente, sobre futuro e dietas. Era um desgaste emocional incrível e que só fazia as pessoas nessas condições fugirem cada vez mais dos consultórios médicos.

Robson estava me aguardando na sala de espera, mesmo quando eu já tinha falado que ele poderia ir embora, pois pediria um

carro no aplicativo. O homem perguntou se queria ajuda e se ainda estava com fome, porque tinha comprado uma porção de pão de queijo para mim na lanchonete. Fiquei tão agradecida que quase dei um abraço nele.

— Mas e aí, tudo bem?

— Sim. Alguns remédios e repouso, amanhã não poderei trabalhar. A injeção está ajudando bastante com a dor — informei antes de dar uma mordida no pão de queijo, que estava frio, mas delicioso.

— Fico muito feliz que seja algo simples. Vamos? Te deixo em casa... e sem reclamações, já que moramos perto — Robson afirmou com convicção, sorrindo com suas covinhas.

Antes de irmos, ele fez questão de parar em uma farmácia para garantir que eu pudesse comprar os remédios, assim não precisaria me preocupar em pedir quando chegasse em casa. Continuei ouvindo Robson falar de sua infância com a mãe cantora e o pai, dono de um pequeno restaurante. A mulher tinha deixado a carreira para cuidar dos filhos e da casa, mas vivia cantarolando. Parecia feliz com a escolha, e ambos ainda tinham uma relação muito bonita.

O que mais me deixou chocada foi descobrir que Robson tinha uma banda. Segundo ele, não havia nenhuma pretensão ao sucesso ou uma carreira, mas se reunia com os amigos para tocar por diversão. As apresentações aconteciam uma ou duas sextas-feiras por mês, no restaurante do pai, à base de MPB e rock.

— Qual é o nome da banda?

— RUUM. São as nossas iniciais: Robson, Umberto, Ulisses e Marcos — explicou, já bem perto do meu prédio.

— Nunca ninguém confundiu RUUM com RUIM?

Escutei a gargalhada de Robson, e suas covinhas ficaram ainda mais evidentes. Assim que estacionou o carro, ele virou-se para o banco traseiro e sussurrou para mim, como se estivesse contando um segredo:

— Todas as noites que tocamos, escutamos essa piadinha.

Não consegui segurar o riso. Graças à injeção, o ato não me causava mais tanta dor. Abri a porta do carro e garanti a Robson que conseguiria sair sem ajuda. Aproximei-me da janela do motorista e observei enquanto ele a abria. Estiquei a mão, e o homem a pegou, sem deixar o sorriso sair do rosto.

— Obrigada pela ajuda, Robson! Gostei de saber mais sobre você.

— Foi um prazer! Se cuida e, qualquer coisa, pode me ligar. Não esqueça que estou aqui pertinho.

Confirmei com a cabeça e entrei no prédio, dirigindo-me para um banho quente e demorado, que me ajudou a relaxar. Vesti-me e liguei a TV, mas acabei cochilando no sofá.

Fui acordada apenas pelo barulho do interfone, que tocava sem parar.

— Boa noite, dona Clarice. Tem entrega de restaurante para você.

— Agenor, boa noite. Deve ser algum erro, porque não pedi nada.

Puxei meu celular e notei que havia várias mensagens. Já eram oito da noite! Meu cochilo durara duas horas.

— Dona Clarice, o rapaz da entrega me explicou que não foi a senhora que pediu, mas o apartamento é o seu mesmo. Como se fosse um presente, entendeu? Ele disse que quem mandou foi o senhor Robson.

Arregalei os olhos, porque não esperava receber uma refeição a mando do meu colega de trabalho. Autorizei a entrada e recebi um saco de papel de um restaurante chamado Pitada de Sal, que se

localizava em um bairro não muito distante. Abri o saco e, dentro dele, havia um bilhete:

Descanse e se recupere logo. Aproveite o caldinho de abóbora com carne, do meu pai. Abraços, Robson.

Apesar de não combinar muito com o calor de outubro, o caldo de abóbora quente era uma comida leve e que traria o conforto de que precisava. Talvez eu estivesse mesmo errada sobre Robson e ele não fosse tão desagradável assim.

BÁRBARA

Peguei meu celular na cama e observei que faltava pouco para meu terceiro encontro. Como já conhecia o rapaz, marcáramos em um lugar mais longe de casa, de frente para a praia. Apressei-me para vestir uma blusa sem mangas rosa pink e uma saia *midi* cáqui. De frente para o espelho, me maquiei de forma simples, porque o calor não era amigo dos itens de maquiagem, e coloquei umas argolas grandes antes de calçar os sapatos. Eram nove e meia da noite quando terminei de me aprontar e tinha apenas trinta minutos para chegar ao bar, ou seja, provavelmente eu iria me atrasar um pouco.

Quando saí do quarto, encontrei minha amiga e seu irmão sentados no sofá, assistindo a um filme, enquanto Sofia quase dormia no colo da mãe.

— Babi, você está linda! Amei sua saia — elogiou Gisele, ninando a filha.

— Obrigada! Não sei que horas chego, então não se preocupem — falei para meus amigos enquanto catava a bolsa e a

chave do carro. — Boa noite para vocês.

— Aproveite ao máximo, querida! Espero que o encontro seja sensacional e, claro, vou querer saber de tudo depois! — Gisele soprou um beijo para mim.

O caminho até o bar foi tranquilo, e me atrasei apenas cinco minutos. Nunca tinha ido àquele local, mas parecia bem agradável, com uma música ao vivo animada. Na entrada, descobri que meu companheiro ainda não tinha chegado. Não era à toa que ele dizia sempre estar brigando com o relógio. Sentei-me e pedi uma água com gás enquanto apreciava o ambiente.

Provavelmente deve estar rolando uma curiosidade sobre o clichê amoroso da noite, certo? O rapaz, Alexandre, também era do aplicativo de namoro, e eu o enquadrava na categoria “triângulo amoroso”, já que tinha saído com uma colega da natação recentemente. Valia para o clichê, não? Aquela situação em que uma pessoa fica dividida entre duas.

É preciso deixar claro que Alê e a moça não tinham nada além de uma amizade colorida. Clarice dissera que eu queria trapacear e que não iria aceitar o clichê mais famoso (e mais odiado) de todos. Eu mesma nunca curtia essa indecisão entre dois amores, porque a pessoa não escolhida sempre tinha um final péssimo. A questão era

que Yago chegaria ao Rio de Janeiro no dia seguinte e seria o primeiro encontro da minha amiga. Urgia a necessidade de conhecer alguém para me aproximar da meta de cinco encontros.

Alexandre trabalhava com informática, tinha um excelente senso de humor e havia sido muito bem recomendado. Pelo pouco que faláramos durante a semana, eu estava confiando que aquela noite pudesse ser pelo menos boa, haja vista que só tinha dado bola fora na busca dos clichês. Bridget Jones também tinha se metido em várias furadas antes de encontrar Mark Darcy, não tinha? Considerando todas as mídias sociais e os *matches* por aplicativo, eram muitas possibilidades, portanto muito mais fácil dar errado atualmente que na época do meu casal favorito.

Às onze horas da noite, o bar estava cada vez mais cheio e a música, animada. Uma hora de atraso... Onde estava aquele homem? Puxei o celular para ver se havia mensagens dele, e silêncio total. O garçom me trouxe mais uma garrafinha de água com gás. Resolvi questionar Alexandre para saber se estava a caminho.

Apenas dez minutos depois, recebi a notificação da resposta: um áudio se desculpando porque trabalhara até as dez por duas noites seguidas. Além disso, sua dor de cabeça estava insuportável,

e ele não poderia se encontrar comigo. *Uau...* Havia tomado meu primeiro bolo e, se não tivesse partido de mim, poderia ter ficado por horas esperando.

Apenas piorou quando reclamei que era uma falta de respeito não ter me avisado: Alexandre falou que tinha esquecido. Como se esquece uma pessoa assim, sem nem um pedido de desculpas? No mínimo, eu esperava que ele se esforçasse e sugerisse que tinha sido uma situação pontual, que estava envergonhado. Pura ilusão!

Nada de triângulo amoroso! Minha amiga da natação que curtisse seu amiguinho colorido à vontade. Paguei a conta, peguei meu carro e fui embora. Quando cheguei em casa, encontrei Bruno sentado no chão, assistindo a mais um filme na TV, com as luzes todas apagadas.

— Oi! Estava me esperando chegar? — brinquei enquanto tirava os sapatos com cuidado. — Caramba, eles machucaram meus pés! — afirmei, massageando os dedos.

— Me senti sua mãe agora, Bárbara. — Solto uma gargalhada alta e logo tapou a boca para não fazer muito barulho. — Na verdade, Gi disse que você não devia voltar hoje.

— Levei um bolo! O cara trabalhou demais e esqueceu de mim — comentei enquanto me sentava no sofá. — Por que você está no

chão?

— Como um homem esquece de você? Que babaca! — comentou Bruno, pausando o filme.

— Ah, você é um fofo, mas estou legal. Não tinha muita expectativa mesmo. Não quer sentar no sofá? — chamei, batendo na poltrona vaga ao meu lado.

— É uma mania de criança. — Bruno levantou-se e perguntou: — Está com fome? Comprei umas uvas hoje e estão docinhas.

Afirmar com a cabeça, porque era minha fruta favorita e eu tinha feito apenas um lanche leve, mais cedo. Enquanto o rapaz foi buscar as frutas, olhei para a tela da TV e vi um tiranossauro rex empurrando um carro, que reconheci como uma cena de *Parque dos dinossauros*. Bruno sentou-se no sofá e me esticou a vasilha.

— Dinossauros? — Joguei uma uva na boca.

— Um verdadeiro clássico do cinema. Agora o carinha vai sair correndo do carro e largar as crianças. O T-Rex vem e... nhac! — ele falou, fazendo um movimento com a mão, como se fosse morder algo na minha frente.

Não pude evitar de dar uma risada com a imitação. Devia ter assistido àquele filme apenas uma vez, na casa de uma amiga que

tinha um videocassete, lá pelos meus doze ou treze anos. Não era meu gênero favorito.

— Dá *play* nesse filme logo, que quero ver. Você era louco por dinossauros, né? Agora estou lembrando que tinha vários no seu quarto, quando era menino.

— Digamos que eu cresci, mas ainda amo dinossauros. Já dei um para Sofia — informou com uma risada. — Eu tinha só um ano quando o melhor filme de todos os tempos foi lançado! Cresci no mundo *Jurassic Park*.

— Você é um garoto, Bruno! — brinquei, jogando uma almofada nele.

— Não sou, não. — O rapaz revidou minha jogada.

Mesmo voltando nossa atenção à TV, Bruno não parava de falar sobre curiosidades da filmagem e fazer pequenos gestos em momentos impactantes. Sem perceber, eu já estava no mesmo clima. Comecei a gritar junto a ele, bem baixinho para não acordar Gi e Sofia, para que o garotinho do filme soltasse os fios elétricos durante uma cena, usei a mão de Bruno para tapar meus olhos quando o dinossauro comia alguém e xinguei quando algum personagem cometia um erro clássico.

— Babi, agora é a melhor cena do filme: os velociraptors e as criancinhas na cozinha. Não tapa os olhos!

Percebi que ele me chamou pelo apelido que a irmã me dera, mas tudo bem, era legal estar me aproximando de Bruno, que era um rapaz muito divertido e admirável. Observei-o quando balançou a cabeça ao ver o dinossauro correndo atrás das crianças, e seus cachos sacudiram de um lado para o outro, já desfeitos e despenteados.

— Acabou! Podemos ver a sequência outro dia, o que acha?

— Bruno me cutucou com o cotovelo.

— Só se eu te apresentar ao meu clássico favorito: *O diário de Bridget Jones*.

— Nunca assisti — falou ele, levantando os ombros. — Acho que eu devia ser um garoto quando lançou.

— Você está me chamando de velha? *Bridget Jones* já foi lançado neste século, diferente desse filminho de dinossauros. — Fiz uma careta e joguei outra almofada nele.

— É um pecado falar assim de uma obra maravilhosa, mas estamos combinados. Primeiro será o seu e depois veremos a sequência.

Comentei que ele gostava bastante de cinema, e Bruno foi falando de como esse era um *hobby* que amava, especialmente quando eram filmes de ação, com muito barulho, sustos e tensão. Quando não estava assistindo a produções cinematográficas em seu tempo livre, curtia jogar futebol também, mas, segundo ele, não tinha paciência para assistir aos jogos.

Quando levantei do sofá para ir me deitar, Bruno contou que estava feliz com a vinda para o Rio, que a transferência para a universidade estava quase concluída e que tinha uma entrevista de emprego em uma maternidade que seria inaugurada em poucos dias, na próxima segunda-feira. Eu quase o abracei num impulso contente, mas acabei apenas fazendo um carinho com a mão em seu braço, perto do ombro, já que nós dois ainda estávamos construindo uma amizade mais próxima.

Agradei pela sessão de cinema e parti para o quarto, exausta, pois era madrugada e sábado seria um dia morno e cheio de trabalho para mim; no entanto, a expectativa estava alta pelo encontro de Clarice e Yago. Eu queria muito que tudo desse certo e que aquela história de amor tivesse um belo recomeço.

CLARICE

Pulei da cama às sete horas da manhã para o grande dia. Não que o sono tivesse sido meu companheiro pela noite, porque mal pregara os olhos com a expectativa, mas agora faltavam cerca de quatro horas para que o avião de Yago pousasse no Rio de Janeiro. Outro ponto que me deixava muito feliz era que minhas costas já quase não doíam; os remédios, repouso e compressas tinham ajudado muito.

A dúvida principal era a de como agir. Ele ficaria em um hotel em vez da minha casa, pois assim, caso as coisas não acontecessem conforme o esperado, eu não seria obrigada a mantê-lo até domingo à tarde, quando seria seu retorno. Achava essa ideia ótima, porque, colocando meu lado racional para funcionar, se algo saísse errado, o que poderia fazer? Expulsá-lo de mala e cuia para tentar conseguir um hotel no Rio de Janeiro? Poderia, mas, com aquele planejamento, as coisas seriam mais fáceis e, se tudo funcionasse como o desejado, ainda iria passar o fim de semana com Yago em um hotel legal.

Tomei minha primeira xícara de café e fiquei imaginando que ele também devia estar se aprontando, com receio de como seria estar comigo. Peguei meu celular para saber se havia alguma mensagem, mas quem falava comigo era Bárbara.

Clá, estou saindo para trabalhar (isso mesmo, que saco!) até a hora do almoço, por causa daquele projeto importante da LKW, que vai garantir minha promoção. Preciso fechar um monte de pendências para segunda-feira, referentes à primeira etapa de implementação. Estou torcendo para que seja tudo maravilhoso com Yago, mesmo que eu perca a aposta, tá bom? Qualquer coisa, me chama! Amanhã à tarde nos falamos. Um beijo.

*Barbs, tô nervosa! O que
faço quando o vir?*

O nervosismo sobre como agir quando ficássemos frente a frente, lá no aeroporto, era o que me assustava. Não tínhamos evoluído na conversa picante depois daquele dia, porque me parecia tão estranho ser sexy ou incentivar qualquer prática a distância. Nunca tinha feito nada parecido. A questão era que os quilômetros que nos separavam iriam sumir em poucas horas, e o que eu faria? Partiria logo para um beijão, agiria como amiga e deixaria rolar para que ele desse o primeiro passo? Como uma mulher de trinta anos pode ficar inquieta como uma menina de quinze?

*Não faço ideia, Clarice! Sei
lá... Observa as ações dele e se
joga. Pelo amor de Deus, não
deixe esse homem voltar para
casa sem esquentar seus lençóis.*

*Nossa, que termo velho!
Achei que fosse dona Deise
falando.*

*E desde quando a gente não
repete os jargões velhos da
família? Sinal de que a idade está
chegando mesmo. Divirta-se,
agarre o cara e aproveite, amiga!
Você merece.*

Escolhi um vestido simples, mas que amava e era perfeito para o calor do Rio de Janeiro, depois dediquei-me ao meu ritual: banho, cremes e maquiagem. Se Bárbara estivesse por perto, iria implicar, dizendo que as mulheres sempre se preparavam horrores para os homens, com uma série de produtos e atividades de beleza, enquanto eles tomavam um banho e pronto. Eu não discordava da discussão, e tinha tantos homens que nem valiam esse esforço, mas para Yago, que era tão importante na minha vida, queria abusar de todo o passo a passo para ficar linda.

O voo era esperado para as nove horas e cinquenta minutos, então saí de casa quando deu nove em ponto. Peguei um carro de aplicativo e fiquei torcendo as mãos devido à inquietude. Quando desci no aeroporto, dez minutos adiantada, fui vigiar a tela que monitorava os desembarques e, ao perceber que o voo de Porto Alegre estava para pousar, dirigi-me à saída dos passageiros.

Sabe quando você acaba de ver uma pessoa e sente que seu corpo ficou meio mole e que o coração poderia sair pela boca a qualquer momento? Assim que enxerguei Yago no saguão, senti tudo isso. Deu até vontade de sair correndo e sumir. Não era estranho esse misto de sensações? Examinei seu rosto: os cabelos escuros estavam lá, apesar de as entradas começarem a ficar mais evidentes. Ele vestia uma calça jeans, uma camisa simples e carregava uma mochila. Por um instante, parecia que tinha dezenove anos novamente e a gente nunca tinha se afastado.

Acenei com a mão, sorrindo, apesar de ter certeza de que ele já tinha me visto. Quando ficamos um de frente para o outro, milhares de pensamentos e possíveis atitudes se amontoaram na minha cabeça, todas ilustrando meu medo de como agir. Yago segurou minhas mãos e beijou as duas.

— Oi, Clarice. Tudo bem?

Só consegui respirar fundo e confirmar com a cabeça. A voz não saía. As mãos dele subiram pelos meus braços, parando na altura dos meus ombros. Nossos olhos se cruzaram, e não consegui desviar daquele olhar tão conhecido do rapaz que tinha sido meu amigo e namorado.

— Não imaginei que estar aqui fosse me levar de volta ao passado... mas é como se esses dez anos sem você não tivessem acontecido — sussurrou Yago, cada vez mais próximo.

Quando os lábios dele tocaram os meus, foi leve como se estivesse tentando nos reconectar. Meu corpo reagiu com a memória, mas o beijo era ainda melhor do que dez anos atrás, então se aprofundou, ficou mais urgente, com mais saudade e paixão. Talvez eu estivesse sonhando ou chegando ao paraíso, porque não me recordava da última vez que havia beijado alguém que mexesse tanto comigo.

— Vamos sair daqui, sim? — A mão dele deslizou e segurou a minha.

Caminhamos de mãos dadas enquanto o escutava comentar sobre o Rio de Janeiro, que seguia lindo e calorento. Pegamos um carro e seguimos rumo ao hotel. Conforme íamos passando por alguns lugares, mostrava para Yago as mudanças que tinham

acontecido na cidade. Percebi que, às vezes, ele ficava apenas me observando com um sorriso meio bobo. Senti os braços dele contornarem meus ombros e sentei-me bem pertinho para aproveitá-lo.

Eu queria dizer que o nervosismo tinha passado e que isso me deixava feliz e relaxada, mas ainda não. Estar junto com uma pessoa que havia sido tão íntima, dez anos depois, podia ser muito aterrorizante pelas expectativas criadas, pelos desejos que seguiam acesos.

No hotel, fiquei esperando no saguão enquanto Yago preenchia seus dados e fazia o check-in. Ele me entregou o cartão chave ao que guardava seus documentos, e subimos no elevador, abraçados. Fiquei rindo enquanto ele esfregava o nariz no meu pescoço, e a temperatura já esquentou no corredor com seus beijos, que interrompiam minhas tentativas de abrir a porta.

Assim que entramos, observei que era um quarto de hotel bem comum, mas bonito e espaçoso. Yago deixou a mochila em cima da mesinha e avisou que iria apenas mandar algumas mensagens e desligaria o celular. Concordei e peguei uma garrafa de água no frigobar, tomando um grande gole enquanto o homem digitava no

aparelho. Será que teríamos a mesma química e conexão? Os beijos já tinham me deixado nas nuvens.

Yago me envolveu, espalhando calor pelo meu corpo. Nossos beijos e toques ficaram mais intensos, e logo estávamos na cama, enquanto eu fazia questão de espantar todos os meus medos. Só queria curtir, amar e ser amada por aquele homem.

Foi isso que rolou entre nós. Em alguns momentos, havia urgência e a vontade de matar as saudades; em outros, só queríamos ir bem devagar, olhar-nos com calma, nos reencontrar e curtir cada pedacinho um do outro.



Deitei minha cabeça em seu peito e me aconcheguei ainda mais. Agora, sim, estava feliz e tranquila, portanto, não iria pensar que ele iria embora no dia seguinte. Lidaria aos poucos com as coisas, uma de cada vez, e curtiria tudo que estava acontecendo com a gente. Ergui meus olhos, e o homem estava olhando para o teto, em silêncio. Fiquei admirando seu rosto por alguns segundos.

— Um beijo pelos seus pensamentos — falei, me aproximando para beijá-lo. — Parece preocupado...

— Não. Estou ótimo! Está com fome? — Yago deu um beijo na ponta do meu nariz.

Confirmei com a cabeça, levantei-me do peito dele e sentei nua na cama.

— É tão bom estar aqui contigo.

Minha declaração nos fez esquentar os lençóis novamente, como dissera Barbs. Só conseguimos nos vestir e sair para almoçar perto das duas horas da tarde. Mesmo assim, íamos de mãos dadas e nos beijávamos a todo instante. Fomos ao meu restaurante japonês favorito, e a conversa entre nós fluiu como antes. Contei com mais detalhes sobre meu plano de abrir uma escola, sobre minha amizade com Bárbara e até a natação. Após o almoço, demos um passeio na praia e, no início da noite, voltamos para o hotel.

— Yago, está tudo bem? Você parece estar com a cabeça em outro mundo — comentei outra vez quando o vi sentado na cama, segurando o celular, sem nenhuma ação. — Vem cá, que vou te distrair com outra coisa — falei, rindo, puxando minha blusa e tirando meu sutiã.

Ele levantou-se, veio até mim e me deu um beijo daqueles de tirar o ar, longo e intenso. Fiquei encantada com o abraço que veio

em seguida, quando suas mãos se entrelaçaram nas minhas. Ergui meus olhos e, ao fitar os dele, vi muita tensão por ali. Não havia dúvidas de que algo o incomodava.

— Clarice... — Ele parou e beijou minhas mãos. — Eu não sei como te contar isso. — Mais uma pausa dele para respirar. — Pensei em tocar nesse assunto amanhã — interrompeu, como se estivesse parando para escolher as melhores palavras —, porque queria tanto passar essa noite contigo.

— Yago, essa atitude está me deixando nervosa. Eu trouxe aquela camisola vermelha, prometo que não vou a lugar nenhum. — Passei meus braços ao redor do pescoço dele e dei-lhe um beijo rápido, puxando suas mãos para abrir o botão da minha calça, mas sem nenhuma reação dele.

— Eu espero que você entenda e não me odeie — ele comentou, passando as mãos pelos cabelos e sentando-se na cama. — Não tem maneira fácil de falar isso. Sou casado, Clarice.

Franzi o cenho, assimilando as três palavras, fitando-o para confirmar que aquilo não era uma brincadeira de mau gosto, mas Yago só abaixou a cabeça. Fechei os olhos, unindo minhas mãos perto do nariz, tapando a boca, em choque, e respirando fundo e de

forma acelerada, como se o oxigênio naquele quarto fosse raro. Dei dois passos para trás, aumentando a distância entre nós.

Fiquei olhando para Yago, que fitava o chão, em silêncio. Senti minhas mãos umedecerem e as afastei do rosto, enquanto a pressão no meu peito apertava cada vez mais. Comecei a andar de um lado para o outro. A raiva e a decepção manchando os momentos que tínhamos acabado de compartilhar. Uma lembrança tão linda de uma história de amor, e aquele homem transformara tudo em algo feio.

— Não é um casamento feliz, Clarice! Não amo mais a minha esposa — Yago começou a tentar se explicar, com voz de súplica.

— Jura? — questionei com ironia, jogando meu tronco para frente, bem próximo ao rosto dele. — O problema é seu! — falei mais alto, apontando o dedo e cutucando seu ombro em movimentos rápidos.

— As coisas não são tão simples assim — ele reafirmou, com a voz mais calma.

Afastei-me dele de novo, com medo e desprezo que cresciam em mim, e fui até a outra ponta da cama. A nudez parcial começou a me incomodar, despertando uma sensação muito desconfortável

de estar no mesmo ambiente que Yago. Abracei o corpo como se pudesse me proteger dele e apagar os toques repletos de mentira.

— Por que você veio aqui, mexer com minhas lembranças e meus sentimentos? — perguntei quase em um sussurro dolorido. — O que você disse para ela? Que ia encontrar sua namoradinha da faculdade?

— Ela acha que estou em um congresso.

Xinguei-o de vários nomes e comecei a pegar minhas coisas para botar na bolsa que tinha trazido.

— Clarice, me escuta! — Ele tentou me parar, botando a mão no meu braço.

— Não encosta em mim! — gritei para mantê-lo longe.

Yago deu alguns passos para trás, e eu segui andando de um lado para o outro, guardando meus pertences para sair daquele quarto o mais rápido possível. Achei meu sutiã no chão e o vesti de qualquer jeito, me sentindo menos exposta e vulnerável.

— Minha esposa era uma amiga da minha irmã, e nós só nos casamos porque ela engravidou depois de dois anos de namoro. Estamos casados há sete anos, mas não a amo. Ela está grávida do meu terceiro filho, mas vou pedir o divórcio assim que voltar para o Sul. — O homem ficava caminhando atrás de mim, tentando me

fazer ouvi-lo, e eu só esticava a mão em sua direção para mantê-lo afastado.

— Para com esse papo-furado!

Peguei um dos meus batons em cima da mesa e parei quando Yago ficou em silêncio. Virei-me e ficamos frente a frente. Esperava que ele pudesse enxergar todo o desapontamento que havia no meu olhar. A mão dele pousou no meu braço, e empurrei-a com força.

— Sua mulher está grávida, Yago! Em que tipo de canalha você se transformou? — murmurei entre os dentes, com raiva. Avancei um passo para perto dele, ergui meu dedo na altura de seu rosto e dei meu aviso. — Escute bem: se vão ou não se divorciar, não é problema meu. Não quero saber nada sobre você — disse, pausando as palavras e reforçando o “nada”. — Você enganou nós duas! Como pôde mentir e deixá-la em casa, cuidando de duas crianças, e vir aqui pra me levar pra cama? — Vesti a blusa que tirara, sem olhar se estava do lado certo ou do avesso.

— Estar aqui e te ver ressuscitou tudo que sentia, Clarice. Quero estar aqui. Estou disposto a deixar tudo no meu trabalho e voltar para o Rio de Janeiro — ele prometeu, tentando me segurar para ouvi-lo.

— Está escutando a si mesmo? — perguntei com sarcasmo, batendo o dedo na minha orelha. — Você espera que eu diga o quê? — Coloquei a mão no coração, declamando com uma voz melodiosa, como numa poesia. — *Claro, meu amor, venha morar comigo e abandone seus três filhos!*

— O problema é que você não me entende, Clarice — reclamou Yago, com impaciência. — Como posso cuidar deles se estou infeliz?

— Ah, pronto! Tão típico dos homens esse papinho... — ironizei, rindo e batendo palmas ao ouvi-lo. — Quer um conselho? Procure uma terapeuta e grave bem o que estou te dizendo: não me procure mais!

Havia entrado toda arrumadinha e saí daquele quarto como se um furacão tivesse passado por mim: cabelos soltos desgrenhados, blusa torta com parte do sutiã exposto, os pés enfiados de qualquer maneira nas sandálias fechadas e a bolsa meio aberta querendo cair dos meus ombros. Bati a porta com força, entrei no elevador e peguei um táxi que estava à porta do hotel.

Respirei fundo, mas não chorei. Aquele homem não merecia minhas lágrimas. Agora entendia sua ideia de não ficar na minha casa. Estava tudo muito bem planejado. Ele tinha manchado nossa

história, que era tão bonita. Era uma decepção tremenda, e pensar que havia uma mulher traída no Sul me machucava mais ainda.

Quando meu telefone tocou, bloqueei os contatos dele. Preferia ter ficado com o Yago das minhas recordações do que com aquele homem egoísta que me encontrara hoje. O problema era que eu nunca mais conseguiria desvincular a decepção do reencontro e a nossa antiga história de amor. Eu tinha perdido mais do que uma nova chance de amar, naquela noite. O homem dos meus sonhos virara um pesadelo e deixara as velhas lembranças com sabor amargo.

BÁRBARA

O despertador tocou na manhã de segunda-feira, e eu precisava dormir mais meia hora. Passara boa parte do sábado trabalhando nas pendências do projeto da LKW, que tomara mais tempo que o previsto e só me permitira chegar em casa no início da noite. O mais gostoso fora abrir a porta do apartamento e ter pessoas felizes em me ver, preparando o jantar e compartilhando um papo agradável.

Eu, tão acostumada com o silêncio e os gatos, estava contente com a companhia e me sentia mimada por Gisele e Bruno. A solidão nunca me incomodara, mas a presença daqueles três reafirmava como era bom dividir a vida com amigos. Até Sofia correr na minha direção para me abraçar, e me achei capaz de conquistar aquele coraçõzinho.

No domingo, havíamos feito um passeio no parque de diversões, e poderia garantir que não fora apenas Sofia que saíra de lá encantada. Voltáramos à infância, dando gargalhadas no trem fantasma, que não tinha nada de assustador, tentando escolher

entre comer o algodão-doce rosa ou azul e, por fim, aproveitando uma volta de roda-gigante, onde Bruno segurou minha mão ao perceber meu medo de altura. Na hora de ir embora, nós quatro estávamos exaustos, mas felizes, querendo que o dia durasse mais algumas horas.

Como nosso desejo não fora capaz de alongar o fim de semana, saí cheia de preguiça da cama, entrei no chuveiro da minha suíte e depois vesti-me para o trabalho, já tentando lembrar as atividades programadas para o dia. Decidi prender parcialmente meus cabelos para enfrentar o calor, verifiquei se estava tudo certo na bolsa e fui preparar um café fresco. Ao sair do quarto, vi Sofia – que estava brincando com umas peças de encaixar no sofá – abrir um sorriso para mim, permitindo que desse um beijinho em sua cabeça.

Senti o cheiro de café fresquinho e pensei que poderia flutuar igual ao Pica-Pau atrás daquele aroma, o que quase me fez esbarrar com Bruno à porta da cozinha. Ele estava pronto para sair também, com uma calça social e uma blusa branca. Eu tinha esquecido que sua entrevista na maternidade seria naquela manhã.

Sorrimos um para o outro e dei um pequeno aperto em seu ombro, de forma carinhosa, afirmando que só podia ser um bom dia

ao acordar com um café tão cheiroso.

Entrei na cozinha, e Gisele tinha acabado de preparar a mamadeira de Sofia. Observei ao que ela pegava duas xícaras e as enchia, me entregando uma antes de completar:

— Santo Bruninho.

Batemos, então, nossas bebidas na forma de brinde.

— Preciso ir agora! Torçam por mim, viu? — disse o rapaz, pegando a mochila e soprando um beijo para Sofia.

— Estou saindo e te dou uma carona, Bruno. Esse prédio comercial é bem pertinho do meu trabalho — convidei-o enquanto terminava meu café. — Me dê cinco minutos.

— Fica tranquila, porque, indo de carona, estou com horário bem folgado.

Saímos do apartamento no prazo que prometi, mas, quando estávamos caminhando até o elevador, meu celular tocou e era do trabalho. Precisei parar onde estava para dar algumas orientações para um cliente da Itália por quase quinze minutos. Olhei para Bruno, apavorada, mas ele moveu a boca em silêncio, afirmando que não estávamos atrasados ainda. Após dar as informações mais urgentes, desliguei e prometi retornar com calma dentro de uma hora. Descemos pelo elevador, enquanto eu mandava áudios pelo

celular com ações importantes para minha assistente, que acabara de chegar ao trabalho e me avisara que haveria uma reunião extraordinária às nove da manhã.

Liguei o carro, com pressa, e mantive a velocidade no máximo do limite permitido em cada via que passei. Estava agitada com tantas questões logo no início do dia, e Bruno seguia quieto do meu lado. Esperava que ele tivesse dito a verdade e que aquela ligação não o atrasasse.

— Desculpe a confusão, mas essa segunda-feira promete — comentei quando paramos em uma pequena retenção. — Você tem certeza de que está tudo certo com a hora?

— Sim. Pelo seu aplicativo, vou chegar lá com dez minutos de antecedência. Como me programei para ir de ônibus, ia sair de casa bem mais cedo.

Dei um sorriso e um suspiro, aliviada.

— Babi, adorei ver você dando ordens. Fica muito diferente, bem mais séria — Bruno implicou comigo.

— Acho que todo mundo é um pouco assim trabalhando, né? Sendo uma mulher, preciso ter o dobro de firmeza.

— Compreendo e é interessante ver essas duas facetas: a moça que ri alto e tem medo de altura na roda-gigante e a executiva

competente, que dá ordens muito bem — brincou Bruno.

— Se você contar para alguém do meu medo de altura, jamais assistirei outro filme de dinossauro contigo — prometi, dando uma cutucada no ombro dele. Com o gesto, percebi que estávamos criando um jeito próprio de provocar um ao outro. O detalhe era que eu sempre tinha odiado cutucões, mas eram divertidos com Bruno.

— Seu segredo está bem guardado comigo. Quero assistir muitos filmes de dinossauro na sua companhia.

Fiquei em silêncio, sem saber o que responder. Às vezes, alguns comentários dele soavam dúbios e me deixavam confusa, mas Bruno era o irmãozinho da Gisele. Era um rapaz de 26 anos, que eu conhecia desde menininho e, com seu jeito brincalhão, tinha se mostrado uma companhia divertida e agradável.

— Espero que consiga o emprego, porque esse lugar é a tua cara! Eu dei uma olhada no site da maternidade e a promessa deles é de grande incentivo ao parto humanizado. Terão várias salas especiais, com banheira e uns outros acessórios legais que não lembro o nome — constatei, rindo. — Já é na próxima rua. Vou deixá-lo lá em frente.

— Sim, a proposta é incrível, e claro que depois te conto tudo — Bruno falou, saltando do carro. — Os acessórios que você deve

ter visto podem ser a bola inflável ou a banqueta de cócoras — comentou, ainda mantendo a porta do carro aberta.

— Pareceu tudo muito íntimo e respeitoso, bem do jeito que você falou — mencionei, tentando me lembrar do que tinha lido.

— E você escutou cada palavra que eu tagarelei sobre o assunto — Bruno afirmou, abrindo um grande sorriso para mim.

Em seguida, ele fechou a porta do carro, abaixou-se para seu rosto ficar na altura da janela e me soprou um beijo, que peguei de forma brincalhona com a mão. Dei um sorriso tímido e observei Bruno se afastar do veículo.

Dirigi por mais quatro quarteirões, meio sem saber o que estava sentindo por ele. Parecia um flerte inofensivo, e eu adorava flertar, mas ali era diferente. Seduzir um estranho no bar, sem envolvimento, era muito fácil; no entanto, fazer a mesma coisa com o irmão de uma das minhas melhores amigas, uma pessoa que eu conhecia e admirava, parecia errado, como se estivesse alimentando uma brincadeira de mau gosto com nossos sentimentos. Ao mesmo tempo, seria absurdo negar que eu gostava da forma como ele usava frases dúbias, com seus sorrisos expansivos e olhares carinhosos. Bruno me deixava confusa,

porque era quase um ímã me atraindo, mas, ao mesmo tempo, me dava medo de me aproximar demais.

Estacionei o carro, decidida a afastar meus pensamentos do irmão de Gisele. Ao subir para o andar onde ficava a Cerqueira Soluções Inteligentes, percebi que às oito da manhã o local já estava bem cheio. *O que é que o senhor Paulo está aprontando para hoje?* Uma das minhas assistentes veio em minha direção para contar que o burburinho era sobre a sucessão da presidência. Aquele seria o grande dia, e Adriana se tornaria CEO, uma ótima notícia para segunda-feira.

Já notou que o tempo passa ainda mais rápido quando você está tão cheia de trabalho? Eu tinha conseguido fazer uma ligação para a Itália e responder alguns e-mails pendentes quando o senhor Paulo convocou os funcionários para a sala de reuniões. Havia um bufê de café da manhã e dois garçons parados bem à porta. As fofocas que estavam rolando eram reais. Adriana estava dentro da sala, lindíssima em um elegante vestido azul-marinho, com o pai e os outros dois diretores da empresa.

Assim que todos se acomodaram, o diretor-executivo começou o discurso. Agradeceu o esforço e o trabalho de todos nas últimas três décadas, lembrando que tudo aquilo era um sonho que não

esperara que prosperasse tanto, e finalizou constatando seu orgulho em anunciar que, a partir de então, estava se aposentando e transferindo a presidência para sua única filha. Adriana foi chamada à frente com muitos aplausos dos funcionários.

A mulher abraçou e beijou o pai. Tiraram uma foto juntos e depois com a diretoria. Foi ótimo ouvir as primeiras palavras dela para os colaboradores: a empolgação, os planos e as atualizações tão necessárias para a Cerqueira. Por fim, ela convidou todos os funcionários para desfrutarem daquele pequeno café da manhã comemorativo.

Quando o bufê foi liberado, busquei uma xícara e me dirigi até a nova chefe.

— Adriana, gostaria de parabenizá-la e desejar muito sucesso para a Cerqueira na sua gestão.

— Muito obrigada, Bárbara. Vai ser excelente contar com o apoio de pessoas competentes como você. Espero que em breve estejamos realizando a sua comemoração — a diretora comentou, como se estivéssemos dividindo um segredo. — A Cerqueira está precisando de diversidade com urgência.

Em seguida, ela pediu licença e foi falar com alguns clientes VIP que haviam sido convidados e começavam a chegar. Meu

sorriso ficou estampado, feliz de saber que meu trabalho seria reconhecido e que tempos mais plurais viriam para aquele ambiente tão ultrapassado.



Cheguei à natação na correria, já uns dez minutos atrasada. Tudo na empresa tinha sido muito tumultuado e intenso. Estava louca para me jogar naquela piscina e conversar com Clarice. Havia mandado uma mensagem para minha amiga na noite anterior, e tudo que ela respondera fora que estava com muita dor de cabeça e falaríamos depois da aula. Imaginava que não devia ter sido fácil se despedir de Yago depois de reviver tantas emoções. Quase insistira um pouco mais para saber se ela estava bem, mas havia ficado claro que Clarice não queria conversar.

Cumprimentei a professora e percebi que minha amiga já estava nadando. Comecei a aula, animada, implicando com Clarice, como sempre. Pelo pouco que via, dava para perceber que o retorno de Yago a tinha chateado, mas teria que esperar o horário do término para que pudéssemos conversar. Fiquei observando-a

durante a aula, e havia algo errado com certeza, porque ela estava aérea e lenta, o que lhe causou duas chamadas de atenção.

Quando fomos liberadas, Clarice saiu primeiro da piscina, pegando uma toalha com pressa e secando os cabelos, enquanto eu vinha logo atrás.

— Sua cara está péssima! Achei que iria te encontrar cantando, feliz da vida — comentei enquanto me secava.

— Yago é casado — ela jogou a bomba assim mesmo, sem nenhum preparo.

O choque me fez colocar uma das mãos na boca e quase derrubar minha toalha no chão. Segurei com leveza o braço de Clarice, e nos fitamos por alguns segundos. Tentei até falar algo, mas abri e fechei minha boca sem saber o que dizer. Ela deu de ombros, triste, e se afastou. Como ele podia ter um compromisso de tamanha seriedade e não ter falado nada antes? Como podia brincar assim com uma pessoa que tinha sido tão importante na vida dele?

Apressei meu passo e fiquei ao lado dela, segurando sua mão.

— Vamos sair daqui para conversar melhor. Quer ir lá para casa? Meus amigos estarão lá, mas, se preferir mais privacidade,

podemos ir para a sua — convidei, porque queria dar meu apoio e ver se podia fazer algo para minimizar aquela situação.

— Não me incomodo com seus amigos, gosto deles. Já passei o domingo inteiro naquele apartamento remoendo tudo e evitando aquele homem. Prefiro ir para sua casa — comentou Clarice. Seus olhos estavam tão tristes que era óbvio o sorriso ser apenas uma tentativa.

Trocamos de roupa e fomos até o local onde estacionara o carro. Chegando em casa, percebi Gisele sentada no sofá, com uma cara desanimada e Sofia no colo.

— Gi, por que você está assim?

— Ai, Babi, me ligaram na hora do almoço para uma entrevista de emprego. Fizeram perguntas sobre filhos pequenos e o entrevistador, um homem, questionou quem ficaria com Sofia para que eu pudesse trabalhar. Mesmo quando avisei que a colocaria em uma creche, pela cara dele, já deu para perceber que a vaga não seria minha.

A maternidade era sempre posta à prova durante entrevistas de emprego; enquanto isso, nenhum homem na face da Terra já respondera o questionamento sobre quem seria o responsável por seus filhos.

Bruno saiu da cozinha com um bolo de chocolate, que parecia ser a escolha perfeita para aquele dia, para curar corações partidos e decepções.

— Tudo que preciso hoje é colo de amigos e uma fatia de bolo — brincou Clarice.

Apoiei minha cabeça no ombro dela e fiz um carinho em suas costas.

Sentamos no sofá, enquanto Bruno ficava no chão, brincando com Sofia. Ouvimos em silêncio todos os detalhes da chegada de Yago, desde o encontro no aeroporto até a descoberta de que ele era casado e tinha três filhos. Fiquei tão nervosa que xinguei tanto aquele babaca!

— Ele ainda me procurou ontem, antes de voltar para casa, fazendo um monte de promessas ridículas, como se eu ainda quisesse ficar com ele.

— Eu sinto muito, Clarice. Sei que a culpa não é minha, mas me arrependo tanto de ter mexido nessa história e incentivado você a ir atrás dele — declarei, abraçando-a em seguida. Como lamentava ter alimentado aquelas recordações!

— Não se preocupe, Barbs. Vou ficar bem e, se ele tivesse falado de cara que estava casado, nem teríamos conversado —

Clarice me tranquilizou. — Agora deem uma boa notícia, porque nem eu, nem Gisele tivemos um bom dia. Ainda estou raivosa com esse avaliador.

— Bom, Adriana é oficialmente CEO da Cerqueira e voltou a insinuar que vou virar diretora — falei, meio cantando de felicidade e fazendo uma dancinha com os braços.

— Amiga, que excelente! Está vendo como também existem boas notícias? Logo terá a plaquinha “Bárbara Lopes – Diretora de Qualidade” na sua mesa — brincou Clarice, fazendo o gesto como se estivesse colocando a identificação no escritório.

— Sendo assim, eu tenho duas boas notícias: minha transferência da universidade foi concluída, eu começo amanhã e consegui o emprego na maternidade — comunicou Bruno.

Gisele foi a única que não deu gritinhos animados, porque já sabia da notícia, embora tenha entrado na nossa comemoração batendo palmas. Levantei do sofá e disse que precisávamos brindar. Como não havia nenhuma bebida alcoólica na casa, foi com suco de uva mesmo. Bruno veio até a cozinha para me ajudar com os copos. Enquanto ele abria o armário, cutuquei suas costas com meu cotovelo, dei uma risada e virei-me para pegar a garrafa na

geladeira. Ouvi quando ele também riu, então Bruno se posicionou logo atrás de mim e sussurrou perto do meu ouvido:

— Cuidado para não deixar cair, Babi.

Senti o calor da proximidade e o hálito quente da respiração dele atingir meu pescoço. Fechei os olhos, contendo os arrepios no meu corpo. Sem dúvidas, eu estava gostando daquela brincadeira. A voz sexy dele parecia que ainda estava colada em mim, quando Bruno voltou para a sala.

Enchi os copos, e Clarice propôs o brinde para nós dois: um caminho cheio de sucesso. As novidades da noite não tinham terminado, pois descobri que tanto minha amiga, quanto sua filha e seu irmão iriam para Belo Horizonte no fim de semana. Como Bruno teria duas semanas até o início do trabalho, tinha conseguido se inscrever em um projeto de extensão para vivência profissional em uma maternidade mineira pública, focada em partos naturais. Um de seus professores do Rio Grande do Norte o indicara para a vaga, e era uma oportunidade incrível. Dessa forma, Gisele encontrara uma boa chance para acompanhá-lo e levar Sofia para ver o pai.

— Babi, vamos te dar uma folguinha dos choros e falatórios — brincou Gisele —, mas voltamos logo, antes que dê para sentir saudades.

Eu ficaria todo aquele tempo com o apartamento vazio, e o silêncio que nunca me incomodara antes parecia que seria intenso demais nos próximos dias. Tinha me acostumado com a companhia para jantar, assistir TV, cozinhar ou jogar conversa fora. Agora, só ouviria miados.

— Já estou sentindo falta de vocês — confessei de forma honesta. — Vou perturbar Clarice em dobro.

— Pobre de mim! Já vou começar a cobrar o trabalho em pizza — sugeriu ela, puxando o celular do bolso.

BÁRBARA

Cheguei em casa às dez da noite de sexta-feira e encontrei Gisele, com uma cara exausta, levando Sofia para o quarto para fazê-la dormir. Dei um beijo nas duas, perguntei se ela precisava de alguma ajuda e, com sua negativa, fui tomar meu banho, para tentar relaxar um pouco depois do dia cansativo. Tinha dias que a Cerqueira parecia roubar toda a minha energia. Vesti-me e fui preparar um lanche rápido, pois estava morta de fome.

Enquanto dava uma mordida no meu sanduíche improvisado, comecei a ouvir barulhos no quarto onde dormiam meus amigos. Aguardei um pouco para ver se parava, mas, assim que acabei de comer, fui até a porta e a abri bem devagar, para não fazer barulho. Encontrei Gisele dormindo profundamente e Sofia sentada na cama, mexendo no travesseiro. Dei um risinho baixo. *Mães exaustas que dormem antes das crias!* Chamei Sofia e peguei-a no colo.

Apaguei as luzes da sala, deixando apenas a cozinha acesa, o que criava uma penumbra no ambiente, vesti o canguru e coloquei Sofia nele. Senti quando ela encostou a cabeça em meu peito e

comecei a cantar baixinho, sacudindo o corpo de um lado para o outro. A menininha piscava, fechava os olhos e tornava a abrir. Ficamos uns quinze minutos naquele embalo, até eu perceber que a criança adormecera. No entanto, decidi niná-la por mais um tempo, para o sono se tornar mais profundo.

Foi assim que Bruno me encontrou, ao entrar em casa pela porta da cozinha. De luzes apagadas, eu estava de costas, me balançando devagar e cantando *Express Yourself*, da Madonna, numa voz bem baixinha e ritmo lento. Ouvi uma batida à porta, virei-me e dei de cara com ele, sorrindo para mim.

— Curtindo uma balada com a Sofia?

Tapei a boca para não rir alto e continuei me mexendo e cantando. Bruno esticou a mão, me convidando para dançar, e ficamos os três ali, nos balançando. Fiz uma voltinha e tudo, e a mão dele foi parar na minha cintura. Eu sempre tinha lidado muito bem com meu corpo, mas batiam umas neuras quando alguém tocava em alguma dobrinha da barriga, mesmo que essa pessoa não fosse magra. Quando começamos a valsar, com Sofia dormindo no canguru entre nós, só pude rir.

A mão de Bruno ficou mais firme na minha cintura durante a dança, fazendo um carinho na região. Com isso, o riso sumiu e

mantivemos nossos olhares fixos um no outro. Senti meu corpo esquentar só pela forma como ele me fitava. A brincadeira foi esquecida e a minha vontade era a de que Sofia não estivesse entre nós dois. Foi a menina que quebrou o clima, mexendo a cabeça e soltando um resmungo, o que atraiu nossa atenção. A mão saiu da minha cintura, e Bruno se afastou do meu corpo. Eu voltei a me sacudir com lentidão para embalar a garotinha e impedir que ela acordasse. O tio abaixou um pouco o rosto para observá-la e piscou para mim, fazendo um positivo com a mão.

— Você deve estar cansada. Deixe que eu a coloco na cama — ele sussurrou para não a acordar.

Nossas mãos tocaram-se várias vezes no processo de abrir o carregador e passar Sofia para Bruno. Ela enroscou os bracinhos em volta do pescoço do tio, em uma cena fofa. Fui na frente, abri a porta para que ele entrasse no quarto e me retirei quando ele a posicionava para dormir. Passei as mãos nos cabelos e respirei fundo, ainda mexida pelo toque e o olhar intenso de Bruno. Tirei o canguru do corpo devagar, retardando a ida para o meu quarto, só porque queria um pouco mais da companhia do rapaz.

Como o irmão da minha amiga ainda não tinha retornado para a sala, sentei no sofá e comecei a mexer no aplicativo de namoro.

Havia uma mensagem de um *match* que já me era conhecido: um colega da universidade, que era viúvo e tinha um filho. O clichê do pai solteiro havia chegado. No entanto, aquela aposta não fazia mais sentido, porque Yago não viria uma segunda vez ao Rio de Janeiro.

— Você se saiu uma bela babá — falou Bruno, surgindo do quarto e sentando-se ao meu lado.

— Sua irmã adormeceu e Sofia ficou lá, sentada, brigando com o sono — comentei com um sorriso.

— Temos uma vencedora, senhoras e senhores! — Bruno declarou, levantando minha mão.

— Pode aumentar os elogios, porque tem sanduíches lá na geladeira.

— Já disse que você é perfeita? — perguntou Bruno. — Vou tomar um banho e depois eu como.

Peguei o celular novamente e enfim li a mensagem de Flávio, perguntando como eu estava e dizendo que tinha ficado muito feliz de ter me reencontrado naquele aplicativo. Passei meu número e, para minha surpresa, recebi um telefonema. Fui para o quarto e falei com meu antigo amigo por uns quinze minutos sobre trabalho e os caminhos que havíamos tomado após a faculdade. Ele prometeu

que me retornaria no dia seguinte, porque o filho de quatro anos não queria ir para a cama, e, assim que desliguei, voltei para a sala. Bruno estava de pé, finalizando sua mala aberta em cima da mesa.

— Quer ajuda?

— Está sem sono, Babi? Aceito companhia.

— Estava conversando com meu clichê do momento — falei de forma distraída, parando ao lado do rapaz.

— Como é que é? — questionou ele, franzindo o rosto.

Expliquei sobre a aposta que havia feito com Clarice, narrei todos os encontros até então e como enquadrei cada homem em um clichê romântico, típico dos livros.

— Vocês são demais! Como está o placar? — questionou, ficando de frente para mim.

— Bem, não sei, porque Yago enganou a Clarice, então imagino que a aposta tenha acabado.

— Uma pena, porque ia me oferecer para ser o clichê do amigo de infância — disse Bruno, piscando para mim.

Em seguida, segurou minhas mãos e ficou mexendo com meus dedos. Só consegui observar o carinho em forma de brincadeira, sentindo o mesmo calor voltar ao meu corpo, mesmo com um toque inocente. Levantei a cabeça e notei que Bruno estava

quase colado em mim. Falei devagar, controlando a respiração, que tinha acelerado, para evitar que a voz falhasse com o frio que tinha se instalado na minha barriga pela proximidade dele.

— Você não é meu amigo de infância, Bruno. Era o irmãozinho da minha melhor amiga. Acho que não se encaixa no clichê.

Ele não respondeu, mas seu olhar ficou mais intenso e sua mão subiu pelo meu braço, trazendo um arrepio gostoso pelo meu corpo. Naquele momento, com nossos olhos fixos uns nos outros, aproveitei o carinho dele em meu rosto. Tive vontade de tocá-lo também, de passar meus dedos por sua barba.

— Você é fantástica, Babi. Sempre te admirei tanto.

— Porque eu dividia minhas balas com você quando Gisele se recusava?

Bruno deu uma risada inesperada com aquela lembrança. Como irmãos, eles sempre implicavam um com o outro. Eu ficava com pena do menininho e acabava sempre dizendo a Gisele para deixá-lo brincar com a gente, mas nunca conseguia convencê-la quando o assunto eram doces. A mão dele não se afastou, seguiu fazendo carinho no meu rosto. Então, o enlacei pela cintura com um braço e encostei minha cabeça em seu ombro. Se aquilo que sentia não eram as famosas borboletas no estômago, não fazia ideia do

que podia ser. Era como se meu corpo todo ansiasse pelo toque dele.

— Então, como não éramos amigos? — Era quase um sussurro amoroso perto do meu ouvido.

Não tive tempo de responder. Bruno desviou os olhos quando Manteiga pulou na mala e derrubou várias coisas no chão. Ele se soltou do abraço e abaixou para pegar o que havia caído, colocando uma certa distância entre nós. Pareceu um pouco sem saber o que fazer, em seguida, dominado pela mesma inquietude que eu.

— Acho que vou ver se esqueci algo no quarto e terminar logo essa mala, antes que essa gata se esconda nela e vá para BH. Boa noite, Bárbara.

— Até amanhã.

Só quando Bruno virou-se e saiu da sala, caminhei devagar até meu quarto, com o corpo ainda borbulhando ao me deitar na cama. Não conseguia decifrar o que estava acontecendo conosco e todas aquelas sensações que Bruno vinha despertando. Talvez a distância de quinze dias fosse boa para nós dois. Uma coisa era o flerte, mas aquela brincadeira parecia estar evoluindo para toques e carinhos que mexiam muito comigo, e eu não podia estragar as

coisas com minha amiga, criar um clima estranho na minha própria casa ou deturpar nossas lembranças da infância.

CLARICE

Já era quase metade de novembro e Yago seguia me perturbando. Mandara flores três vezes, escrevera um e-mail a partir de um contato novo, já que eu tinha bloqueado todos os anteriores, e me ligara do celular de um amigo. O bebê nasceria no fim do mês e, segundo o futuro papai, ele pediria o divórcio em janeiro. O que Yago não entendia era que eu não queria mais saber da existência dele. Separado ou não, jamais me envolveria com um homem que agira daquela forma.

A parte boa era que, duas semanas depois da decepção, eu estava indo para Búzios. Seriam apenas três dias, mas veria meus pais, embora a viagem fosse de trabalho. A escola montessoriana, na qual era professora, fora convidada para participar de um congresso que tinha como objetivo reunir profissionais dessa metodologia de todo o estado do Rio de Janeiro.

Búzios tinha cara de infância para mim. Morara na cidade até os quinze anos, quando meus pais decidiram ir para a capital. Estávamos sempre por lá, menos nos feriados, em que a casinha

era alugada para temporada. Como ficava bem perto do centro, mesmo sendo pequena e simples, havia muita procura. Assim tinha sido até o retorno deles, quando se aposentaram. Infelizmente, eu aparecia em Búzios menos do que gostaria. Com o local recebendo muitos turistas em férias e fins de semana ensolarados, o trânsito ficava um caos e tudo era sempre muito cheio.

A escola tinha conseguido um excelente preço em um hotel, mas eu preferia ficar com meus pais e ter o conforto da companhia e da comida de mamãe. Terminara de arrumar as malas no dia anterior e nem levaria o maiô da natação para não ficar perdendo tempo com dúvidas sobre o que usar naquelas praias maravilhosas. O congresso se iniciaria apenas às onze horas da manhã no sábado e se encerraria no domingo às quatro da tarde, o que me dava poucas horas para curtir o mar.

Decidira ir na sexta, assim que saísse do trabalho. Passei em casa para pegar a mala e fui para a rodoviária. Naquele horário, o trânsito na estrada era tranquilo, e cheguei dentro do previsto na minha cidade natal. Entrei em um carro que pedi por aplicativo e, quando cheguei à rua de casa, vi algumas crianças brincando de pega-pega enquanto as mães gritavam para que entrassem, porque já eram quase dez da noite. Toda aquela cena reavivou as

memórias e histórias que tinha de lá. Estar em Búzios trazia sempre um quentinho ao meu coração.

Recebi uma mensagem de Joice me convidando para a praia, de manhã bem cedinho – as professoras estavam combinando de se encontrar para aproveitar um pouco antes do congresso. Confirmei e decidi deixar qualquer neurose que batesse para mais tarde.

Kika, nossa cachorra, veio me dar as boas-vindas com festa, e mamãe tinha um bolo salgado, meu preferido da adolescência, especialmente para me receber. Comi só um pouco, porque já era bem tarde e tudo que queria era descansar.

— Estou tão feliz em vê-la, filha. Uma pena que você veio tão corrida e vai passar o dia quase todo fora.

Abracei dona Jussara e prometi que voltaria assim que entrasse de férias.

— Traz a Bárbara também. Como ela está?

No fim, o cansaço ficou de lado, e eu e minha mãe conversamos na cozinha até o início da madrugada. Contei sobre minhas turmas, os colegas de trabalho, o mau jeito nas costas e fiz um resumo dos últimos acontecimentos, inclusive sobre Yago. Minha mãe também se chocou com a atitude tão vergonhosa do

rapaz que fora meu namorado. Meu pai já estava dormindo havia muito tempo, porque era daqueles que acordavam com as galinhas e iam para a cama logo após o anoitecer.

Dormi como uma pedra e só acordei com o despertador. Tomei uma ducha rápida, vesti meu biquíni e fiquei me olhando no espelho, reforçando a ideia de que poderia ir à praia da forma que desejasse. Ir com amigos deveria trazer mais conforto em vez de receios. No entanto, quando se tratava de um corpo gordo, tudo era sempre uma surpresa. Tinha pânico de receber comentários ou olhares atravessados, mas, como dizia Bárbara, era preciso vencer a sensação que tentava me controlar e me trancar em casa, longe da visão alheia.

Meu pai me recebeu com um café fresquinho, daquele coado em pano, que tinha um sabor todo especial de casa. Ajudei-o a cuidar da Kika e, perto das sete horas, ele me emprestou o carro para ir até a praia de João Fernandes. O lugar nunca ficava vazio, mas era a visão da calmaria quando cheguei. Foi fácil encontrar meu grupo de dez pessoas; só me surpreendi ao ver a professora de psicomotricidade e o professor de música por lá. Achava que a escola iria levar apenas as pedagogas e auxiliares.

— Bom dia, Clá! Que linda manhã para estar nesse paraíso — comentou Joice, com seu barrigão ao sol.

Cumprimentei todos, e Robson puxou uma cadeira para mim, bem ao lado dele. Desde o incidente com o hospital e sua ação fofa, mandando uma refeição para que eu pudesse descansar, estávamos nos dando melhor. No entanto, já tínhamos entrado numa discussão, na semana anterior, por causa do planejamento da festa de fim de ano. Discordávamos da música, da dança e das atividades para o jardim II, que era a minha turma. Ninguém mais tinha muita paciência para nossas divergências.

— O que você está fazendo em Búzios, professor?

— Você sempre fica feliz em me ver, né, professora? É tão bom ser bem recebido assim, em um dia tão tranquilo — ironizou Robson, e pude ver novamente as covinhas aparecerem com seu riso.

— Não é nada disso. Só achei que você e Alexandra não viriam.

— A escola me convidou e por que eu negaria um congresso pago, além de um bom desconto para estar em Búzios? Não vi você no hotel ontem. Chegamos no último ônibus.

— Meus pais moram aqui, foi onde passei minha infância e adolescência. Não estou no hotel.

— Deve ser maravilhoso crescer em um lugar tão lindo.

Contei sobre as brincadeiras de rua, os passeios de bicicleta pelas praias, os sorvetes no fim de tarde e os banhos de mar na chuva, quando tudo estava calmo na cidade. Não trocaria minha infância pé no chão, cheia de sal e liberdade, pela cidade grande.

— Eu gostaria muito de morar em um lugar assim. Ideal para criar os filhos, tocar num barzinho para amigos — divagou Robson, olhando para o mar.

Foi quando percebi que estávamos só nós dois ali, sentados, pois as outras colegas corriam para um mergulho. Rimos de suas inúmeras tentativas de entrar no mar gelado e ouvimos gritos comemorativos quando conseguiram. A professora do maternal preferiu retornar para a areia, com medo de águas-vivas, tão comuns por ali.

— Nunca pensei em voltar a morar aqui, mas não é uma má ideia. Acho que poderia ser muito feliz numa cidade mais tranquila. Será que tem escolas montessorianas por aqui? — Refleti sobre o quanto aquela opção era boa: criar filhos em um lugar mais calmo e com mais natureza.

— Basta abrir a sua. Você promete que me arruma um emprego?

— Acho que a gente se mataria, Robson — constatei, dando uma gargalhada.

— Ou faríamos uma dupla incrível. — Ele levantou-se e esticou a mão para mim. — Vamos ver se aquele mar está gelado mesmo?

Não deixei a neurose se apossar da minha cabeça. Segurei a mão dele, levantei e seguimos andando, lado a lado, rumo ao mar. As professoras falaram que se acostumaram rápido com a temperatura, mas sempre fui da opinião de que é melhor mergulhar logo. Foi isso o que fiz, depois fiquei dando pulinhos para me aquecer. Robson ainda estava parado, com a água nos joelhos, rindo enquanto me via pular.

— Cadê sua coragem de homem?

— Nunca fui a favor dessa ideia tóxica de masculinidade, Clarice.

Fiz uma careta para o professor e comecei a jogar água nele. As demais mulheres me imitaram e bateram palmas quando Robson não teve mais escolha senão dar um mergulho. Segundo ele, o incentivo fora grande demais.

— Vai ter troco, professora — comentou quando ficou bem perto de mim, sem que ninguém mais pudesse ouvir.

— Melhor ficar atenta contigo, para não colocar minha vida em risco — brinquei, cheia de sarcasmo.

— Eu quero ver você bem viva.

Observei-o se afastar um pouco para dar umas braçadas e decidi me juntar às demais mulheres em um papo animado sobre o que faríamos mais tarde, na noite de Búzios. Combinamos de ir a um barzinho com karaokê que eu amava, perto das dez horas da noite. Todo mundo estaria exausto, mas era tempo de aproveitar a estada naquele lugar de forma completa. A noite de Búzios sempre fora excelente e muito famosa.



Após a saída do congresso, descansei meia hora, tomei um banho gostoso e curti meus pais. Jantamos, batemos um bom papo e ouvi sobre as melhorias planejadas para a casa. Ao me aprontar para sair, optei por um vestido bem fresco e colorido, que me deixaria à vontade para cantar e dançar.

Quando cheguei ao bar, meus colegas já estavam por lá, escolhendo músicas e cervejas. Sentei-me ao lado de Karen e já combinamos de cantar um sucesso de Marisa Monte.

— Quero ver o Robson cantando, porque acho que é o único que não vai passar vergonha — declarou Nádia, escolhendo uma música de Sandy & Junior.

— Karaokê é o lugar oficial de passar vergonha — informei, porque não queria ninguém desanimado e tímido.

— Eu não sou cantor, só sei cantar sem desafinar, mas Clarice tem razão. É uma brincadeira, vamos nos divertir.

Quando um grupo começou a cantar uma balada sertaneja antiga, muita gente se pôs em pé, em volta do pequeno palco, dançando. Embora a música perdesse completamente o ritmo e o tom com seus novos intérpretes, as mulheres quiseram dançar e fomos até lá, agindo como par uma para outra.

Joice cantou uma balada romântica dos Paralamas do Sucesso, e Nádia puxou Robson para dançar. O pobre homem teve que fazer um rodízio para dançar com todas. Aos poucos, cada uma subia para uma nova música. O bom era que todas cantávamos desafinado ao extremo. Cantei com Karen e fomos muito aplaudidas, contudo qualquer um que subisse no palco seria

exaltado pelo público. Era preciso coragem para acabar com sucessos de todas as décadas.

Quando Alexandra começou a primeira estrofe de *Crazy for you*, um grande sucesso da Madonna e trilha do filme *De repente 30*, eu só queria cantar a plenos pulmões com a mão no peito. Antes do meio da música, Robson parou ao meu lado, e só o notei um tempo depois, quando esticou a mão para que eu aceitasse dançar com ele uma das minhas canções favoritas.

— Você vai me dar a honra da dança ou só vai cantar?

— E o troco que estou esperando? — questionei, aceitando seu pedido.

— Digamos que a dança é meu troco.

— Vai pisar no meu pé? — brinquei e percebi que ele me puxou delicadamente para mais perto quando sua mão pousou na minha cintura.

Ele começou a cantarolar a música que Alexandra destruía no palco, e confirmei que era ótimo cantor. Não pude deixar de comentar nossa diferença no aspecto afinação:

— Você me deixou com vergonha até de cantarolar.

— Bobeira! Dá para perceber o quanto você gosta dessa música, Clarice.

— Fica quieto e continua cantando, que sua voz é melhor que a da Alexandra.

Nós rimos juntos, e ele continuou cantarolando baixinho, enquanto a gente se movia de forma lenta de um lado para o outro. Por um momento, foi estranho ter aquele olhar em mim, ao que Robson repetia palavras de amor descritas pela música. Senti o clima em uma agitação interna. Talvez fosse algo da minha cabeça? Quando tentava entender o que estava acontecendo, ele deu um rodopio e acelerou o ritmo, arrancando-me um gritinho baixo e encostando nossas bochechas, deixando nossos corpos mais colados. Não tinha mais o olhar em cima de mim, mas o perfume dele dominou minhas narinas.

— Obrigado — Robson sussurrou com um sorriso. — Acho que chegou a vez da minha música.

Deixei que fosse, mas a vontade era a de pedir mais uma dança.

BÁRBARA

Já era sexta-feira à noite, e eu ainda estava finalizando um e-mail importante para meu cliente italiano. Alguns acertos aqui e em documentos ali, e sua expansão no ramo de modas no Brasil teria a certificação em qualidade que tanto esperava. No entanto, minha expectativa estava direcionada para o fim de semana. Depois de quinze dias em Belo Horizonte, meus amigos chegariam na noite de domingo. Só não sabia o horário exato porque Gisele se recusara a me informar para evitar que eu fosse buscá-los, já que a previsão de chegada era bem tarde.

Uma batida à porta me fez desviar a atenção do computador e ver Adriana parada ali, esperando permissão para entrar. Convidei-a com um gesto e indiquei a cadeira na minha frente.

— Não esperava encontrar mais ninguém aqui, a essa hora. Sua presidente está te enchendo de trabalho?

Adriana era tão diferente do pai. Tinha uma pegada jovem, mais próxima dos funcionários, muito mais de líder do que de chefe. Notava-se que estava sempre preocupada com os problemas e

atividades de seus colaboradores. Mesmo com pouco tempo à frente da Cerqueira, já tinha contratado um homem trans para a área de recursos humanos e pontuado seu objetivo de diversificar o time da empresa. Também implementara benefícios e algumas coisas simples do dia a dia, mas que quebravam a rotina e eram sugestões antigas dos funcionários.

— Estou só revisando um e-mail para a Itália e já vou indo. Você também esqueceu da hora? — perguntei de forma simpática.

— Há muito serviço e poucos planos para o fim de semana. Minha namorada está viajando a trabalho, e a Cerqueira acabou me engolindo hoje.

— Estou na expectativa de retorno de alguns amigos. Por sinal, queria conversar contigo ou com o Edu sobre uma indicação.

Edu era o novo gerente de recrutamento. Eu tinha escutado falar de uma vaga de assistente para a coordenação de contabilidade e queria muito sugerir Gisele para o emprego. Ela poderia colocar Sofia numa creche, e seria ótimo tê-la por perto. Fora que sempre ouvira falar do quanto era competente.

— Estou à disposição. No que posso ajudar?

Contei a história de Gisele de forma resumida, sem muitos detalhes pessoais. Falei da sua formação, cursos e empregos

anteriores, ao menos do que me lembrava. Expliquei que tinha ficado fora do mercado após o nascimento da filha e como era difícil para as mães, especialmente as solo, conseguirem se recolocar no mercado de trabalho.

— Não posso prometer nada sem conversar com o Edu e marcar uma entrevista, mas acho que é um ótimo perfil. Vou mandar uma mensagem e ver se consigo marcar algo já na segunda.

Assim foi feito. Adriana entrou em contato com as pessoas encarregadas e acertou para conhecerem Gisele no próximo dia útil.

— Acho melhor nós irmos. Vou deixar você mandar o e-mail e depois me conte se deu tudo certo, Bárbara.

— Eu agradeço a atenção. Boa noite, Adriana.

Ela se despediu e me deixou só. Tinha certeza de que iriam amar Gisele e o trabalho dela. Estar empregada lhe daria mais liberdade financeira para planejar próximos passos, e eu ficava muito feliz de ver os caminhos se abrindo no Rio de Janeiro para ela e a filha.



Domingo à noite, estava à espera de Gisele, Bruno e Sofia. Tinha até preparado uma lasanha, que ficara apenas comível, graças a uma receita que procurara na internet. Não estava ruim a ponto de não descer pela garganta – ou talvez fosse uma questão de que eu já me acostumara com minha falta de jeito –, tampouco era saborosa para alguém repetir.

Uma meia hora depois, o porteiro informou sobre a chegada deles. Desliguei a TV, que vinha zapeando até encontrar um programa de reforma de casas, que nem era muito meu estilo, e abri a porta antes de o elevador chegar ao meu andar. Gisele saiu na frente, carregando Sofia adormecida. Bruno vinha logo atrás, fazendo malabarismo com as malas.

— Oi, amiga! Você poderia colocá-la na cama enquanto ajudo o Bruno?

Peguei a menininha, apoiei no meu colo, e ela encostou a cabeça no meu ombro. Dei um beijinho na testa dela, disse que tia Babi tinha sentido saudades e a botei na cama. Ajeitei tudo e saí, deixando a porta parcialmente encostada.

Gisele já me abraçou, perguntando como eu tinha ficado. Não havia feito nada de diferente durante o fim de semana. Flávio tinha me convidado para dar uma volta, mas acabara não animando de

sair. Clarice estivera com os pais, que haviam retornado com ela de Búzios, a fim de passar uma semana no Rio de Janeiro, e eu só almoçara com eles no sábado. Tinha sido muito bom revê-los, mas, fora isso, ficara grudada na minha cama, assistindo a séries ou lendo.

— Tem comida no forno, mas fui eu que fiz, então boa sorte — informei, dando de ombros. Era bom que soubessem o que iriam encontrar.

— Amiga, você é muito maravilhosa! — Gi me deu um beijo. — Vou tomar um banho primeiro, porque estou exausta. — Ela seguiu puxando sua mala e mochila para dentro do quarto.

Só então vi Bruno saindo da cozinha, bebendo um copo d'água. Ele estava tão bonito com os cachinhos despenteados, de bermuda jeans e camiseta despojada. Parecia ainda mais novo do que era; no entanto, a fisionomia estava um pouco abatida e cansada.

— Sua cara está péssima — declarei, apontando para ele.

— Também senti saudades de você, Babi. — Ele riu e sentou-se no sofá. — Acho que nunca trabalhei tanto, mas foi muito bom! Que lugar incrível para uma criança nascer.

— Fico feliz de saber que foi proveitoso — comentei e sentei-me em um pufe de frente para Bruno.

— Você não vai falar que sentiu minha falta? — ele comentou de forma maliciosa, inclinando o corpo e colocando uma das mãos no meu rosto, de forma carinhosa.

Sim, eu tinha morrido de saudades dele, muito mais do que estava disposta a admitir naquele momento, tanto para ele quanto para mim.

— Senti sua falta. — Foi tudo que falei, e o sorriso de Bruno se expandiu. Tomei coragem de tocar seu rosto e senti os fios da barba entre meus dedos.

Bruno colocou uma das mãos sobre a minha e as deslizou juntas, até sua boca, onde deu um beijo bem no meio da minha palma. Foi tão simples e, ao mesmo tempo, muito sexy, capaz de disparar uma agitação interna instantânea. Com o braço livre, contornou minha cintura, nos aproximando. Meu coração dava saltos no peito ao que entreabri os lábios, desejando beijá-lo imediatamente.

Gisele abriu a porta do banheiro, tagarelando sobre a viagem, e afastei meu corpo do dele com rapidez. Logo, minha amiga apareceu na sala, secando os cabelos e contando sobre os pontos

turísticos aos quais levava Sofia. Seguiu para a cozinha, e me levantei para me afastar de Bruno antes que ela retornasse com um pedaço da lasanha e viesse comer à mesa da sala.

Puxei uma cadeira ao lado da minha amiga e sentei-me, inquieta para contar sobre a Cerqueira.

— Tenho uma novidade — comentei e Gi parou de comer para me olhar. — Consegui uma entrevista de emprego para você, amanhã, lá na empresa.

Ela deu um gritinho e quase deixou o prato cair no chão ao se jogar num abraço de urso em cima de mim. Eu fiz questão de reforçar que não havia recebido garantias de contratação, mas falei sobre os benefícios e como Clarice poderia conseguir a bolsa de desconto para Sofia na escola em que trabalhava.

— Que incrível! Acho que nunca agradeceremos à Bárbara o suficiente, Gi — constatou Bruno.

— Minha mãe diz que amizade não se agradece — falei para os dois irmãos. — O que faremos com a Sofia? Bruno tem aula amanhã de manhã, certo?

O tio se ofereceu para cuidar da sobrinha e chegar atrasado à faculdade. Acabei dando uma ideia melhor: eu ficaria no carro com Sofia, enquanto Gisele estivesse conversando com Edu e o

coordenador responsável pela vaga. Dando tudo certo, quando minha amiga retornasse, pegaria a filha e partiria para a escola onde Clarice dava aulas no turno da tarde, para acertar a matrícula da menina, ou, sendo uma resposta negativa, tomaria o caminho para casa. No meu caso, não teria impacto no trabalho um pequeno atraso naquela segunda.

— Estamos combinadas. Agora vou deitar, porque o sono está intenso aqui — concluí, dando um bocejo.

Eu me despedi da minha amiga, que entrava rapidamente no quarto dela, e, quando segui para o meu, acenei para Bruno, que permaneceria na sala.

— Boa noite, garoto.

— Boa noite, Bela Adormecida — falou, dando uma piscada para mim.

CLARICE

Estava contando os minutos para chegar em casa na segunda-feira, porque a exaustão que sentia não era um cansaço comum, mas aquela sensação de moleza que se apoderava do seu corpo como um alerta de que iria ficar doente. Despedi-me de Karen, que ficava na escola até o fim do horário integral, e, quando estava caminhando pelo corredor rumo à saída, ouvi-o chamar meu nome duas vezes. Virei-me para Robson correndo na minha direção.

— Se você quer falar algo sobre a festa do fim de ano, pode ser na quinta?

Ele ajustou os óculos metálicos e mexeu nas alças da mochila antes de falar. Parecia um pouco sem graça, como se quisesse me contar um segredo.

— Estou indo embora também. Posso te dar uma carona, já que a gente mora perto.

— Você nunca me ofereceu uma carona antes — falei, abrindo as mãos e franzindo o cenho.

Robson conseguiu ficar ainda mais envergonhado, olhando de um lado para o outro.

— Porque antes achava que não aceitaria, mas, sei lá, imagino que sua opinião sobre mim tenha mudado um pouco, já que a gente agora conversa e não recebo mais olhares atravessados.

Dei uma gargalhada, porque ele falou tudo devagar, cheio de cuidado, mas era a pura verdade. Eu jamais teria aceitado carona no passado, porque já me bastava aguentá-lo na escola, mas o professor tinha razão ao comentar que nosso relacionamento havia evoluído. Já não o achava desagradável, muito menos insuportável.

— Robson, vamos, porque tô cansada — declarei com um sorriso, dando um tapinha nas costas dele.

Quando o homem deu partida no carro, estávamos em silêncio, algo que me surpreendeu por não gerar um momento esquisito. Mesmo assim, ele foi o primeiro a puxar assunto:

— Ouvi, esses dias, o comentário se a banda se chamava RUUM ou RUIM e lembrei de você.

Dei uma risada, porque minha observação ainda estava de pé: não era um bom nome mesmo. Podia gerar dúvida, e essa confusão, logo com RUIM, não soava interessante.

— Já pensaram em mudar de nome? — questionei com curiosidade.

— Algumas vezes, mas RUUM nunca desgrudou da gente, então resolvemos assumir. Pelo menos, não acho que a banda seja tão má.

— Gostaria de ouvir vocês tocando, um dia.

Robson parou no semáforo, alguns segundos depois, e me fitou como se não acreditasse no que eu falava. Ajeitou os óculos, riu e perguntou se eu tinha certeza disso. Confirmei com a cabeça, porque já sabia que ele cantava e tocava bem.

— Vai ficar me olhando fixamente? — brinquei, dando uma risada. — Atenção no trânsito, professor. — Era uma provocação, porque o carro estava parado, aguardando a luz verde.

— Gosto de te ver sorrindo e não tão carrancuda, perto de mim — ele comentou, dando um aperto leve no meu queixo.

— Não me faça me arrepender de mudar de ideia sobre você — impliquei com um sorriso travesso.

O carro voltou a se movimentar, e senti o mal-estar aumentar. Apoiei a cabeça no encosto do banco, com o rosto virado para Robson, e ficamos em silêncio de novo. Mantive-me ali, apenas o observando dirigir. Mesmo com suas camisas monocromáticas e

óculos fora de moda, ele tinha o perfil que me agradava. E era tão tímido – percebi seu desconforto com meu olhar direto, porque voltava a atenção para mim sempre que o trânsito permitia.

— Pena que aquele dia em Búzios passou tão rápido. É uma cidade tão gostosa — declarou Robson, virando na rua principal, que nos levaria ao meu prédio.

— Eu adoro estar lá. É uma delícia mesmo, em especial na baixa temporada, quando está mais tranquilo.

Logo, o carro estava estacionando o mais perto possível de onde eu morava. Robson desligou o motor e ficou me observando tirar o cinto. Virei-me em direção ao homem e agradeci a carona.

— Você está com uma carinha estranha, Clarice. Está tudo bem?

— Estou sentindo enjoo e o corpo meio mole, mas espero que não esteja com febre.

Robson ergueu a mão e pousou na minha testa, com calma. Fechei meus olhos numa fração de segundo, sentindo a pele quente dele na minha. O toque na minha bochecha durou um pouco mais do que o necessário, com o homem deslizando os dedos por meu rosto e parando logo abaixo dos meus lábios. Eu sentia que ele me olhava, querendo se aproximar, quase em um pedido silencioso, que

me fez respirar mais fundo. Era uma conexão ainda mais forte e atrativa do que acontecera em Búzios, enquanto a gente dançava.

— Não parece estar febril. Descansa. — A voz dele saiu mais rouca que o comum.

Confirmei com a cabeça e, quando estava me preparando para abrir a porta, ele tocou no meu ombro, me fazendo fitá-lo de novo.

— Não gostei de Búzios só pela cidade. Na verdade, eu adorei sua companhia, dançar contigo. Queria muito que a gente pudesse repetir isso aqui no Rio...

Pisquei algumas vezes, surpresa de ver Robson colocar em palavras o interesse que demonstrava com os olhos. Aquele homem estava envergonhado à minha frente, inquieto, esperando que eu falasse algo, mas era como se as palavras me faltassem. A agitação dele me encantava, e vê-lo disposto a se expor, mesmo com todo nosso histórico, desmontou mais um pouco das barreiras que havia entre nós. Por um segundo, quis voltar a sentir o toque carinhoso dele na minha bochecha.

— Não precisa me responder agora. Sei que está se sentindo mal, mas só pretendia te falar que eu gostaria muito de sair contigo.

— Deu um suspiro. — Boa noite, Clarice.

— Obrigada pela carona. E a gente conversa, está bem? Boa noite.

Ele assentiu com a cabeça, sorrindo, e ainda disse que eu poderia ligar se precisasse de algo. Entrei no prédio, ainda avaliando as palavras de Robson. Estaríamos prontos para um encontro?



Os enjoos e a dor na barriga sumiram, e eu estava recuperada da gastroenterite que me pegara no início da semana. Então, podia focar na comemoração dos nossos 31 anos, meus e de Bárbara, que seria no dia seguinte. Tínhamos desenvolvido o hábito de celebrar juntas desde que nos tornáramos amigas, porque havíamos nascido com apenas dez dias de diferença, e, dessa vez, a festa casaria com o meu aniversário.

A comemoração seria no bar e restaurante Pitada de Sal, local escolhido pela minha amiga. Isso tudo porque a RUUM tocaria naquela noite e, como Robson e Bárbara agora eram amigos próximos, ele comentara que eu tinha dito que gostaria de ouvir sua

banda. Fora o suficiente para que ambos se animassem e organizassem tudo.

Eu tinha reclamado, alegando que não queria ir a uma apresentação da RUUM bem no nosso aniversário, entretanto acabara concordando, porque os responsáveis pelo bar já tinham sido informados da nossa festinha. Decidira não dividir ainda com Bárbara os detalhes de minha última conversa com Robson e a sugestão de sairmos em um encontro – não antes de ter certeza de que queria aceitar. Sabia que Barbs incentivaria, mas minha dúvida era se eu e ele conseguiríamos nos aproximar ainda mais, sem voltar a brigar ou discordar de tudo.

Retornei para minhas aulas naquela sexta-feira, direto para uma correria sem fim na turma da manhã, com o intuito de finalizar os trabalhos para a festa de dia da família, que estava se aproximando. Achei que fosse me atrasar para o turno da tarde, mas consegui chegar com certa antecedência, e adivinha com quem eu cruzei logo no portão?

— Boa tarde, professor.

— Clarice, que bom vê-la recuperada! Fiquei preocupado contigo, mas Bárbara garantiu que você estava melhorando.

Tudo que fiz foi sacudir a cabeça de forma afirmativa, mas ele prosseguiu com a conversa:

— Animada para amanhã? Meus pais querem muito conhecê-la.

Assenti com um sorriso, e ele completou dizendo que, desde que enviara a sopa e comentara sobre mim, os pais estavam curiosos para que eu fosse visitar o restaurante. Pela descrição, pareciam pessoas muito simpáticas e solícitas, mas a ideia de conhecê-los bem no momento em que eu e o filho deles começávamos a flertar me deixou um pouco nervosa. O que será que Robson falara de mim?

— Preparamos uma surpresa para você. Quem sabe, não te conquisto de uma vez, em vez da gente morrer discutindo? — informou Robson, dando uma piscada para mim.

Dei uma risada, deixando o frio invadir minha barriga. Ele não iria inventar disfarces ou se esconder em um jogo de sedução complexo. Seria direto e objetivo, como sua última frase.

— Seriam caipirinhas grátis? — perguntei, colocando uma mão no ombro dele.

Robson deu uma gargalhada alta, com suas covinhas bem marcantes, e acabei rindo junto. Por fim, ele se aproximou como se

fosse dividir um segredo:

— Acho que posso arrumar essa cortesia, considerando que uma das aniversariantes é a Bárbara.

— Você anda muito engraçadinho! Vou entrar agora.

Apertei o passo e o deixei para trás, ainda rindo da minha provável cara emburrada. Segui para a sala dos professores e cumprimentei algumas colegas. Não tardei a perceber que o papo era sobre dieta e os três quilos que Karen queria perder. Fiquei ouvindo os conselhos, mas sem participar, sentada à mesa e verificando quais atividades tinham sido realizadas na minha ausência.

Não coma carboidratos depois das seis da tarde.

Faz aquela dieta da sopa de uma semana, que é perfeita para emagrecer. Talvez eu anime para fazermos juntas.

Corta o glúten de tudo, que vai desinchar e emagrecer.

Tem um chá que minha amiga viu na internet que é ótimo, mas você vai ao banheiro direto.

Robson chegou, cumprimentou todas e se dirigiu ao café. O assunto seguia animado, entre experiências e dicas de sites. Eu já estava bem desligada quando ouvi alguém mencionar meu nome. Levantei a cabeça para observá-las.

— Clá, essa gastroenterite é um saco, mas uma beleza para perder uns quilinhos. Olha como você emagreceu em quatro dias — declarou Nádia, rindo.

Normalmente, eu não respondia àquele tipo de comentário. Comemorar a “parte boa” de ficar doente era um absurdo gigantesco. Eu vinha sentindo dores, fraqueza e fora impedida de trabalhar e realizar com empenho qualquer outra atividade. Havia sido uma infecção pequena, mas poderia ter aberto a porta de entrada para outras mais perigosas.

— É uma pena você achar isso. Nenhuma doença é boa para perder peso. Precisamos parar de colocar nossa saúde num patamar tão baixo que aceitamos trocá-la por uns quilos a menos.

Depois da minha observação, vieram as falas de “não foi bem isso que a gente quis dizer”. Não tinha muita lógica essa ideia, então continuei tentando explicar os problemas daquelas frases. No fim, as professoras se dispersaram para o início das aulas, concordando comigo e debatendo que era preciso rever velhos hábitos e discursos.

— Excelente apontamento, Clarice — comentou Robson ao meu lado. — Você é tão maravilhosa!

Juntei as atividades da semana e me levantei, confirmando que lá estava aquele olhar de admiração e carinho que eu vinha notando. A verdade era que eu não sabia lidar com o Robson que entregava tanto sentimento com seus olhos. E se a mudança de comportamento entre nós dois fosse passageira e, em poucas semanas, eu voltasse a me irritar de forma excessiva com ele?

Apesar disso, aquela proximidade toda me fazia ter mais vontade de aceitar seu convite para um encontro. Admirei a boca dele, avaliando como seria beijar Robson, ter suas mãos entre os meus cabelos, seu corpo colado no meu. O professor franziu o cenho e logo abriu um sorriso. As coisas entre nós não só tinham mudado, como estavam alcançando degraus que eu nunca imaginara.

— Tá com calor, Clarice? Seu rosto ficou vermelho. Vamos?

Desviei o olhar e o apressei:

— Anda logo, que minha turma é a primeira para a aula de música.

BÁRBARA

Ter Gisele trabalhando comigo trazia luz para o meu dia a dia. Saíamos juntas, deixávamos Sofia na escola onde Clarice trabalhava e seguíamos para a Cerqueira. Na volta, era mais complicado, porque eu nem sempre conseguia sair no horário, e Gisele precisava garantir que estaria na escola antes do fim do período. Clarice se dispusera a pegar a menina em caso de imprevistos, mas até então não tinha sido necessário.

Naquela sexta-feira, véspera da comemoração do nosso aniversário, eu acabei ficando presa em uma reunião e Gisele foi buscar a filha. Quando estava fechando o notebook, Adriana apareceu à minha porta.

— Você está indo embora? Preciso falar contigo com certa urgência, mas talvez possa esperar até segunda.

Indiquei uma cadeira e confirmei que estava disponível para conversar. Estava saindo, mas sem pressa. E se ela esquecesse ou não conseguisse falar comigo na segunda? Minha curiosidade me faria roer todas as unhas.

— Recebi um bom feedback inicial da Gisele pelo Edu. Achei que gostaria de saber.

Não tinha a menor dúvida de que eles iriam amar o trabalho da Gi. Além de excelente profissional, era muito organizada e tinha um senso de equipe incrível. No entanto, a urgência de Adriana não devia ser sobre o trabalho da minha amiga.

— Mas o assunto é seu cliente italiano. Ele quer você na Itália no próximo mês, vinte dias por lá. É uma oportunidade única para você e também para a Cerqueira. O que acha? A viagem seria nos próximos dias, se você concordar. A volta está programada para perto do Natal.

Fiquei sem palavras, porque não esperava aquele convite. Sabia do interesse do cliente que eu fosse até suas instalações, mas não esperava que houvesse uma formalização desse desejo e nem que Adriana iria achar o convite tão produtivo. Por mais que as mudanças estivessem acontecendo de forma rápida, minha cabeça ainda estava presa na gestão do pai dela. O senhor Paulo jamais teria concordado, ainda menos com tamanha empolgação. O que mais eu poderia dizer?

— Eu topo, claro!

— Ótimo! — Adriana chegou a bater palmas. — Faremos uma reunião na segunda para tratar dos detalhes, e vou verificar tudo para sua viagem. Pode ser daqui a sete dias?

Aquilo significaria passar meu aniversário longe dos amigos e sozinha na Itália. Portanto, precisaria garantir que a comemoração do dia seguinte fosse fantástica.

— Claro. Obrigada pela oportunidade, Adriana. — Segurei a mão que ela me estendeu.

— Parabéns pelo trabalho incrível. Boa noite, Bárbara.

Ela levantou-se, saiu da minha sala e me deixou lá, de boca aberta. Tive vontade de dar um grito de alegria. Seria uma experiência única trabalhar na Itália com um cliente que confiava em mim. Meu sonho de uma carreira próspera florescia a cada dia. Se os seres humanos pudessem flutuar, chegaria em casa assim, naquela noite, em vez de pegar meu carro.

No caminho, parei em um supermercado para comprar espumante e aproveitei para levar presentinhos para meus amigos. Eu só queria dividir com todos as sensações boas que estavam me abraçando.

Só o trânsito não ajudava muito. Devido à mudança do tempo, com chuva, cheguei depois das oito horas da noite, cheia de sacolas

e plantas. Gisele estava dando a mamadeira para uma Sofia quase adormecida, mas que fez questão de abrir um sorriso quando me viu. Dei um beijinho na sua cabeça e guardei o brinquedo de montar que havia comprado. Entregar qualquer coisa para a menina a faria despertar, e Gi me mataria. As duas não vinham dormindo bem por causa dos dentes da garotinha, começando a nascer.

Bruno estava na cozinha, seu lugar favorito. Cozinhava alguma coisa que cheirava muito bem e tinha sempre minha gratidão por isso. Apoiei as compras no pequeno balcão, coloquei o espumante na geladeira e cutuquei as costas dele com meu cotovelo para pedir espaço e espiar o jantar, um escondidinho de batatas. Bruno riu e tentou me expulsar da cozinha com um pano de prato. Dei um rodopio e joguei um beijo antes de ir para o quarto em busca de um banho.

Coloquei um antigo vestido de algodão, vermelho com bolinhas brancas, que agora só usava em casa, já que a cor tinha desbotado para um tom bem mais pálido. E minha empolgação estava tão alta que procurei meu DVD de Bridget Jones para cobrar a promessa do rapaz naquela noite mesmo.

Gi estava no sofá, controlando seu sono, mas Sofia já tinha se rendido e estava capotada na cama. Minha amiga abriu os olhos,

me observou e pareceu notar que alguma coisa havia acontecido.

— Babi, você está com cara de quem viu um passarinho verde.
O que houve?

Fiz um gesto para que esperasse e fui até o balcão. Peguei o vasinho com flores amarelas, a cor favorita da minha amiga, e lhe entreguei. Gisele abriu um largo sorriso. Presentear os irmãos nunca era tarefa difícil quando se conhecia o amor que compartilhavam por plantas.

A antiga casa da minha amiga tinha um lindo jardim, que era o seu orgulho, mas, com a mudança para o Rio, não existia mais nenhum para cuidar. Na minha casa, as plantas sempre morriam, porque eu era um zero à esquerda para os cuidados necessários.

— Que coisa mais linda! Bruno, olha o que a Babi me deu!

O rapaz saiu da cozinha e se aproximou da irmã para ver a plantinha. Tocou nas pétalas delicadas e comentou que eram muito bonitas, enquanto eu sumia na cozinha novamente. Trouxe um novo vasinho, dessa vez com flores lilás, e entreguei para ele. Bruno esticou as mãos para receber o presente com um riso surpreso e tímido, direcionando a mim seu olhar agradecido, cheio de doçura. Ele não me abraçou, mas a sensação que eu tinha era a de ter sido envolvida com carinho por aqueles braços. O vaso era segurado

com delicadeza, como se fosse um cristal caro que podia quebrar com facilidade.

Gisele deu um pulo do sofá, com seu vasilhinho, e me abraçou apertado. Ela era toda pequenina, mas tinha uma força única quando queria abraçar. Como eu ainda estava meio nas nuvens, estiquei o braço para Bruno a fim de englobá-lo em um abraço triplo.

— Eu queria dividir com vocês minha felicidade. Vou passar vinte dias na Itália para atender à demanda de um cliente.

Gisele e eu demos as mãos e gritamos em êxtase, como fazíamos quando adolescentes, sempre que saía um filme novo do nosso ator favorito ou um CD dos Backstreet Boys. Expliquei que voltaria antes do Natal e que contaria com o apoio deles para cuidar dos gatinhos na minha ausência. Gi correu para pegar as taças antes de abrirmos o espumante, e jantamos falando sobre meus planos para a viagem.

Após o jantar, mostrei meu DVD do filme e expliquei para minha amiga que o irmão dela me devia uma sessão, após me expor ao *Parque dos dinossauros*. Gi recusou o convite para se juntar a nós, mas insistiu que seguíssemos com meu plano.

Liguei o DVD e vi Bruno sentado no sofá, com as pernas apoiadas em um pufe. Ele bateu no lugar ao lado, para que eu me

sentasse também. Peguei o controle e decidi me aproximar ainda mais. Colei meu corpo ao dele e pedi para que passasse seu braço ao redor dos meus ombros. Sua proximidade e seus carinhos mexiam demais comigo. Seu cheiro já estava na minha mente, seu calor me esquentava e sua voz parecia um sussurro gostoso perto da minha orelha. Meu corpo reagia a Bruno e, em vez de me afastar, eu queria desfrutar das palpitações, dos arrepios na minha pele com o toque de sua mão.

— Não se atreva a dormir! — Cutuquei-o com cotovelo na barriga, e ele sentiu cócegas, contorcendo o corpo, se afastando um pouco de mim e dando uma gargalhada.

— Acho que eu não dormiria nem que tivesse dobrado o plantão — brincou, dando um beijo na minha cabeça.

Me aconcheguei nele e iniciei o filme, falando pelos cotovelos sobre os motivos que me faziam amá-lo, criando toda uma argumentação sobre pontos positivos e negativos de Bridget Jones.

— Ela vai ficar com o homem de suéter de rena, não? — comentou Bruno em menos de dez minutos.

— Sem graça! Como você já pode saber disso?

— É um clichê bem clássico — constatou sem dificuldade.

— É, mas o relacionamento de Bridget e Mark está longe do felizes para sempre. Ela é cheia de problemas e consegue estragar as coisas mais óbvias, enquanto ele é sério, fechado e tem uma profissão que o consome. Talvez, por isso, eu goste tanto desse filme.

— Babi, você acabou de me contar o final? — Ele deu uma gargalhada e mais um beijo na minha cabeça.

— Veja o filme e escute minhas problematizações, está bem?
— Virei-me para o homem e fiz cara de brava.

Ele deu mais uma risada e, em vez de me deixar apoiar as costas no sofá, me puxou para descansar a cabeça em seu peito. Pude ouvir o coração acelerado ao que passei meu braço em torno de sua barriga, o abraçando. Ficamos em silêncio, assistindo ao filme, com exceção de quando Bruno compartilhava alguns comentários ácidos para implicar. Era divertido rever todas aquelas cenas que eu amava sob sua perspectiva masculina.

O problema foi que o filme acabou muito rápido. Percebi que não estava só abraçada nele, mas que nossas pernas também se embolavam no pufe. Eu já tinha visto filmes agarrada nos meus amigos, mas meu contato com Bruno não era um aconchego fraterno, e sim um furacão de desejo, frio na barriga e sensualidade.

Com a cabeça fresca, eu o olhava, reafirmando que ele era o irmãozinho da Gisele e que o melhor era manter distância; no entanto, com o corpo dele colado no meu, me sentia fraca para lutar contra todo o bem-estar que estar junto dele gerava em mim.

— Podemos ficar assim mais um pouco? — pedi, ainda deitada em seu peito.

— Só preciso me ajeitar, porque uma das minhas mãos está dormente.

Dei um pulo do sofá, envergonhada, e nós rimos da minha velocidade em sair de seu colo. Ele se reposicionou, e me aproximei de novo. As luzes estavam apagadas, com a sala iluminada apenas pela TV. Sentei-me de frente para Bruno e toquei seu rosto. Ele fechou os olhos, enquanto eu fazia um carinho por sua bochecha, descendo até a barba. O rapaz era tão lindo, que poderia admirá-lo por muito tempo. Ele inclinou o corpo e, com a proximidade, senti sua testa colada na minha e pude ouvir nossas respirações aceleradas. Era como se estivesse dividida ao meio, um lado gritando “beija logo esse homem” e o outro ordenando que saísse dali e fosse dormir.

A testa desgrudou da minha e senti o roçar do seu nariz e lábios na minha bochecha, indo em direção ao meu pescoço,

fazendo com que virasse a cabeça para o lado contrário, abrindo caminhos para seus beijos na região. Eu, Bárbara, com quase 31 anos, estava jogando uma brincadeira de sedução que me fazia arfar com toques carinhosos, provocantes, mas singelos.

— Como... — Bruno sussurrou, dando um beijo leve em meu pescoço — eu me afasto de você? — Em cada palavra dita, um beijo ia descendo, passando pela clavícula até meu ombro.

Eu queria grudar meu corpo no dele. Ele deslizou seu nariz pelo meu colo, depositando pequenos beijos, e eu só conseguia respirar fundo e ficar ali, facilitando seu acesso, sentindo como se uma bateria de escola de samba estivesse dentro do meu peito. Quando a mão de Bruno pousou na minha coxa, usei a minha para incentivá-lo a subir um pouco o toque. Em contrapartida, mexi os cabelos encaracolados dele entre meus dedos e sorri com a sensação. Distribuí beijos em suas mechas, na testa e nas bochechas. Como a gente podia desejar tanto uma pessoa que nem tinha beijado na boca?

Foi o choro gritado de Sofia que me fez sair da bolha que tínhamos criado, como se não houvesse mais nada ou ninguém naquela casa. Afastei-me devagar de Bruno, com as mãos no peito dele, sentindo seu coração bater da mesma forma descompassada

que o meu. O olhar fixo e quente em mim falava mais do que qualquer palavra.

— É melhor dar uma ajuda pra Gi, certo? — sussurrei, levantando do sofá.

Observei Bruno passar as mãos pelos cabelos e respirar fundo. Ele levantou-se, sem olhar para mim, e bateu à porta. Ao que entrou, eu o ouvi conversando com Gisele para saber se havia algo que pudesse fazer para acalmar a pequena. E eu segui para meu quarto, incendiada, ainda sentindo os lábios dele em mim, desejando mais. Sentei na cama, passei a mão pelo pescoço e comecei a respirar fundo para me acalmar. Seria Bruno capaz de bater à porta do meu quarto, mais tarde? Eu conseguiria mandá-lo embora? Joguei meu corpo no colchão, sabendo que o sono não chegaria tão cedo.

BÁRBARA

Foi difícil pegar no sono depois dos carinhos de Bruno. Cheguei a levantar durante a noite, incapaz de dormir, pensando em procurá-lo, mas voltei atrás e não saí do meu quarto. Estava envolvida em uma teia de sensações, apavorada de ver as carícias evoluírem enquanto uma das minhas melhores amigas vivia embaixo do mesmo teto, achando que eu estava sendo solidária e prestativa com ela e seu irmão.

Durante a madrugada, estive presa ao bom senso por um fio mínimo de razão, porque minha vontade era a de abrir a porta do quarto e procurá-lo. Fiquei avaliando que Sofia poderia acordar ou seguir chorando muito, fazendo Gisele se levantar e perceber a ausência do irmão. E o que eualaria para minha amiga? Nem eu sabia o que me puxava para Bruno.

Apesar de tudo isso, acordei no sábado bem cedinho, antes das sete da manhã. Saí do meu quarto e encontrei o apartamento em silêncio. Caminhei até a cozinha, onde havia um pequeno bolo de cenoura com calda de chocolate e um bilhete com meu nome.

Era meu bolo favorito da vida, e a cafeteira estava cheia de café fresco. Aquele homem iria parar meu coração, um dia. Puxei o bilhete e li:

Babi, que seu dia seja tão especial quanto você. Estamos muito felizes pelas suas conquistas e desejamos que voe cada vez mais longe. Um beijo carinhoso de Gisele, Sofia e Bruno.

Tirei uma foto do bolo com a mensagem para guardar de recordação e percebi que Bruno o havia feito no nome dos três. Peguei uma colherzinha na gaveta e passei pela cobertura de chocolate que escorrera para o fundo do prato. Levei à boca e confirmei que ainda estava um pouco morna, o que demonstrava que eu não fora a única com dificuldade de dormir. Não tinha dúvidas de que nossos carinhos estavam causando uma agitação intensa em ambos, mas eu também já passara pelos 26 anos e dera uns amassos em meus amigos. Havia a possibilidade de o rapaz não estar florescendo sentimentos como eu.

Dediquei boa parte da manhã e início da tarde a Gisele e Sofia. Foi delicioso passar esse tempo com as duas. Conversamos bastante sobre os planos futuros da minha amiga e tudo que ela

sonhava para essa nova vida, divorciada e em outro estado. Incentivei que ela saísse com outras pessoas ou, pelo menos, não se fechasse para isso.

À tarde, fomos junto com Sofia para o salão. A ideia era fazer unhas, cabelo e maquiagem para a festa, mais tarde. Clarice também iria, porque era parte da nossa comemoração. Minha amiga aniversariante cortou o cabelo e fez umas luzes loiras, que a deixaram linda demais. Já Gisele optou por uma escova, e eu escolhi fazer cachos, que só pararam com ajuda de muito laquê.

Chegamos em casa, ainda falando dos nossos cabelos e elogiando Sofia, que tinha surpreendido e se comportado muito bem. Bruno havia acabado de chegar do trabalho e estava guardando suas coisas. Sofia jogou-se no colo do tio, e ele fez muitos elogios para mim e para a irmã. Tínhamos marcado às nove da noite no restaurante dos pais de Robson, e, para somar às surpresas do dia, Bruno cogitou não se juntar a nós para ficar cuidando da sobrinha.

Gisele e eu nos revoltamos de imediato. Não ir? Ele queria deixar meu aniversário mais triste? Já tínhamos combinado de levar o carrinho dela para que a menina pudesse dormir, junto com um abafador de ursinho.

— Bruno, não quero ouvir mais isso. Vou para o quarto, me vestir e trocar a Sofia. Vá tomar um banho e troque de roupa — Gisele reclamou e o deixou na sala comigo. Era a primeira vez que a via falando como mais velha, dando ordens.

Ele passou tanto as mãos nos cachinhos, demonstrando estar aborrecido, que os despenteou totalmente. Respirou fundo e, então, olhou para mim. Aproximei-me dele e o abracei, permitindo que ficássemos assim por alguns segundos.

— Está muito cansado? Eu gostaria muito da sua presença. Em poucos dias, estarei na Itália... Por favor. — Me esforcei para fazer os olhos suplicantes.

— Você sabe o quanto está linda? — ele declarou, tocando de leve num dos meus cachos. — Tem certeza de que quer que eu vá?

— Claro que sim — afirmei, com um sorriso. — Obrigada pelo elogio, pelo bolo e pelo cartão. Agora, vamos nos divertir, sim?

Ele sorriu e confirmou com a cabeça. Dei um beijo estalado em seu rosto e fui para o quarto, me trocar. Coloquei uma saia longa preta, com uma fenda enorme, e uma blusa dourada, que amava. Com a maquiagem impecável do salão, bastou incluir os brincos e um colar.

Gisele estava com um lindo vestido pink, igualzinho ao de Sofia, e Bruno usava jeans escuros e uma camisa lilás. Ele tinha dado uma aparada na barba e estava muito bonito. Eu poderia ficar admirando aquele homem por um bom tempo, mas o difícil era só olhar. Queria sentir seu cheiro, abraçá-lo e beijá-lo. Ai, que Deus me ajudasse! Pegamos o carro e passamos para buscar Clarice, que também estava fabulosa com um vestido *midi* verde-escuro e bem decotado.



CLARICE

Era meu aniversário e me impressionava que os 31 anos tivessem chegado tão rápido. Comemorar minha data era maravilhoso e, sendo no próprio dia da festa, seria ainda mais feliz e divertido. Meus pais viriam almoçar comigo, mas não iriam até o bar.

Um dos meus objetivos era acordar bem tarde, mas, perto das nove horas, o interfone tocando me despertou. Seriam os dois chegando de Búzios? Estranhei, porque o plano era que estivessem

no Rio de Janeiro mais perto do horário do almoço, mas, segundo o porteiro, era uma encomenda para mim.

Permiti a entrega e recebi uma linda cesta de café da manhã. Tinha até um ursinho de pelúcia dentro. Confirmei que era eu mesma a destinatária e levei para dentro de casa. Retirei o laço e bisbilhotei os biscoitinhos amanteigados, um pote pequeno de café solúvel, um sachê de leite em pó, outro de chá de erva-cidreira, uns pãezinhos brioche, suspiros e frutas picadas em potes. Tudo lindo e fresquinho. Quando peguei o cartão, tive a surpresa mais incrível do dia.

Clarice, feliz aniversário! Espero que você aproveite muito o seu dia. A ideia é que ele comece bem e termine ainda melhor. Talvez ainda não acredite, mas eu gosto muito de você. Curta bastante e conte sempre comigo. Um beijo, Robson.

Achei que precisaria fechar minha boca com as mãos, mas só o que fiz foi sorrir. Ele estava disposto a demonstrar seu interesse com cuidado e escolhas amorosas. Fiquei ali, mexendo e observando tudo que havia na cesta, recordando o dia em que Robson afirmara que queria um encontro, e agora ele dizia com

todas as palavras que gostava de mim. O presente me deu a ideia de convidá-lo para tomar café comigo, já que era uma forma de estarmos mais próximos, fora do ambiente de trabalho e dos olhares dos colegas. Mandeí uma mensagem simples e direta, falando que tinha amado a cesta e perguntando se ele gostaria de se juntar a mim. A resposta não demorou muito.

*Eu adoraria, querida, mas
estou em aula durante a manhã.
Aproveite. Feliz aniversário!*

Respondi com um emoji de carinha triste e um beijinho. O importante era que nos veríamos à noite. Pela primeira vez na vida, estava na expectativa de encontrá-lo. Meu celular apitou de novo, e peguei o aparelho, rindo, já imaginando o que Robson respondera, mas nem tudo era maravilhoso. Era Yago com felicitações, mas apenas deletei e fiz o bloqueio de mais um número, cansada de ser direta com aquele homem e ele seguir insistindo. Não iria deixá-lo estragar meu dia, que começara tão bem.

Degustei cada item e guardei o que sobrou para o café de domingo. Quando meus pais chegaram e viram à cesta, quiseram

saber mais detalhes, contudo eu não queria falar do assunto e reduzi o gesto a um presente da escola em vez de uma lembrança individual.

O almoço foi ótimo, como esperado. A companhia dos dois me fazia muito bem e tínhamos escolhido um dos meus lugares favoritos, perto de uma colônia de pescadores. Tentei convencê-los mais uma vez de ir ao bar, à noite, mas meus pais não quiseram. No entanto, me encheram de elogios pela mudança de visual quando cheguei do salão e fizeram questão de descer comigo para se despedirem, quando entrei no carro de Bárbara.

CLARICE

Foi bem fácil chegar ao restaurante. O que não esperava era que tivéssemos uma pequena área do local decorada com bolas e uma mesinha com bolo de brigadeiro, o qual lembrava aqueles da casa da vovó. Havia também um jarro com flores e algumas velas aromáticas. Tudo muito simples, mas bonito e aconchegante; no entanto, o lugar não estava fechado para nossa comemoração e já contava com bastante movimento.

As instalações tinham uma pegada meio rústica, um palco para a banda e um espaço logo à frente para quem quisesse dançar. Em seguida, vinham as mesas de madeira até a outra ponta, onde ficavam o bar e a cozinha. As paredes eram decoradas com fotos dos proprietários, da banda RUUM e prêmios emoldurados, além de outros quadros. Era um dos lugares mais harmoniosos que já tinha conhecido.

— Você organizou isso, Barbs? — questionei, porque fora ela que combinara tudo com os donos.

— Não, isso é coisa do Robson. Não te falou que tinha uma surpresa? — ela respondeu com um sorriso.

Quando ia perguntar o que mais ela sabia sobre o homem, os pais dele apareceram para nos cumprimentar. Bárbara foi a primeira a ser abraçada, considerando que ela já os conhecia desde a festa da família, à qual fora acompanhando Robson. Em seguida, ambos me envolveram e me parabenizaram com afeto pelo aniversário.

— Meu filho fala tanto de você, Clarice. Estamos querendo conhecê-la há muito tempo. Me avise se pudermos ajudar para garantir que tudo seja ótimo. — A mãe dele me deu um beijo e virou-se, acenando para o filho.

Acompanhei o gesto dela, e a próxima coisa que vi foi Robson com os amigos da banda RUUM no palco, passando o som. Ele desceu da bateria e veio ao meu encontro, com seus óculos metálicos meio fora do lugar e vestindo algo simples, mas que era a cara dele: uma camisa preta com estampa de banda de rock e jeans surrados. Sua marca registrada, as covinhas, se aprofundaram quando o sorriso se ampliou. Senti seu abraço apertado, acompanhado de um carinho nas minhas costas. Os desejos de felicidades ao meu ouvido deixaram meus braços arrepiados. A voz dele era meiga, e adorei sentir seu cheiro e o calor de seu corpo.

Em seguida, segurou minhas mãos, na expectativa de saber o que eu achava do que ele tinha preparado.

— Ficou perfeito! Eu não sei nem o que falar. Obrigada pelo carinho.

— Não precisa agradecer. Fiz tudo de coração e espero que curtam bastante.

Bárbara se aproximou, e Robson soltou minhas mãos para felicitá-la. Minha amiga se jogou em um abraço animado, balançando-o de um lado para o outro de forma brincalhona. Quando ela o soltou, aproveitou para elogiar os detalhes da decoração, deixando o homem tímido. Barbs, então, apresentou Gisele, Bruno e Sofia. A menina queria ver os instrumentos, e o músico pediu permissão para levá-la. Eu o via com crianças diariamente, mas era muito fofo vê-lo dar a mão à garotinha e levá-la até o palco. Ela amou quando bateu na bateria e fez um barulho alto. Sorri só de observá-la dar gargalhadas.

Infelizmente, Robson não permaneceu muito tempo em nossa companhia. O show precisava ser iniciado. Começaram com uma música famosíssima da década de oitenta, que já agitou o público para o repertório que envolvia rock antigo, com um pouco de pop e MPB. O espaço em torno do palco ficou lotado em poucos minutos.

Puxei Barbs e fomos dançar. Bruno se mostrava um fofo, como sempre, ao ficar com Sofia para Gisele se divertir um pouco.

Ficamos ali, dançando, até a banda fazer uma pausa depois de quase quarenta minutos. No entanto, a pista seguiu cheia, graças ao DJ, que apresentou um repertório atual e cheio de sucessos. Robson se aproximou, sentou-se à nossa mesa para beber uma água e acabou conversando bastante com Bruno, que elogiou a apresentação. Um garçom apareceu com duas caipirinhas como cortesia da casa, procurando as aniversariantes. Eu, que falava com duas amigas da natação, convidadas para a festa, peguei meu copo, rindo e me lembrando da nossa conversa na escola.

Como eu tinha demorado tanto para perceber o quanto Robson se importava comigo? Levantei-me da mesa, dando uma desculpa para as mulheres com quem estava papeando, e troquei um olhar com homem a distância. Ele estava ouvindo Bárbara tagarelar, bebendo sua caipirinha ao lado de Bruno, mas tive certeza de que Robson viria atrás de mim, pela forma como minha amiga sorriu quando me viu caminhar para perto da pista de dança. Eu gostava de ver as pessoas dançando, cantando e sorrindo, e aquele era um ambiente que deixava os frequentadores felizes. Além disso, não havia nenhum conhecido muito perto.

— Promessa é dívida, professora. — Ouvi Robson quando se aproximou de mim, pelas costas. — Você está tão linda!

A voz dele tão perto deixou uma sensação gostosa na minha pele e uma vontade de sentir seu toque.

— Obrigada. — Virei-me para ele e sorri. — Estou encantada por esse lugar. Nunca imaginei que iria falar isso, mas você é incrível.

— Até quando você me elogia fica estranho! — O homem deu uma risada alta antes de prosseguir: — Bem, pelo menos mereço uma dança? — Ele me ofereceu a mão, pegou meu copo vazio e entregou a um garçom, antes de me fazer segui-lo.

A música que estava no fim era bem agitada, mas bastou chegarmos à pista para começar uma canção mais melosa. Robson passou a mão pela minha cintura, e tentei ignorar a sensação gostosa que o toque dele trazia. Pousei minha mão em seu ombro e fomos embalados pela canção.

— Você armou com o DJ de trocar o tipo de música para me abraçar? — questionei num tom brincalhão.

E lá estava o professor tímido, que não sabia o que falar. A diferença foi que dessa vez achei adorável, em vez de irritante, a forma como começou a rir, envergonhado.

— Talvez, já que o DJ é meu primo — comentou, sem graça.
Arregalei meus olhos e não pude evitar a risada.

— Mas, hein, eu acertei? Foi isso mesmo? Você é mais esperto do que eu imaginava, professor.

— E você nunca fala a coisa certa, professora. Mas, já que descobriu meu objetivo e não me largou aqui, acho que fiz algo que você aprovou — ele brincou, me obrigando a fazer uma careta em resposta ao seu comentário.

Assim como em Búzios, ele me rodopiou rápido, firmando meu corpo mais junto do dele. Eu abafei uma risadinha, enfiando o rosto entre seu pescoço e ombro. Quando nossos olhares voltaram a se encontrar, os risos tinham se afastado e era calor que irradiava no meu corpo.

O clima foi quebrado pelas minhas convidadas, as professoras que trabalhavam conosco, que vieram dançar por perto e ficaram nos provocando, declarando que sabiam que ainda iríamos ficar juntos com nossas discussões diárias, pois aquilo só podia ser muito desejo acumulado. Nádia ria, afirmando que os filmes e livros estavam aí para confirmar que o melhor amigo do ódio era o amor. Outra colega brigou com as demais, que chegaram fazendo barulho

e interromperam o beijo iminente. Elas estavam apenas implicando, mas mal sabiam que estavam certas.

Nem eu e nem Robson respondemos os comentários. Inclusive, não permiti que ele se afastasse quando a timidez bateu e a música lenta terminou, sendo substituída por um pop agitado.

Logo em seguida, a banda voltou a tocar, e fiquei em um misto de me balançar e observar o baterista concentrado. Ele era muito bom. Vi Bruno dançar algumas músicas com Bárbara, entre risadas e toques discretos, mas aqueles dois não me enganavam. Havia uma intimidade ali que eu não tinha notado antes.

O momento mais divertido foi quando começou *Girls just wanna have fun*, e as mulheres foram para a pista e puxaram a mim e a Bárbara. Não saberia dizer se a gente cantou mais alto que o cantor ou pulou mais, até se cansar ainda durante um refrão. Nos abraçamos no final, dando gargalhadas. Eu era muito mais feliz de poder contar com a amizade dela e não tinha dúvidas de que era recíproco. Todo nosso afeto estava ali, evidente no abraço, no riso e nos beijos que trocamos nas bochechas.

Perto da meia-noite, a banda encerrou com muitos aplausos e cantamos parabéns junto com nossos amigos, que, aos poucos, foram se despedindo e indo embora. O DJ seguia tocando, mesmo

com a pista quase vazia, quando Robson me chamou para mais uma dança.

— Você gostou de me abraçar mesmo, professor!

— Talvez eu finalmente esteja sendo óbvio o bastante — ele declarou.

Meu coração deu aquela descompassada pela forma como ele vinha dizendo tudo, sem rodeios. Em resposta, fiz um carinho no seu rosto e observei Robson segurar minha mão com delicadeza, esfregando o nariz no meu pulso, como se estivesse sentindo meu perfume, e arrepiando todo meu braço.

Eu quis muito beijá-lo e parecia que ele tinha o mesmo desejo, mas havia ainda algumas professoras por ali. Não queria ter que lidar com mais fofocas, na segunda-feira, sobre mim e Robson. Desviei o olhar e passamos a música toda falando amenidades. Quando voltamos para nossa mesa, havia um clima entre Bárbara e Bruno que dessa vez era inegável. Robson também percebeu e me puxou pela mão, direto até a porta do restaurante.

Estava um vento gostoso do lado de fora. O calor tinha dado uma trégua. Sentei-me em um banco de madeira, que se assemelhava aos que víamos em praças, posto no jardim da frente

do restaurante, e Robson acomodou-se do meu lado. A mão dele envolveu a minha, encostada em meu joelho.

Quando nos fitamos, soube que ele iria me beijar. Ansiava por aquele momento a noite toda e tinha imaginado que ele aconteceria de forma lenta, evoluindo devagar. Aproximei meu rosto e fui surpreendida pela urgência naquele primeiro toque, como se fosse incapaz de afastar meus lábios dos dele, deixando sua língua me provocar, assim como suas mãos faziam com meu corpo.

Meus dedos se agarraram à sua nuca, impedindo que Robson interrompesse nosso contato, surpresa com o turbilhão que se passava em mim sendo muito mais intenso do que esperava. A realidade tinha se apresentado ainda mais gostosa que a imaginação. Após nos afastarmos ligeiramente, coração agitado no peito e respiração entrecortada, ele tornou a me beijar – agora, sim, lentamente. Desfrutei de cada segundo, como se enfim demonstrasse ser capaz de suspirar, apesar da intensidade que seus beijos me exigiam.

— Estou com medo de falar alguma coisa e estragar tudo — ele confessou, rindo, e só consegui sorrir ao me endireitar no banco e encostar a cabeça no ombro dele.

— Então é melhor você ficar em silêncio um pouco.

Ficamos ali por alguns minutos, desfrutando das sensações e da companhia um do outro, até meu celular tocar. Era Bárbara me procurando, para avisar que estava indo embora. Já era madrugada, e o restaurante deveria fechar a qualquer momento. Levantei-me do banco, arrumei o vestido e estiquei a mão para Robson:

— Acho que a Cinderela aqui vai virar abóbora. Hora de ir para casa.

Ele se levantou e me envolveu pela cintura, me dando um beijo leve nos lábios.

— Vai deixar o sapatinho para eu te achar amanhã? — perguntou em um sussurro tímido.

Lá estava meu coração acelerado no peito, pelo jeito como ele me olhava com paixão e doçura. Uma parte de mim estava apavorada pela forma como Robson mexia comigo, e uma outra queria gritar que estava contando os minutos para que me encontrasse novamente.

— Eu já disse que você é mais esperto do que imaginava?

— Você quer que eu vá contigo? Que te acompanhe até em casa? — A mão dele seguia na minha cintura, demonstrando que não tinha pressa para me soltar.

Contudo não era o momento de levá-lo para meu apartamento, porque meus pais estavam dormindo por lá, e eu também ainda não sabia lidar com aquele homem e seus beijos de forma racional. Estava tentando evitar fazer tudo no calor da emoção. Se havia algo a mais entre nós, como parecia, não queria atropelar cada etapa. Então, apenas neguei e agradei.

Cruzei com minha amiga e Bruno à porta do restaurante quando eles estavam saindo. Dei um beijo de despedida nos dois e entrei para pagar minha conta. Aproveitei para agradecer a noite incrível aos pais de Robson. Estava feliz que os beijos haviam sido do lado de fora, porque também não queria dividir isso com eles. Chamei um carro por aplicativo, e o homem me acompanhou até a porta do veículo. Demos um selinho e fui embora, achando aquele aniversário o melhor dos últimos anos.

BÁRBARA

Fiquei encantada com a decoração que Robson ofereceu para nós (especialmente para Clarice, mas um pouquinho para mim, sendo bem honesta!). Seu interesse pela minha amiga era tão evidente que eu ficava chocada com como aquela mulher não notava. Entretanto, alguma coisa estava diferente.

Peguei a caipirinha grátis com o garçom e me aproximei da mesa onde Bruno, que estava vigiando a sobrinha adormecida no carrinho de bebê, conversava com Robson, durante uma pausa da banda.

— Estou impressionada com como as coisas mudaram entre você e Clarice.

O professor ficou envergonhado e deu uma pequena risada, passando a mão na cabeça.

— Eu também me surpreendo — ele comentou, voltando a atenção para onde ela estava e, em seguida, levantando-se apressado. — Com licença que vou lá ver se ela gostou da caipirinha.

Olhei rápido em direção a Clarice, com um sorriso, mas voltei logo a atenção para Bruno. Dei alguns passos e puxei uma cadeira para ficar bem junto dele. Já mencionei que ele estava lindo? Percebi seu sorriso ao notar minha aproximação.

Havia um dilema em mim: uma parte queria se jogar e viver, nem que fosse só pela noite, aquilo que vinha sentindo por Bruno, enquanto a outra não desejava dividir nada daquilo com Gisele. E se a situação criasse um mal-estar e impactasse nossa amizade?

Falando na minha amiga, ela apareceu sorrindo, feliz, suada e ignorando a proximidade entre nós dois. Jogou-se na cadeira e mandou Bruno levantar-se e ir dançar, pois ela tomaria uma cerveja e ficaria com a filha.

— Babi, leva esse homem para a pista, senão ele vai criar raízes aqui.

Bruno se levantou, e o puxei pela mão. Dançamos um pouco separados, para então ficarmos mais juntos, colar nossos corpos e rodopiar de forma engraçada, em uma espécie de brincadeira que nos arrancava risos do nosso próprio jeito bobo. Joguei meus braços no pescoço dele, e o homem manteve suas mãos ao redor da minha cintura quando a canção ficou mais lenta e romântica.

— Estou me sentindo no ensino médio, dançando com você assim, Babi.

— A gente nunca dançou numa festa! Você era um menino.

— Eu sei, mas não sou mais — Bruno respondeu, rindo perto da minha orelha, e mais um frio na barriga me dominou.

Naquele instante, percebi que ele iria me beijar, então apenas fugi. Desgrudei-me dele, falei que iria buscar uma cerveja e saí de fininho da pista. Acabei voltando apenas quando as mulheres me puxaram com Clarice.

Fiquei feliz de ver Gisele também curtindo bastante a festa, porque ela quase não tinha oportunidade de passar um tempo só aproveitando. Entretanto, quando alguns convidados começaram a ir embora depois de cortarmos o bolo, ela se aproximou de mim na pista de dança e me abraçou.

— Vou embora, Babi — comentou, rindo feliz e me dando um beijo na bochecha.

Caminhei com Gi até a mesa, onde ela informou ao irmão que estava voltando para casa. Bruno se dispôs a acompanhá-la, pois Sofia tinha despertado e estava chorosa, com muito sono, mas sem conseguir voltar a dormir.

— Bruno, de jeito nenhum você vai embora. Fica aqui para levar a Babi para casa. Eu vou de táxi, estou bem e sóbria, ok?

Ele tentou abrir a boca para discutir, mas Gisele apenas o abraçou de forma carinhosa.

— Meu irmão, você é tão responsável que esquece a diversão. Aproveite! — ela insistiu, dando um beijo no rapaz e outro em mim.
— Vejo vocês só amanhã, porque vou dormir igual a uma pedra.

Enquanto o rapaz acompanhava a irmã e a sobrinha até a saída, dediquei-me a buscar uma água com gás para nós dois. Observei, no caminho, Robson e Clarice dançando em um clima romântico enorme, visível a distância. Ao retornar para a mesa, puxei uma cadeira e coloquei novamente do lado do rapaz. Encostei minha cabeça nele, e Bruno apenas me abraçou enquanto bebia da garrafa que eu trouxera.

— Está muito cansado? — questionei, olhando para ele.

O rapaz voltou a tocar nos meus cabelos, que já estavam sem forma ou qualquer cacho. Mexeu o corpo, afastando-o do meu e virando-se na cadeira para ficar de frente para mim.

— É difícil ler seus gestos, Babi. — Bruno remexeu as mãos, inquieto. — Nunca sei se você me quer perto, se vai se aproximar ou fugir usando desculpas, como o choro de Sofia ontem ou a

cerveja na pista de dança. — Ele deu um suspiro lento. — Não quero ser demais, te perturbar, roubar sua atenção. Já é uma situação estranha, porque estou dentro da sua casa e fico tentando entender se estou me excedendo com minha presença, com nosso contato mais próximo. Mas queria entender de verdade o que você quer.

Levantei-me, empurrando a cadeira para trás e dando um passo para frente. Segurei o rosto de Bruno entre as mãos, baixei meu olhar, para fixar o homem que continuava sentado, e o beijei de imediato. Meus lábios tocaram os dele em uma mistura de receio, serenidade e leveza. Ele envolveu meu quadril, trazendo meu corpo para mais perto dele e intensificando o beijo lentamente, o que bagunçou tudo que se passava no meu interior.

Sentei-me de lado em seu colo, enquanto minhas mãos passeavam pelos seus cabelos e suas costas, refletindo a agitação que sentia com seu sabor e com a sensação de tocá-lo e receber seu carinho. As barreiras entre nós tinham sido derrubadas, e eu não sabia o que estava mais acelerado: minha respiração ou meu coração.

Quando nossos rostos se afastaram, seus olhos brilhantes faziam um conjunto feliz com o sorriso amplo, e só pude deixar o

que sentia estampado também na minha face.

— Eu não sei o que quero, Bruno, mas não envolve você distante de mim — afirmei, segurando novamente seu rosto.

Saí de seu colo, e Bruno ergueu-se e levou meu corpo para junto dele.

— Fique sabendo que não vou deixá-la desgrudar de mim — ele comentou, dando pequenos beijos no meu pescoço.

Puxei o rapaz pela mão para a pista de dança, após o anúncio de que o som seria encerrado em quinze minutos. Reparei que Clarice não estava por ali. Bruno me abraçou pelas costas e ficou distribuindo beijos pelo meu ombro e pescoço. Entrelacei meus dedos nos dele e fechei os olhos, aproveitando a sensação gostosa que me invadia. Ficamos apenas nos embalando de lá para cá, curtindo estar nos braços um do outro. Aquela noite podia durar muitas horas ainda?

Quando a música mudou, só notei porque Bruno me virou de frente para ele. Meus braços rodearam seu pescoço, e seguimos naquele dançar lento.

— Me beija?

Desejava um beijo atrás do outro, perdida nos braços daquele homem. Sua boca era exigente, aumentando o incêndio que havia

no meu interior, e ao mesmo tempo era doce, despertando o que eu diria ser um bando enorme de borboletas batendo asas no meu estômago. Quando a música foi encerrada, soube que era hora de ir embora.

— Vamos pagar a conta. Vou ligar para a Clá para saber se ela já foi. — Fiz um carinho em sua barba e peguei o celular na bolsa.

Acabei cruzando com minha amiga na saída do restaurante, antes de irmos para o estacionamento pegar meu carro. Com Bruno dirigindo e eu encostada no banco do carona, os receios começaram a aparecer. Estava mesmo desenvolvendo sentimentos por ele ou era só uma mistura de carinho, tesão e admiração? Era algo do momento, uma consequência da forma como nos provocávamos nos últimos dias – que só poderia resultar em beijos e amassos – ou era mais forte, daquelas ligações que se enraizavam na gente? Como era possível encarar algo que nem eu entendia?

— Está tudo bem, Babi?

Bruno me despertou do meu mundo de medos, onde ficava remoendo os problemas nas suas piores versões.

— Você promete que não vai contar para Gisele sobre o que aconteceu entre nós? Eu não quero mesmo que ela saiba.

— Se é isso que você quer, tudo bem. Não direi uma palavra.

Sorri para Bruno em agradecimento e, quando chegamos em casa, subimos lado a lado no elevador. Assim que entramos, o apartamento estava em silêncio. Bruno foi até a cozinha e serviu água para nós, quieto. Eu o acompanhei com os olhos, meio querendo saber se estava mesmo tudo bem.

— Como você quer lidar com isso, Babi?

Era o questionamento que eu não queria ouvir.

Bebi devagar a água, avaliando como poderia demonstrar com objetividade o que eu queria, porque não desejava ver minha confusão interna sendo, pela segunda vez, refletida em Bruno, deixando-o sem saber como agir comigo.

— Eu não sei, preciso pensar. Podemos deixar as coisas irem devagar? Não queria dividir isso com ninguém até ter certeza sobre como quero lidar com essa situação — expliquei, sincera, o abraçando pela cintura.

Bruno concordou antes de me dar um beijo daqueles, que roubou meu fôlego, como se quisesse acabar com todas as minhas dúvidas. Seguiu descendo pelo meu pescoço enquanto as mãos me acariciavam. Minha vontade era a de carregá-lo para a cama, mas eu não podia! Ele não era só mais um carinha que eu conhecera

numa festa. Dei uma parada nele, para que pudesse pensar com mais clareza.

— Não se esqueça do *devagar*, Bruno.

— Não vou. Fique tranquila, Babi. Vou dormir, porque estou exausto.

Ele me abraçou e me levou até a porta do quarto. Segurou minhas mãos, brincando com meus dedos e demonstrando que, assim como eu, ele também não queria que a noite terminasse. Em seguida, inclinou-se e distribuiu vários beijos rápidos nos meus lábios, me fazendo rir. Virou-se para ir embora e deu meia-volta, me agarrando de novo. Encostei minha cabeça no peito dele, garantindo que seu cheiro ficaria impregnado no meu cabelo.

— Boa noite, Bruno. Sonha comigo, viu?

Ele ergueu meu rosto e me deu mais um beijo. Quando se afastou, entrei no quarto, meio sorridente. Alguns minutos depois, uma notificação apitou no meu celular e uma mensagem dele surgiu:

Já estou cheio de saudades,

Babi.

Mandei um coração em resposta e fui tomar um banho para tentar pegar no sono. Sem nenhuma dúvida, Bruno dominaria todos os meus sonhos. Aquilo já era comum nos últimos dias.

CLARICE

Acordei na manhã de domingo com o cheiro do café fresquinho. Ter mamãe e papai em casa era um privilégio. Eu tinha demorado um pouco para dormir. Parte de mim ainda estava surpresa com os sentimentos que me embalaram ao estar com Robson. Jamais imaginaria que pudesse haver algo assim entre nós. O mais engraçado era que tinha sido tão bom que queria muito vê-lo outra vez.

Saí do quarto e cumprimentei meus pais. Sentamos para tomar café juntos.

— Como foi a festa? — perguntou mamãe, me passando um pãozinho.

— Maravilhosa! O lugar é lindo, e foi muito divertida. — Foi tudo que contei, agradecida por eles terem decidido não ir.

Logo após o café, meus pais foram arrumar as coisas para voltar para Búzios. Peguei meu celular para mandar uma mensagem para Bárbara, mas me distraí quando percebi que havia uma de Robson.

*Bom dia, Clarice. Espero
que você tenha dormido bem.
Acho que ainda estou nas
nuvens. Um beijo.*

*Bom dia. Meus pais estão
saindo para Búzios. O que você
acha de dar um pulo aqui, lá
pelas duas da tarde?*

Não demorou muito para ele aceitar, me fazendo dar um rodopio, ainda de camisola, A gente tinha muito sobre o que conversar, mas também muitos beijos para trocar. Mudei de roupa e fui dar um jeito na casa. Antes disso, mandei uma mensagem para Bárbara a fim de saber se tinha chegado bem e se poderíamos conversar no dia seguinte, após a natação.

Meus pais decidiram que deveríamos almoçar juntos, antes de pegarem a estrada. Escolhemos um restaurante ali pertinho, com comida caseira e muito saborosa. Dividi com os dois mais detalhes sobre a festa, mas segui omitindo a parte de Robson, porque ainda

não sabia o que explicar sobre nós. Nos despedimos no restaurante mesmo, ao que minha mãe me fazia prometer que ligaria para combinarmos se eu iria para Búzios, no Natal, ou se eles viriam para o Rio de Janeiro.

Voltei para casa caminhando, pensando que logo veria o homem que agora me encantava, mas com certeza não era aquele homem, parado à porta do prédio, quem eu esperava encontrar. Yago estava apoiado em um muro vizinho, com um buquê de flores na mão. O que ele fazia ali? Assim que me viu, seu sorriso se alargou, e senti minha cara fechar na mesma proporção.

— O que você quer, Yago? Pensei ter sido bem clara.

— Eu não esqueci o seu aniversário ontem, mas só consegui vir ao Rio hoje.

— Perdeu seu tempo e seu dinheiro. Também não quero suas flores. — Cruzei os braços, indicando que não aceitaria o presente.

— Eu confessei para minha ex-mulher que estive aqui e estou apaixonado por você.

Não esperava que ele chegasse mesmo a fazer isso. Fitei-o para tentar entender se era papo-furado ou ele tinha, de fato, tomado aquela atitude. Era tão difícil escutar aquilo, porque Yago era uma parte forte e significativa da minha história, um grande e

intenso amor. Entretanto, a mentira e o engano tinham sido uma escolha feita por ele, sem avaliar os sentimentos de nenhum dos envolvidos. Agora, ainda abandonara uma companheira a ponto de dar à luz, junto aos filhos, em outro estado, só reforçando que não era mais o mesmo por quem, um dia, eu tinha me apaixonado.

— Não me importa. Não quero nada contigo. — Virei-me para entrar no prédio e deixá-lo falando sozinho.

— Clarice, por favor, só me escute. Fazia anos que eu estava em um casamento sem amor, e você sabe o que é viver sem nunca esquecer uma pessoa, porque nós dois sofremos da mesma dor. Você surgiu na minha memória várias vezes. Sempre que alguma coisa marcante que fizemos juntos aparecia de novo, era de você que eu lembrava. Pensei em entrar em contato, em procurá-la, mas fui um covarde e me deixei levar, pensando que poderia salvar um casamento fracassado com mais um filho, mas não. É claro que não deu certo. Te amo.

Enquanto Yago recitava situações engraçadas que tínhamos compartilhado, momentos românticos e até a paixão que nos movera naquele reencontro, não naveguei junto pelas lembranças, como ele desejava. Eu tive certeza de que era no passado onde estavam meus sentimentos por aquele homem. Não tinha só sido

machucada demais, mas a decepção fora gigantesca e acabara com qualquer empolgação romântica.

Senti o toque dele no meu rosto e, só então, percebi Yago bem próximo de mim, segurando o buquê com a outra mão. Dei um passo para trás, com o intuito de aumentar a distância.

— Yago, sinto muito pelas coisas no seu casamento não terem dado certo, mas me escuta: nós não vamos voltar. Eu não quero estar contigo. Segue tua vida e fique com as lembranças. Se você foi medroso no passado, seja corajoso agora para apoiar a mãe dos seus filhos e conversar. Caso não haja mais jeito, tente sair dessa relação da melhor forma possível, porque você já está muito errado. Vá cuidar da sua vida, mas entenda que ela não me envolve.

— E o que faço com o que sinto? — ele questionou, dando um passo na minha direção.

— Fique com as recordações, que são as melhores. A vida é assim, nem sempre a gente fica com quem ama. — Dei de ombros. — O importante é que vai passar, e nós dois no mesmo lugar — confirmei, fazendo um gesto que nos envolvia — é a última vez que acontece. É um adeus, Yago — falei de forma firme, fitando-o.

Virei-me e o deixei na calçada, mas pedi ao porteiro que não o deixasse subir. Entrei no apartamento, bebi um copo d'água para

me acalmar e fui fazer um café fresquinho. Uns cinco minutos depois, meu interfone tocou. Achei que fosse Yago, contudo, para minha felicidade, Robson tinha chegado. Autorizei que ele subisse e fui esperá-lo com a porta aberta.

Ele estava de bermuda e uma camiseta casual, simples e lindo do seu jeito. Assim que se aproximou, o abracei e lhe dei um selinho. Entretanto, Robson estava sério e não demonstrava nenhuma empolgação ao me ver.

— Clarice, a gente pode conversar? — E o tom tranquilo, mas sem nenhum resquício do seu jeito brincalhão, confirmou que havia algo errado.

Ofereci café, o qual Robson aceitou. Indiquei o sofá para que se sentasse e trouxe uma bandeja com duas xícaras. Acomodei-me de frente para ele, porque parecia que o assunto seria mais sério do que o esperado.

— Quando estava chegando aqui, eu vi você conversando com um homem com um buquê de flores. Dava para notar pelos gestos de vocês que não era só uma entrega ou um amigo.

Que droga! Robson não precisava ter visto aquela cena, e agora eu teria que explicar mais detalhes sobre meu ex-namorado. Ajeitei-me para contar tudo, quando ele prosseguiu:

— Não foi difícil deduzir que era o Yago depois de observar vocês por algum tempo.

A menção do nome me surpreendeu, e fitei Robson sem compreender como ele podia saber da minha história. Ele foi tomado pela timidez ao perceber minha estranheza. Tomou um gole do café como se buscasse um respiro para as próximas palavras.

— Quando eu saí com a Bárbara, ela percebeu meu interesse por você muito rápido e quis me alertar para não me envolver tanto, já que você ainda estava interessada em um amor antigo, que tinha sido muito significativo na sua vida. Eu a tranquilizei, falando que não faria nada para me machucar, ou te afetar, ou nos magoar.

Apoiei os cotovelos nos joelhos e segurei minha cabeça nas mãos, com um suspiro profundo. Era óbvio que, se eu não falara nada, Robson só poderia ter conhecimento sobre Yago se fosse pela minha melhor amiga.

— Bárbara só queria que eu não fizesse nada para me machucar, Clarice, ou mesmo tomasse alguma ação que afetasse você.

Eu já começava a ficar nervosa e com muita raiva. Bárbara não tinha o direito de comentar nada sobre minha vida e meus sentimentos com Robson! Estava chocada com a calma dele,

explicando tudo ao beber café, de forma tranquila e serena. Antes, a menção a Yago me fizera deduzir que ele tinha ciúmes, mas não. Ele não parecia estar enciumado ou cobrando explicações sobre a cena de me ver com o ex-namorado.

— Robson, não há nada entre mim e Yago.

— Eu cruzei com aquele homem indo embora, Clarice — Robson afirmou, dando uma careta triste. — Tudo nele demonstrava estar apaixonado, com aquelas flores na mão. — Ele remexeu na xícara e falou, olhando para o objeto: — Não era uma pessoa que reagia como se não se importasse ou como se não houvesse nada. Talvez vocês se resolvam e possam viver esse antigo amor. — A voz tinha quase um tom compreensivo, que só me aborrecia mais.

— Você reparou que eu subi sem as flores? — pontuei com firmeza, olhando para o homem, que evitava me encarar.

— Clarice, eu não estou a fim de ficar no meio dessa história, nem de uma aposta entre você e Bárbara.

Ele sabia da aposta! Bárbara tinha contado sobre isso também. Fui envolvida por uma sensação de vulnerabilidade, porque Robson conhecia muitas coisas a meu respeito, que eu não fazia ideia. Era como se estivesse me abrindo para descobrir sobre

a vida dele, mas ele já soubesse de tudo pela minha melhor amiga. O que mais ela havia dito?

Meu café já estava frio e intocado na mesinha de centro, próxima ao sofá. Não conseguiria engolir nenhuma bebida no momento.

— Robson, por que você não está escutando o que estou falando? Não tenho nada com Yago. Cara, nem peguei as flores dele! — A frustração dominou minha voz.

— Eu escutei, sim, e o que estou dizendo é que não quero ser usado nem para afogar mágoas do passado, nem para ganhar uma aposta. Não estou te cobrando atitude nenhuma e, inclusive, acho que dei uma pressionada quando você ficou fragilizada por essa história com seu ex. Fui me aproximando, sem te dar o espaço que você precisava.

Levantei, sem conseguir me manter mais sentada, passando as mãos pelos cabelos, com a irritação avançando em mim. Comecei a andar de um lado para o outro, já com minha voz exaltada, e éramos novamente a Clarice e o Robson de semanas atrás, só que estava muito mais nervosa e sem qualquer vontade de disfarçar.

— Você está ouvindo o que está falando? — Parei e perguntei, fitando-o dessa vez, deixando a mágoa invadir minha voz também. Ele estava achando que aquilo tinha relação com usá-lo para esquecer um ex, ou fazer ciúmes, ou algo ainda mais absurdo, como ficar com ele para ganhar uma aposta? — Robson, eu retiro o que disse sobre você ser esperto! Você não é!

— Clarice, estou tentando ser responsável com os meus sentimentos e os seus. Não quero sair dessa história machucado. Pode ser que eu tenha forçado uma barra contigo, então estou tentando ser o mais sincero possível. Não quero me machucar.

Parei e respirei fundo antes de prosseguir, porque aquele papo não estava trazendo nenhum avanço. Ele não estava sendo nem um pouco coerente, convencido com suas certezas absurdas, deduzidas por sua cabeça dura. Enquanto isso, me sentia não só indignada, mas muito chateada, porque achara que nossos problemas de comunicação estavam superados.

— Esquece, beleza? A gente não consegue conversar.

Ele se levantou, segurou minhas mãos e me fitou.

— Tudo que eu quero é que você entenda melhor seus sentimentos, pense e se dê tempo para descobrir o que quer comigo. Não quero brigar contigo, mas preciso me proteger de

quem pode me magoar, e infelizmente você pode fazer isso, mesmo que não queira — explicou com calma.

— É melhor você ir embora, e espero contar com sua discrição no trabalho — falei enquanto abria a porta para que ele saísse.

Robson confirmou com a cabeça e ainda disse que eu poderia contar com ele, se precisasse de algo. Eu estava enfurecida e aborrecida com todos! Yago, que não largava do meu pé e não aceitava que nada iria acontecer entre nós, Bárbara, que havia exposto meus sentimentos e minha vida, fazendo o professor achar que só me envolveria devido a uma aposta, e, claro, Robson, que estava pulando fora porque não queria ter o coração partido, mas não pensava que tinha acabado de quebrar o meu. Queria me abraçar na cama, chorar por ter me deixado alimentar sentimentos por Robson e esquecer de tudo.

BÁRBARA

Quando acordei, no domingo, meus amigos já estavam de pé, tomando café da manhã. Gisele estava dando uma banana amassada para Sofia, que deu um gritinho feliz ao me ver. Dei um beijo nela e brinquei com o fato de sua comidinha estar muito gostosa. Minha amiga me cumprimentou e pediu ao irmão, que estava na cozinha, para trazer uma xícara de café para mim.

Meu coração deu um pulo ao ver aquele sorriso e os cachinhos bagunçados do travesseiro. Uma visão encantadora. Ele me entregou a xícara com uma piscada e sentou-se ao lado da irmã. Bruno queria saber se ela tinha algum plano para hoje e recomendou que Gisele deveria sair mais para se distrair, pois poderia contar com ele para vigiar Sofia. A sugestão soava, aos meus ouvidos, como se, além de querer que a irmã passeasse mais, o rapaz estivesse arrumando um jeito de ficar comigo.

— Você não tem que estudar, Bruno? Não quero te enrolar.

— Vou estudar agora, pela manhã.

Gisele lembrou-se de que tinha estreado um filme no cinema. Pegou o celular e confirmou que começaria uma sessão bem no horário das duas da tarde, quando Sofia dava um bom cochilo, após o almoço, e não exigiria tanto da atenção do tio. Assim, os dois se acertaram para que minha amiga pudesse ter um tempo para si mesma.

Após o café da manhã, Gisele disse que iria descer com Sofia para brincar no parquinho do prédio. Falei que podia deixar que eu mesma tiraria a mesa, para Bruno poder estudar, e também ficaria responsável pelo almoço. No instante em que ela saiu com a menina, o rapaz me abraçou pelas costas e sussurrou ao meu ouvido:

— *Buongiorno, principessa.*^[1]

— Uau, que garoto bilíngue! — impliquei, virando-me para ele e rindo.

Se eu esperava um beijo leve e carinhoso, ganhei um cheio de paixão, para deixar as pernas bambas, me fazendo me agarrar ainda mais ao corpo de Bruno. Além de ser fofo, carinhoso e divertido, ele era capaz de me tirar do eixo. Enquanto ele dava uma mordida de leve no meu lábio inferior, me provocando, tomei um susto com Pãopão se esfregando entre nossas pernas, pedindo

atenção. E o beijo virou risada, porque aquele gato adorava nos interromper. Bruno o pegou no colo e fez carinho embaixo da cabeça do bichinho.

— Vai enfrentar mesmo a cozinha? — ele me perguntou de forma brincalhona.

— Vou, sim. Pode ir estudar tranquilo. Prometo cozinhar algo simples para não estragar — confirmei e já soube que iria fazer uma salada e um arroz colorido com legumes. Eu o abracei com força e senti um beijo na cabeça.

Minha aventura como cozinheira acabou sendo muito boa. A comida estava cheia da felicidade que sentia, ou pelo menos era isso que quem cozinhasse costumava falar. Quando Gisele e Sofia voltaram, minha amiga comentou sobre meu aparente contentamento e deduziu que era empolgação pela viagem – o que não era uma mentira, porque boa parte do meu bom humor se dava àquela oportunidade.

Gi lavou as mãos e começou a me ajudar a cuidar das folhas para a salada, para conseguirmos almoçar cedo, garantindo que ela chegaria a tempo para o filme. Sofia almoçou, tomou banho e dormiu, como era sua rotina, e Gisele se foi, garantindo que

manteria o celular no silencioso para que pudéssemos ligar se houvesse necessidade.

Bruno me abraçou e sentamos no sofá, agarradinhos, sem querer fazer mais nada além de aproveitar a presença um do outro. Eu não queria falar qualquer coisa que envolvesse nossa aproximação, porque ainda tinha dúvidas de que aquilo daria certo, então perguntei como estavam a faculdade e o trabalho. Tinha plena noção do quanto sua rotina era cansativa. Todos os dias, observava seu esforço para se dedicar aos dois e ainda cuidar de afazeres domésticos e ajudar com a sobrinha.

— Falta pouco para acabar o curso, Babi.

— Quais são seus planos para depois? — perguntei, fazendo carinho em sua cabeça.

— Entrar numa especialização de obstetrícia e cooperar no que puder para que muitos bebês nasçam cheios de respeito. Quero estudar muito e conhecer diferentes maternidades, especialistas...

Admirava a forma como era apaixonado pela profissão que escolhera. A verdade era que o achava incrível lidando com as crianças, o que, sem dúvidas, faria dele um pai maravilhoso no futuro. Olhando para Bruno falando de bebês, não conseguia enxergá-lo sem filhos. Era um ponto que não pesara no meu

coração antes, mas que aumentou ainda mais os meus receios sobre nosso envolvimento. Nada e ninguém me faria mudar de ideia sobre a maternidade não ser para mim.

Bruno deu um beijo no meu ombro, fazendo com que voltasse minha atenção para o que ele dizia.

— A propósito, tenho um presente para você, pelo seu aniversário. — Ele me fitou com uma cara misteriosa e depois levantou-se para buscar.

Bati palmas, animada e surpresa pelo fato de ele ter escolhido algo para mim. Quando ele voltou do quarto com uma caixa grande, tapei a boca com as mãos, fascinada e muito curiosa. Sentou-se ao meu lado e me entregou o presente. Abrindo devagar, comecei a ver que eram algumas coisas pequenas, e não apenas uma. Primeiro, retirei um pacote de café colombiano, desses finos, especiais, com tons de diversos sabores.

— Onde você conseguiu isso, Bruno? — A amante de café em mim ficou deslumbrada.

— Pedi a uma amiga da universidade para trazer de uma viagem. Vai, continua olhando, Babi.

Além do café, havia um lenço muito elegante, um livrinho de receitas práticas, que me fez gargalhar, uma nova edição de O

diário de Bridget Jones e um chaveiro metálico em forma de globo terrestre, escrito *BABI*. Além disso, encontrei um pequeno cartão, que dizia:

Desfrute das suas paixões. Um beijo carinhoso, Bruno.

Ele se manteve lá, sorrindo enquanto eu abria cada um dos presentes e ficando mais adorável a cada reação minha. No fim, a caixa vazia caiu no chão, porque joguei meus braços em volta do pescoço dele e esfreguei com delicadeza nossos narizes, como uma brincadeira engraçada. Meu coração estava rendido. Por que negaria esse fato para mim mesma?

— Você é maravilhoso. Eu amei cada um deles — agradei, meu rosto bem próximo do seu. Com os olhos fixos uns nos outros, era óbvio que ele também estava rendido por mim.

Meu celular começou a tocar, e eu levantei para pegá-lo, antes que acordasse Sofia.

— Oi, Clarice — atendi de forma cantada, rindo e voltando a me sentar no sofá, agarrada a Bruno.

Pelo modo como eu não consegui entender as cinco primeiras coisas que Clarice disse, concluí que estava enraivecida. Desgrudei

meu corpo do homem, com rapidez, para evitar distrações. Consegui pescar poucas palavras naquela conversa, mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, a ligação foi encerrada. Corri até meu quarto, enfiei um par de tênis e peguei minha bolsa para ir até a casa dela, conferir pessoalmente o que tinha acontecido.

— Fiz alguma besteira com a Clarice — expliquei, apressada, pegando a chave do carro. — Você pode olhar a Sofia? — Era mais uma constatação do que uma pergunta.

Bruno ainda afirmou com a cabeça, mas a minha preocupação era sair daquele apartamento o mais rápido possível e entender o que eu tinha feito.



Cheguei ao prédio de Clarice o mais rápido que pude. Como era domingo à tarde, consegui estacionar logo ali em frente. Eu estava bem apreensiva, porque nunca a ouvira falando com tanta raiva e sabia que a culpa era minha. Só fiquei mais tranquila quando o porteiro me anunciou e me deixou subir.

Bati à porta, e minha amiga abriu com os cabelos meio despenteados e o rosto vermelho de chorar. Clarice nunca chorava

assim! *Ai, Bárbara, que besteira você fez?* Tentei abraçá-la, mas minha amiga recuou de imediato. Pela primeira vez, desde que nos tornáramos amigas, Clarice me olhava daquela forma e esquivava-se de qualquer consolo. Sentei-me no sofá e observei como ela andava de um lado para o outro, como se buscasse as palavras para se expressar. Uma sensação ruim foi crescendo, me deixando agoniada.

— Clá, o que eu fiz? Não entendi nada no telefone. Senta aqui e me explica com calma, por favor.

Clarice ignorou o pedido e começou a falar sobre meu encontro com Robson e como eu não tinha sido honesta sobre aquele dia. O tom em sua voz era uma mistura de ironia, revolta e tristeza. Ela estava muito magoada!

— Eu não tive nada com seu amigo! Já falamos sobre isso — rebati na hora. — Não rolou nem beijo.

— Quem está falando de amassos, Bárbara? Você abriu minha intimidade para o Robson!

Eu a fitei, confusa, e estiquei a mão para que ela parasse por um minuto. Aquela frase não fazia sentido. Que intimidade de Clarice eu teria aberto? Tentei forçar a memória para voltar ao dia

do encontro, e, de fato, havíamos conversado muito sobre ela, mas não me recordei de nada específico.

Clarice continuou, e, com mais informações, descobri o que tinha acontecido naquela tarde e também na noite anterior. Fechei os olhos e dei um sopro pela boca, sem acreditar que a aproximação da minha amiga com Robson tinha ido pelos ares por minha culpa.

— Eu quero que você explique exatamente o que comentou com Robson, Bárbara.

O tom dela nunca tinha sido tão forte, tão doído e agressivo. Entendia que seu problema não era com o rapaz, e sim comigo. Eu tinha sido a responsável por dividir com um homem os sentimentos da minha amiga, sem nenhuma autorização, e, a ouvindo agora, eu conseguia perceber o tamanho do meu erro.

— Clá, eu jamais faria qualquer coisa com a intenção de machucá-la ou de te expor. Como eu disse, nós tivemos um papo excelente, até sobre nossas famílias, e, em um determinado momento, Robson foi honesto e disse que gostava de você. Yago ainda não tinha vindo para o Rio, mas tudo estava se encaminhando para isso, então meu objetivo foi só dizer: esquece, porque ela está

em outra e é com um homem especial, que ela ama há mais de dez anos.

Ela virou-se para mim, deu um sorriso irônico e colocou as mãos na cintura. Devia ter feito isso para evitar que elas agarrassem meu pescoço.

— E precisava dar tantos detalhes? — Sua voz suavizou. — Por que você só não disse que eu não gostava dele, Bárbara? Tinha que fazer um resumo detalhado da minha vida para um homem que nem me importava?

Eu conseguia enxergar tudo de errado que tinha feito e me arrependia. Jamais poderia ter exposto Clarice assim, para Robson ou para ninguém, mas não poderia apagar o passado, só me comprometer a nunca mais fazer algo do tipo e, quem sabe, ajudar no que pudesse.

— Qual foi a última vez que falaram sobre mim?

— Ontem, mas foi rápido. Alguns dias atrás, Robson me contou que vocês estavam se dando muito melhor e que ele tinha esperança de que você enxergasse os sentimentos dele. Tudo que respondi foi que estava torcendo.

Clarice me questionou por que não tinha contado antes sobre as tentativas de Robson de se aproximar e riu de forma debochada

quando declarei que não queria me meter. Não poderia nem a culpar, porque, sem perceber, eu estava bem metida naquela história.

— E a aposta? — Clarice cruzou os braços, com um olhar que poderia me matar ali mesmo.

— Comentei que tínhamos uma aposta de brincadeira, mas eu não disse que sua parte eram encontros com Yago — tentei me defender.

— Ele entendeu que a gente se beijou ontem por causa dessa aposta. Você consegue perceber que a sensação dele é de ser um passatempo para mim? — Ela parou de andar de um lado para outro e me encarou. — A leitura que aquele cabeça-dura fez foi que, enquanto eu estava chateada com Yago, dava uns beijos nele e ainda ganhava a brincadeira.

— Como se toda a evolução no relacionamento de vocês tivesse sido motivada pela aposta — comentei, atordoada ao compreender o tamanho do mal-entendido. — Clarice, me perdoe, por favor. Não foi de forma maldosa. Eu queria que ele não sofresse, porque achei que você e Yago seriam felizes para sempre.

— Você nem acredita em felizes para sempre, Bárbara — ela falou com certo desdém.

Eu merecia cada palavra cortada e maldosa de Clarice. No entanto, talvez a última não tivesse mexido tanto comigo, semanas atrás. Agora que Bruno tinha entrado de novo na minha vida, trazendo tantos sentimentos novos, eu não sabia no que acreditava. Aquele dos filmes de contos de fadas seguia como uma fantasia na minha cabeça, mas talvez houvesse outra forma de ter um “felizes para sempre”.

Eu levantei-me, ignorando meu turbilhão, e peguei as mãos dela.

— Eu te amo, Clá! Você é uma das minhas melhores amigas, e machucar você partiu meu coração. Se eu puder fazer qualquer coisa para minimizar meus erros, pode considerar feita. Quer que eu fale com ele?

A sugestão só a fez ficar ainda mais irritada.

— Te proíbo de tocar no meu nome com Robson.

Respirei fundo, engoli em seco e concordei.

— Fica tranquila que não falarei com ele, nunca mais, sobre você.

Eu sabia que precisava dar um tempo para Clarice respirar e poder pensar em me perdoar, porque a mágoa era enorme e a

confiança fora abalada. Ela trazia tudo isso escrito em sua fisionomia.

— Prefiro que você vá embora, se já explicou tudo. Quero ficar sozinha. Eu me senti exposta, Babi, estou tão chateada contigo... — A voz saiu entrecortada e chorosa.

Ela nem precisava dizer, e o pior era ser culpada pela dor de uma amiga querida. Saí de lá limpando as lágrimas, que não conseguia controlar, e respirando fundo para me acalmar. Entretanto, ao abrir a porta do carro e entrar de qualquer jeito no banco do motorista, os soluços chegaram sacudindo meu corpo. Eu me abraçava, querendo afastar o olhar magoado de Clarice da minha mente.

Não queria ir para a Itália sem que ela me desculpasse. Temia que uma distância grande, em um momento fragilizado, pudesse impactar nossa amizade. No entanto, entendia que a mágoa não sumiria com palavras de perdão. Minha amiga precisava de espaço e tempo.

BÁRBARA

Cheguei em casa no fim da tarde, contudo não queria sair do carro. Estava me acalmando. Sentia-me péssima, e toda felicidade que horas atrás me dominava tinha se evaporado com a dor que havia causado na minha amiga e o temor de que a confiança dela tivesse se quebrado como cristal. Resolvi dar uma volta no bairro, porque não tinha como nadar naquele momento, então uma caminhada ajudaria com minhas emoções.

Quando finalmente entrei no apartamento, já era noite. Gisele estava brincando com Sofia, e Bruno estava estudando, mas minha cara devia estar péssima, porque os dois se levantaram assim que me viram. Eu tinha prendido os cabelos de qualquer jeito, e minha maquiagem estava borrada em torno dos olhos vermelhos. Gi deu um brinquedinho para a filha e veio até mim. Bruno ficou mais afastado, dando espaço para a irmã agir.

— Babi, o que houve?

— Eu tive uma briga terrível com a Clarice, e a culpa é toda minha. Me abraça, Gisele, por favor.

Minha amiga me abraçou com força, e não consegui segurar o choro. As lágrimas não só voltaram como despertaram a atenção de Sofia, que fez cara de quem iria chorar também e começou a chamar pela mãe. Foi Bruno quem a pegou no colo e a levou para o quarto, então, pude explicar por alto o que havia acontecido.

— As coisas vão se resolver. Vocês são grandes amigas, e ela vai te perdoar, Babi. — Ela fez carinho na minha cabeça e falou comigo com doçura e calma. — Por que você não toma um banho para relaxar?

— Vou fazer isso e me deitar um pouco, porque minha cabeça está explodindo.

Gisele tinha razão e a água quente me acalmou. Vesti uma camisola, mesmo não sendo nem oito horas da noite, e me deitei. Mexi no meu celular, mas não havia mensagens de Clarice, e nada além disso chamaria minha atenção. Ou era o que eu pensava até ouvir batidas à porta. Era Bruno, com uma bandeja com sanduíche e um suco. Chamei-o com a mão; ele entrou e fechou a porta.

— Gi me pediu para trazer algo para você comer e um remédio para dor de cabeça — informou, ao apoiar a bandeja na mesa de cabeceira.

Em seguida, ele me abraçou, o que me fez chorar mais um pouco. Bruno fez carinho nos meus cabelos, em uma tentativa de me acalmar, como o via fazer com Sofia quando a garotinha estava muito chorosa. Agarrei-me no peito dele com força, sabendo que o que acontecera com Clarice refletiria em nós dois, porque eu estava vivendo as consequências do quanto atitudes equivocadas podiam balançar até os laços mais fortes.

— Está partindo meu coração vê-la assim.

— Então você é o segundo que machuco hoje, Bruno. Eu acho melhor ficar sozinha, não quero que Gisele estranhe o tempo que você passar aqui.

Ele me deu um beijo na testa antes de sair do quarto. Estava decidida a fazer as coisas do meu jeito, usando meu método favorito para resolver dilemas: uma lista de prós e contras de um possível relacionamento com Bruno. Peguei um papel na mesa de cabeceira e comecei a rascunhar.

A favor

Gosto dele

É um cara divertido e atencioso

Contras

Minha relação com Gisele poderia ficar abalada

Poderia ter que me afastar de Sofia, se brigássemos

Eu não quero filhos, e ele tem todo um jeito com crianças e bebês

Profissão dele é hospitalar, precisa de um lugar fixo

Ele tem só 26 anos!

Peguei a lista, a coloquei dentro da minha nova edição de *O diário de Bridget Jones* e deixei o livro em cima da mesinha. A decisão estava tomada, mas a lógica só fez meu coração ficar ainda mais quebrado, e acabei dormindo de tanto chorar.



A segunda-feira foi intensa e exaustiva. Fiquei em reunião quase a manhã toda com o cliente da Itália e passei o restante do dia com Adriana. Depois de um fim de semana agitado e cheio de emoções, eu precisava parar e acertar os últimos detalhes para a viagem. Apesar da correria, fiz questão de sair junto com Gisele e buscar Sofia na escola, porque queria ver Clarice por lá. Estacionei

o carro e constatei que minha amiga já tinha ido embora, mas cruzei com Robson, que veio me cumprimentar. Quando, em seguida, começou a falar de Clarice, o interrompi bruscamente:

— Robson, desculpe-me, mas eu não quero me meter ou falar qualquer coisa sobre vocês.

— Está tudo bem? — ele questionou, se aproximando de mim.

— Sim. Tudo ótimo — respondi de forma seca, sem dar muita atenção, me afastando dele para ver se Gisele já vinha para a saída com Sofia. — Preciso ir. Até mais.

Sofia correu para mim, e a peguei no colo, perguntando como tinha sido o dia na escolinha. Deixei as duas na portaria de casa e segui para a natação, na expectativa de ver Clarice, mas ela não foi à aula, o que me deixou ainda mais triste. No fundo, não esperava que me evitasse tanto.

Minha vontade ao chegar em casa era a de me trancar no quarto e dormir, mas tomei banho, me troquei, lanchei com minha amiga e fiquei no sofá à espera de Bruno chegar da faculdade. Gisele foi se deitar, e eu fingi que estava sem sono e veria mais um pouco de TV.

O rapaz chegou depois das dez da noite, e Pãozinho e Manteiga o receberam miando e ronronando. Ele se abaixou e fez um carinho

nos gatinhos. Seus olhos brilharam quando me viram, e ele perguntou pela irmã. Quando soube que estava dormindo, veio me beijar, e, sendo bem sincera, eu quis muito retribuir e abraçá-lo. O que realmente fiz foi desviar e pedir que se sentasse. A fisionomia de Bruno mudou, o deixando sério. Ele tinha notado que o assunto era urgente.

— Bruno, eu te disse que estava confusa, mas pensei bem e já sei o que quero. Eu sinto muito, mas prefiro manter as coisas entre nós apenas na amizade.

Não queria olhar para ele, porque machucá-lo também me doía.

— O que houve, Babi? Achei que a gente estava em sintonia. Você sabe o quanto gosto de você, não sabe?

Eu confirmei com a cabeça e comecei a lutar para não deixar as lágrimas virem. As mãos dele ergueram meu rosto, tombado para baixo. Bruno queria que eu o olhasse. Colocou minha mão em seu peito, para que eu sentisse o coração.

— Você sente o quanto ele acelera quando estou perto de você?

Afastei minha mão e levantei-me para aumentar a distância entre nós, disposta a fazer o que era necessário.

— Eu sinto muito, Bruno. — Foi tudo que consegui falar. — Nossa amizade é muito importante para mim, e tenho certeza de que vamos conseguir seguir dessa forma.

Bruno enfiou as mãos nos cabelos, desfazendo alguns cachos, antes de dar um suspiro profundo. Ele sacudia de leve a cabeça, de um lado para o outro, com ar de incredulidade com relação ao que estava acontecendo.

— Não é possível que entenda tão errado os seus sinais — falou com uma voz cansada. Em seguida, respirou fundo e bateu no lugar ao seu lado no sofá. — Vem cá e conversa comigo!

— Estou indo para a Itália trabalhar e me divertir também. Você tem vinte e seis anos e, com certeza, muitas coisas e pessoas para conhecer numa cidade nova. A gente vai ficar bem, Bruno.

Ele apoiou as mãos nos joelhos, fitou o chão por alguns segundos e, quando ergueu a cabeça, os olhos não estavam apenas tristes, mas aborrecidos.

— Se é o que você quer, Babi — concluiu, com uma tristeza na voz que deixava meu coração apertadinho. — Com licença e boa noite para você. — Bruno saiu em direção ao quarto, sem olhar para mim.

Quando entrei no meu, fechei a porta e respirei fundo, sem querer deixar mais lágrimas no travesseiro, mas o mais importante era que tinha conseguido fazer o que precisava. Logo, os sentimentos se acalmariam e aqueles beijos ficariam no passado.

CLARICE

Peguei meu celular ao ouvir o apito da notificação. Bárbara vinha me mandando mensagens todos os dias, desde que discutíramos. Nunca tínhamos ficado tanto tempo sem nos falar.

*Cara, você não tá aqui na
natação de novo e minha vontade
é de ir embora, porque tô
entendendo que ainda não quer
me ver. Clá, amiga, vamos
conversar novamente, por favor.*

Na verdade, minha raiva já tinha diminuído e eu sentia muita saudade dela, imaginando como estaria mal depois da nossa briga. Quando estava me preparando para responder, o interfone tocou e pensei que fosse ela, que teria largado tudo e vindo me procurar. A surpresa foi descobrir que era Robson; eu tinha evitado sua presença nos últimos dois dias. Autorizei a entrada e o esperei à

porta. Quase um *déjà-vu* da tarde de domingo, contudo com outros sentimentos e expectativas.

— O que você veio fazer aqui? — perguntei quando ele ainda estava no corredor. Eu não queria brigar, todavia o tom da minha voz saiu cheio de mágoa.

— Eu queria falar sobre a Bárbara.

Não acreditei que aquela mulher tinha aberto a boca dela de novo. Dessa vez, não tinha desculpas. Queria saber o que ela contara para ele, então fiz sinal para que entrasse. Ele ficou ali, de pé na entrada, e só encostei as costas na porta, cruzando meus braços.

— Talvez você pense que eu sou burro, Clarice, mas vi Bárbara na segunda e na terça, e ela praticamente se recusou a falar comigo. Ela estava triste demais e quase fugindo de mim.

Pelo menos dessa vez, Bárbara tinha feito o que me prometera, mas eu não poderia negar que ouvir outra pessoa falando o quanto ela estava para baixo me deixou de coração apertado.

— Juntei as peças e imaginei que a culpa de algum desentendimento entre vocês foi minha. Para não me machucar,

acabei magoando as duas e peço desculpas por isso. Bárbara não fez nada contra você, Clarice.

Estava cansada daquela discussão inútil com Robson.

— Ela comentou sobre a minha intimidade contigo, quando podia só ter falado a verdade. Seria o suficiente para que você entendesse que não ia acontecer nada entre nós. — Eu tinha plena consciência de que estava falando como se a realidade ainda fosse aquela, mas me sentia ferida por ele.

Era só olhar para Robson e ver que o coração dele não tinha saído intacto também de tudo aquilo. Os óculos metálicos tortos, como sempre, as mãos dentro dos bolsos frontais da calça jeans e a postura cabisbaixa demonstravam que tudo aquilo mexia muito com seus sentimentos.

— Ela foi enfática assim porque viu como eu estou apaixonado por você, Clarice — Robson respondeu de forma tensa.

Eu queria ser indiferente ao que ele acabara de declarar, não permitir que meu coração se agitasse, que a timidez e ansiedade no seu olhar e voz me envolvessem. Nossos olhos se fixaram por alguns segundos. Ele deu alguns passos, se aproximando de mim.

— Diferente do que parece, sempre te admirei, e todas aquelas discussões que acabavam sendo engraçadas e bobas me

faziam ver tanto de você, que fui me envolvendo. Foi platônico por alguns meses, sim, mas depois não bastaria ninguém falar que você não gostava de mim, porque isso não era segredo. Eu não me importava e só queria colocar para fora, e talvez tenha sido isso que a fez falar tanto da sua intimidade. Eu te amo, mas não queria atrapalhar uma história como a sua e do seu ex.

Robson tinha falado em amor. Eu não conseguia ouvir mais nada, minha cabeça ainda estava girando na declaração, mas, se ele me conhecia tão bem, por que não havia me escutado? Tinha vindo até a minha casa, achando que tudo que eu queria era uma brincadeira que iria quebrar seu coração, assumindo verdades absolutas enquanto tudo que eu desejava era ouvir algo como “eu te amo”.

— Você tirou suas conclusões no domingo, e entendo que tenha vindo até aqui preocupado com a Bárbara, mas nós vamos nos resolver. O que não tem jeito parece ser nós dois. Eu jamais envolveria uma pessoa próxima em uma aposta ou numa briguinha de casal. Não iria piorar ainda mais nosso relacionamento como colegas de trabalho por caprichos. Jamais mudaria minha relação com qualquer pessoa para ganhar uma brincadeira ou para me divertir enquanto não voltava pro meu ex.

— Só queria ser sincero, sem discussões ou brigas, porque meu plano era falar de nós.

— Você nem tocou no assunto “nós”, Robson.

Eu o vi puxar o ar, como se estivesse tomando coragem. As mãos passaram inquietas pela cabeça, e então ele buscou as minhas, segurando-as com firmeza.

— Eu estava com medo, Clarice. Foi tanto tempo achando que a gente não tinha futuro, que comecei a ver coisas e juntar peças estranhas de um quebra-cabeça que inventei e me pareceu bem real. Devia ter começado no domingo da forma certa, não falando sobre Yago.

— Mesmo depois dos beijos no sábado, da minha mudança de atitude contigo, você ainda tinha dúvidas de que eu estivesse envolvida? — Voltei a falar em tom ríspido.

— Clarice, porque você nunca afirmou isso! Olha para mim, por favor. — Suas mãos direcionaram meu rosto para que ficasse na mesma altura do dele. — Eu tenho sido o mais direto possível contigo. Eu falei sobre nós dois em Búzios, te chamei para um encontro, fiz acordo com o DJ para dançarmos juntos. O que significa “nós” para você?

— Eu gosto de você, tá bem? — declarei em um suspiro chateado, porque não queria assumir esse sentimento agora. — Tem sido gostoso estar contigo e, sim, você mexe comigo.

Enquanto eu falava, vi o sorriso dele aparecer e as covinhas lindas, que eu amava, surgirem.

— Foi você quem não me deixou falar nada disso, com suas acusações e dúvidas — afirmei, apontando o dedo indicador para ele, e dei uns passos para me afastar. — Isso não importa agora. E, se já falou tudo que queria sobre a Bárbara, pode ir, por favor.

— Eu te amo, Clarice.

Ainda estava muito decepcionada e precisava de espaço. Se tivéssemos conversado no domingo, como planejado, nada daquilo teria acontecido. Caso tivesse me ouvido em vez de chegar a conclusões, estaríamos juntos.

— Sabe, Robson, o problema é que você precisa aprender a me ouvir. Achei que essa lição já tinha sido aprendida depois de domingo. Não adianta você declarar seu amor se é incapaz de me escutar.

Abri a porta do apartamento, e Robson saiu, mas, quando já estava fechando, ele voltou a me chamar. Eu o fitei, séria.

— Saber que você tem sentimentos por mim é meu sapatinho de cristal para te reencontrar, Cinderela.

— É uma pena que cristal quebre. E colar os pedaços leva tempo.



Quinta-feira, antevéspera da viagem de Bárbara, mandei uma mensagem, a chamando para comer uma pizza. A resposta incluiu vários corações e a promessa de que a escolha do sabor seria minha. Eu sorri, cheia de saudades dela.

Robson tinha deixado um bilhete nas minhas coisas, na escola, já que eu seguia o evitando.

Não esqueça que eu te amo e estou disposto a esperar o tempo que for para que todos os pedaços estejam bem colados. Um beijo, R.

No entanto, eu só queria resolver as coisas com minha amiga. Quando ela chegou, à noite, parecia meio deslocada do ambiente que costumava ser sua segunda casa. Quebrei o gelo, falando que

já tinha pedido a pizza e não havia mais chance de mudar o sabor. Ela riu, me olhou com carinho, e estiquei meu braço para um abraço apertado. Ela me envolveu com força, pedindo perdão, repetindo que não queria ter estragado tudo. Dei um beijo em sua bochecha e falei que poderia ficar tranquila. Estava tudo perdoado e no passado.

— Senti saudades, Clá. Muita saudade!

— Eu também e te amo, amiga!

Ela enfim se jogou no sofá, como sempre. Parecia mais animada, mas ao mesmo tempo eu ainda via alguma tristeza nela. Peguei uma água com gás na geladeira, que mantinha apenas para minha amiga. Ela sorriu, agradecida, ao ver que eu tinha comprado a bebida da qual gostava.

— Conte-me tudo que está deixando você com essa cara de gato abandonado. Pensei que o problema fosse comigo, mas, pelo visto, há algo mais.

Minhas suspeitas sobre Bárbara e Bruno estavam corretas e adorei ver minha amiga apaixonada assim pela primeira vez. Das outras vezes, parecia que o namoro fora o caminho a seguir depois de ficar com alguém por muito tempo. Impliquei que uma mulher tão pouco romântica tinha se envolvido com um cara tão fofo e emotivo.

— Por que você criou uma lista se tá caída por ele? — Queria que esse ponto fosse bem esclarecido.

— Não é porque eu gosto dele que vai dar certo, Clá. Eu fiz o que acho ser o certo.

— Eu só acho que você está igual ao Robson, com medo de se envolver de verdade.

— Vocês conversaram depois do domingo?

Confirmei e, ao ouvir os detalhes sobre ontem, a primeira reação de Bárbara foi de que deveríamos nos acertar. Lógico que eu sentia falta de estar com ele, de ouvir suas palavras amorosas, do fato de ele se calar ou falar demais na hora errada e, claro, de seus carinhos e beijos, mas a gente tinha um longo caminho pela frente.

— Barbs, ouviu o que eu disse? A gente mal consegue conversar...

— Ok, Clarice, mas, se já concordaram que erraram no domingo, Robson já se declarou e você mesma disse que estavam surgindo sentimentos por ele, não entendo por que estão separados. Vai esperar mais o quê, para se acertarem?

— Olha quem fala! Você está criando problemas inexistentes, com medo de se envolver! — retruquei e recebi uma careta como resposta.

A pizza chegou em seguida, e fui até a cozinha pegar os pratos e talheres. Bárbara nos serviu, e nos sentamos à mesa para continuar o papo durante a refeição.

— Você vai mesmo para a Itália sem jogar essa lista no lixo, Barbs? — perguntei, antes de dar uma mordida.

— E você? Vai procurar o Robson? — ela retrucou de propósito.

— Sabe o que é mais estranho? A gente fez aquela aposta para mostrar que podia correr atrás do amor em vez de ficar esperando uma ação dos homens, e olhe só para nós.

— Um brinde às péssimas mocinhas que nós somos, Clarice.
— Ela ergueu o copo com ironia, antes de tomar um gole. — Só queria que se apaixonar não fosse tão difícil.

*BÁRBARA**20 dias depois*

Em menos de uma hora, meu voo chegaria ao Rio de Janeiro. Estava exausta da viagem e daqueles incríveis, mas intensos vinte dias. Não havia dormido uma vez sequer antes das dez da noite e acordava sempre às sete da manhã. Além da jornada de trabalho na empresa do meu cliente, havia almoços, jantares e até passeios de negócios, os quais me obrigaram a elaborar uma apresentação em cima da hora, que me fizera madrugar.

Houve também muita diversão, e conheci várias pequenas cidades italianas incríveis com uma moça argentina que trabalhava do meu lado no escritório, e com quem eu fizera amizade.

Assim que o avião pousou, levei pelo menos vinte minutos para conseguir chegar ao saguão de desembarque. Gisele estava em pé, perto de um café, quando acenei, sorrindo. Ela me abraçou apertado.

— Ai, que saudades de você, Babi — minha amiga declarou e, depois, se afastou um pouco para mexer no meu cabelo. — Chanel

curtinho?! Amei o visual novo!

— Uma amiga argentina, que fiz na Itália, me convenceu a cortar. Eu também adorei!

Gisele tinha pedido a manhã de folga para me buscar, Bruno estava no trabalho, e Sofia no penúltimo dia da colônia de férias, que a escola oferecia após o fim do ano letivo.

Conseguimos um carro de aplicativo e fui contando sobre tudo que mais havia amado na Itália, os museus que tinha visitado e as cidades que conhecera. O trânsito tranquilo do meio da manhã ajudou, já que eu estava morrendo de calor, porque, por mais que tivesse me vestido para não derreter no Rio, ainda estava de calça e uma blusa fina de manga comprida.

Pãozinho e Manteiga, com um pouco de raiva pela minha ausência, começaram me ignorando, mas logo estavam ronronando e se esfregando nas minhas pernas.

— Vou tomar um banho e colocar uma roupa leve.

— Farei um cafezinho fresco para a gente.

Minutos depois, eu a encontrei sentada de pernas cruzadas no sofá, bebericando de uma xícara. Ela apontou para a bandeja em cima da mesa, onde eu poderia me servir também.

— Agora que você voltou, é hora da gente ter uma conversa sincera.

Xinguei baixinho enquanto enchia minha caneca. Será que eu tinha feito algo errado, ou ela tinha descoberto alguma coisa? Não esperava ter que enfrentar uma conversa séria com outra amiga tão cedo, até porque tinha feito de tudo para evitar problemas entre mim e Gi.

— O que está acontecendo com você e Bruno?

Mais um xingamento interno. Bebi um gole de café, pensando no que falar e no que ela sabia ou como se sentia a respeito. Não parecia triste, mas soava chateada.

— Do que você está falando, Gisele?

Escolhi a tática de me fazer de boba, e ela não gostou, porque se levantou bufando e foi se servir de mais café.

— Jurava que havia algo entre vocês, alguma coisa especial, que estavam apaixonados. Deixei vocês sozinhos antes da viagem todas as vezes que pude. Percebi os olhares, os sorrisos e achei que você estava esperando oficializar para me contar, mas, depois da briga com Clarice, as coisas mudaram.

Ela sabia de tudo. Cada vez que ia dormir, ou saía, ou dava a desculpa de que iria tomar banho. Tinha pleno conhecimento sobre

nosso envolvimento e estava tentando ajudar e incentivar nossa relação. Eu não sabia se conseguiria fechar minha boca, de tão surpresa que estava.

— Babi, não é que eu queira me meter, viu? Perguntei ao Bruno se vocês estavam juntos ou se pegando, e ele negou, mas eu o conheço bem. Sabia que ele não iria me falar nada. Estava decidida a esperar você chegar, mas fui arrumar seu quarto, e me desculpe, mas folhee o livro da Bridget Jones e tinha uma lista de prós e contras.

Ela voltou com a xícara cheia e se sentou no sofá, ao meu lado, esperando minhas explicações.

— Gisele, não falei nada porque achei que você fosse ficar incomodada com uma relação minha com seu irmão e não queria impactar nossa amizade.

— Por que ficaria? Eu te amo, te admiro e você é minha melhor amiga. Por que não iria te querer como cunhada? Meu irmão é um homem fantástico e vocês se merecem. Ele sempre gostou de você, sabia? Desde quando tinha quinze anos e você veio para o Rio estudar. Há uns anos, ele me disse que tinha uma paixão por você na adolescência, e eu vi o sentimento de vocês florescendo. Não me diz que estou errada e tudo foi só uma coisa boba?

Meu corpo estava agitado, porque nem eu colocaria tão bem em palavras tudo que Gisele falava. No meio do turbilhão de emoções e da briga com Clarice, deixar Bruno era o caminho mais lógico. Agora, me sentia uma boba por pensar que estava preservando minha amizade, quando Gi sabia de tudo – inclusive, desde muito antes, coisas que eu mesma não sabia.

— Você está certa, pelo menos com relação aos meus sentimentos. Eu me apaixonei por ele, sem querer. No início, era só um flerte bobo. Se você viu a lista, sabe tudo que pontuei para me afastar dele.

Era medo de amar. Havia anos, eu não me envolvia emocionalmente com ninguém; sempre com relações passageiras, sem apegos. Nunca duvidei de que a vida não apresentava garantias. Podíamos fazer nosso melhor, mas tudo em nosso entorno mudava constantemente.

— Fico feliz de não estar enganada, mas então, por favor, resolvam isso, viu? Bruno tem feito um esforço gigantesco para engolir os sentimentos. Eu o conheço e vejo isso todo dia, mas imagino que você também esteja. Se não se permitir amar, não vai sofrer, mas também não vai aproveitar tudo de bom que só o amor traz, querida.

— Você é a melhor amiga do mundo, Gi.

— Só quero ver vocês, que amo tanto, felizes e juntos, se for isso que desejam. Bruno sabe o que você sente?

Quando neguei com a cabeça, Gisele deu um sorriso grande, certa de que o irmão corresponderia o meu sentimento. Com o assunto pendente resolvido, ela me convidou para almoçar e recomendou que dormisse, à tarde, para evitar os efeitos do *jet lag*. Assim, teria uma conversa séria com Bruno no fim do dia. Ela prometeu ainda que iria para cama às nove da noite e não sairia de lá.

— Por favor, se forem fazer as pazes, façam no seu quarto, para que eu não acorde de madrugada e dê de cara com ambos pelados.

Meu rosto ficou da cor de um tomate, e ela morreu de rir da minha vergonha.

— Deixa de ser boba que só demos uns beijos, sua maldosa — expliquei, sem graça.

— Vocês são muito lentos, Babi! Agiliza isso, mas não quero detalhes. Vou pegar minha bolsa para almoçarmos.



Estava tudo combinado para minha conversa com Bruno, até ele aceitar cobrir o plantão de um colega, que iria comemorar o aniversário de casamento, e virar a madrugada no trabalho. Já tinha feito isso algumas vezes, mas não achei coincidência que tivesse topado bem no dia em que eu voltava da Itália.

— Esperar mais algumas horas para se acertarem não será um problema, né, Babi? — comentou Gisele, perguntando se eu queria ver um filme.

Depois de me preparar por toda a tarde e ficar sem ele por três semanas, talvez esperar fosse um problema, sim, mas minha única opção foi dormir antes do horário usual e acordar muito cedo para ir trabalhar. Queria compartilhar com Adriana tudo que tinha acontecido com o cliente italiano.

Fiz minha apresentação na sala de reuniões, discutindo pontos importantes e também discordando de sugestões ultrapassadas dos dois diretores homens presentes, que não gostaram de ouvir uma opinião distinta da deles vindo de uma mulher jovem. A presidente, diferente dos outros, parecia empolgada e muito satisfeita, trocando algumas ideias e elogiando avanços que havíamos feito com o cliente.

Quando terminei o que gostaria de dividir com a diretoria, sentei-me para aguardar o encerramento da reunião. Adriana confirmou que a Cerqueira Soluções Inteligentes entraria em férias coletivas de fim de ano naquela tarde, mas esse fato eu já sabia. O que não esperava era que minha chefe fosse anunciar minha promoção para diretora de qualidade a partir do primeiro dia útil do próximo ano.

CLARICE

A última sexta-feira antes do Natal era dia de ir à festa natalina das colegas da escola no Pitada de Sal. As mulheres tinham amado o lugar no dia do meu aniversário e, quando souberam que a banda RUUM tocaria naquela noite, a escolha fora unânime. Eu estava querendo muito ver Robson, e uma série de fatores tinha nos mantido afastados desde que ele tinha se declarado.

Assim que Babi viajara, eu dera minha última semana de aula e recebera a notícia de que a tendinite da minha mãe estava muito dolorida, portanto, seria necessário imobilizar sua mão direita por dez dias. Dessa forma, saíra da escola direto para Búzios, para ajudar meus pais com a casa e Kika, e ficara por lá até ontem. Mamãe estava bem melhor e seguia fazendo fisioterapia, e eu havia tido chance de dar alguns mergulhos no mar e umas voltas de bicicleta para entrar em contato com meus pensamentos e sentimentos.

Eu sentia muita falta de Bárbara, mas também de Robson. Conversava com os dois por mensagem, mas, com ele, nunca

falava sobre o que sentia. Logo no dia que chegara a Búzios, houvera uma tentativa dele de tocar nesse assunto, mas não era o momento. Vínhamos focando em falar amenidades, coisas do nosso dia a dia, o que era ótimo para nos aproximar e permitir que nos conhecêssemos melhor.

Além de muitos áudios, fotos e comentários, eu recebera flores e também a gravação dele cantando *Crazy for you*, da Madonna, que fora a primeira música que dançáramos juntos no karaokê. Aprendera muito do seu jeito e gostos, notando quando sua timidez aflorava ou quando se sentia mais à vontade. Aqueles dias acabaram fortalecendo nossa conexão e me fizeram sonhar com Robson uma noite e quase pegar um ônibus para vê-lo, sem dúvidas de que estava apaixonada.

O que me deixava nervosa, agora, era que Robson não sabia que estaríamos por lá, para o show da banda. Chegamos um pouco atrasadas, e a sorte foi que Nádia tinha feito uma reserva, porque a casa estava cheia. Os pais do nosso colega vieram nos cumprimentar de forma muito gentil e ficaram surpresos, pois ninguém sabia da nossa chegada. Eu só queria ver o baterista, e a expectativa deixava meu coração em festa. Fui direto para a área da pista de dança, perto da qual a banda já tocava.

Robson estava com uma camisa de caveira e um gorro de Papai Noel; os óculos metálicos querendo escorregar do rosto. Ele não me viu, estava muito focado na apresentação. Apenas quando as professoras foram dançar e começaram a chamar sua atenção, ao que a música se encerrou, ele sorriu, meio de cenho franzido. Então, nossos olhos se cruzaram e o sorriso dele se expandiu, com as covinhas marcadas no rosto. Foram longas sete músicas até o intervalo.

— Boa noite, professoras. Que surpresa agradável ter vocês aqui.

— Nós amamos o bar e sua banda, Robson — comentou Nádia.

Ele agradeceu e nos conseguiu uma rodada de cerveja grátis, como presente de Natal, mas logo precisou se afastar para dar apoio aos pais. Fiquei observando de longe e, assim que ele terminou, aproximei-me dele, mantendo-nos afastados das nossas colegas de trabalho. Era como se nossos sorrisos estivessem congelados no rosto e o bem-estar que ele me despertava fluísse por cada célula do meu corpo.

— Boa noite, Clarice. Que bom que voltou! Como está sua mãe?

Ele estava sem jeito, bem tímido, ao falar comigo pessoalmente, quando a gente se esforçara para se conhecer melhor a distância, sem pressão sobre nossos sentimentos.

— Muito melhor. A fisioterapia reduziu bastante a dor.

— É uma notícia ótima.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, e consegui perceber a inquietude de Robson, dentro da sua timidez, como se ele não tivesse certeza se podia tocar no assunto “nós”

— A decoração de Natal está linda, não é? — perguntou quase em um susto, como se encontrasse algo neutro para falar comigo, enquanto apontava alguns objetos natalinos espalhados.

Pelo visto, eu teria que ser a pessoa que iria direto ao ponto.

— Então, vamos dançar enquanto você não precisa voltar para o palco? Já fez o acordo com seu primo para mudar de música?

Ele deu uma gargalhada, e parte de sua tensão foi embora. Robson se aproximou e segurou minha mão em silêncio, me levando no sentido da pista. Observei quando fez um gesto para o primo DJ, e uma música lenta se iniciou. Eu não consegui esconder o riso.

— Da outra vez, você foi mais discreto — impliquei, deixando que ele colasse o corpo no meu.

— Porque tinha combinado com ele antes, e agora foi no improviso, mas é um cara esperto — ele respondeu enquanto balançávamos bem juntos, no ritmo da música. — Você está linda, Clarice.

Eu estava feliz, com o coração batendo a mil e emoções que nem sabia descrever por estar junto dele, sentindo sua mão fazer carinho nas minhas costas, irradiando calor. Dançamos um pouco, em silêncio, curtindo a presença um do outro.

— Senti sua falta — Robson sussurrou no meu ouvido e trouxe o nariz para brincar com minha orelha, distribuindo arrepios pelo meu corpo. — Confesso que quase fui até Búzios, mas não queria fazer nada precipitado.

— Vamos sair daqui quando acabar seu show? — convidei, porque queria muito estar com ele em um local reservado.

— Estou quase inventando alguma coisa só para sair com você agora, Clarice.

Não consegui segurar a risada surpresa com o comentário dele.

— As garotas me matariam se eu acabasse com a apresentação da banda — afirmei, arrumando os óculos dele com meu dedo, que deslizei por sua bochecha até o queixo.

E, como tudo que era bom terminava rápido, Robson precisou retornar para a apresentação. Fiquei por ali com as professoras, dançando e cantando. Estava muito cheio, e as pessoas pareciam adorar o repertório da banda. Conversei um pouco com os pais dele, ao pedir uma caipirinha, e tive certeza de que eles sabiam dos sentimentos do rapaz por mim. Quando o vocalista anunciou a última música, eles tocaram uma canção de rock natalina e fizeram os votos de felicidade. A partir daí, o DJ assumiu o fim da noite.

— Estou nas suas mãos. Aonde vamos, professora?

Saímos do bar e pegamos um táxi para minha casa, com um motorista que falava pelos cotovelos, mas, como era madrugada, em pouco tempo estávamos na frente do meu prédio. Subimos no elevador, abri a porta, e Robson se aproximou, como se pedisse uma permissão muda. Coloquei minha mão na cintura dele e foi o suficiente para que o beijo acontecesse ali mesmo, na entrada do meu apartamento. Urgente, saudoso, acelerado e instigante. Senti as mãos dele percorrendo meu corpo com desejo, e a verdade era que eu também não queria conversar agora, só tê-lo perto de mim.

Puxei-o para dentro, e o homem fechou a porta com o pé, sem desgrudar de mim ou permitir que o beijo se encerrasse. Quando os lábios dele arrancaram suspiros ardentes da minha garganta e

foram descendo para o meu pescoço, murmurei, inclinando a cabeça para lhe dar mais espaço:

— Não queria ter demorado tanto.

Ele seguiu distribuindo beijos entre meu pescoço e ombro, deixando minha respiração acelerada, com uma mão na minha cintura e outra na minha nuca. Passei meus dedos pela sua cabeça, para chamar a atenção. O homem me fitou com carinho, e sussurrei o que precisava tanto dizer:

— Sabe o que descobri nesses dias longe? — brinquei, fazendo um carinho em seu queixo. — Eu te amo, Robson.

Notei o olhar surpreso dele, a respiração aliviada e a forma como acariciou meu rosto com delicadeza e emoção.

— Por muito tempo, eu achei que não ouviria mais isso, ou que amor podia não ser o suficiente no nosso caso — afirmou, me beijando novamente. — Eu amo você, Clarice. — A resposta foi um sussurro entre suas carícias.

Os beijos pareciam não ser o bastante para acalmar toda a saudade e a paixão que nos consumiam, então puxei Robson para o quarto, com a certeza de que seria impossível meu coração amá-lo ainda mais.



Acordar nos braços da pessoa que a gente ama é uma das coisas mais gostosas da vida. Fiquei ali, deitada, fazendo carinhos no peito de Robson. Ele estava desperto, em silêncio, me observando. Era a primeira vez que o via sem óculos e sorri ao perceber que talvez ele e seu fiel companheiro antiquado combinassem.

— Bom dia, meu amor.

Meu coração flutuou de alegria ao ouvi-lo me chamando assim. Nunca poderia imaginar que iria me apaixonar tanto por ele.

— Adorei como “meu amor” soa na sua voz, meu amor.

— Só não fica melhor do que na sua. Eu nem sei falar se sonhei com isso, porque acho que não acreditava que você se sentiria assim, um dia.

— Vamos combinar de escutar sempre um ao outro primeiro? Não vamos deixar ninguém interferir. — Ergui meu corpo para lembrá-lo do quanto seria importante sermos sinceros.

Demos um selinho, como um pacto de que cuidaríamos daquele sentimento o máximo que pudéssemos.

— Isso significa que vai ser minha namorada? — questionou-me Robson, com um sorriso carinhoso.

Aquele homem ainda me fazia suspirar como as mocinhas das histórias românticas! Parecia que o amor podia ser ainda mais bonito do que nos livros.

— Sim, meu amor.

Ganhei mais um beijo apaixonado e escapuli dos seus braços, rindo, avisando que iria fazer um café fresquinho. Cheguei à cozinha, preparei tudo e, enquanto aguardava a bebida ficar pronta, abri um e-mail no celular, que era a resposta para outro que eu havia mandado, alguns dias atrás.

Clarice,

Sim, compreendo que nossa história terminou. Eu só achava que o problema era o meu casamento. Se você se apaixonou por outro homem, desejo que seja muito feliz. Não precisa se preocupar com a polícia, porque não haverá mais telefonemas, nem mensagens ou e-mails. Vou cuidar da minha vida e da minha família. Yago.

Ter aquele assunto encerrado tirou um peso das minhas costas e me deixou tranquila para viver meu novo amor, tão gostoso e repentino. Como se adivinhasse meus pensamentos, Robson surgiu na cozinha, tentando me convencer de deixar o café para mais tarde. E foi uma das poucas vezes que pular uma xícara não me deixou de mau humor. Pelo contrário.

BÁRBARA

Gisele comprara um bolo após o anúncio da minha promoção, enquanto eu estava em reunião com a diretoria. No término, vi a delícia de brigadeiro sobre a mesa dela. Ganhei um abraço apertado e percebi que minha amiga estava contando com uma comemoração dupla, acreditando na minha reconciliação com seu irmão.

Quando chegamos em casa, após pegar Sofia na escola, Bruno já estava lá e, depois de ter dobrado o plantão, ainda se dispunha a fazer uma faxina na sala. Criado pela mãe e a avó, ele nunca experimentara a ideia de que apenas meninas deveriam se encarregar dos afazeres domésticos ou cuidar dos filhos. Eu tinha uma admiração tremenda por aquele homem criado em torno de mulheres fantásticas.

Sofia correu para abraçá-lo. Ele a pegou no colo e a rodopiou, arrancando-lhe gritinhos. Perguntou se queria comer uma maçã, e a menina contou sobre o bolo. Então, Bruno olhou para a irmã,

carregando o embrulho, e para mim. Que saudades absurdas eu sentia dele!

— Você não vai falar com a Babi, irmão? Parece que nem faz vinte dias que não se veem.

Ele se aproximou e parecia meio sem saber o que fazer, mas, diante da cobrança de Gisele, acabou por me abraçar e perguntar se eu estava bem. Notei que estava cheio de olheiras e um ar cansado estampado no rosto. Eu queria tanto fazer um carinho nele, enchê-lo de beijos e aconchegá-lo junto a mim.

— Termina logo de varrer, pois teremos comemoração. Bárbara é diretora! — Gisele levantou as mãos e fez um som de “êêêê”, o qual Sofia imitou.

— Uma notícia que merece uma grande comemoração — confirmou Bruno, ampliando o sorriso.

Quando nossos olhos se cruzaram, parecia que meu estômago dera uma cambalhota agitada de felicidade. Ele não estava só feliz por mim, mas orgulhoso. Aquela sensação balançou meu coração e me deixou muito emocionada.

— Hora de preparar o jantar — anunciou Gisele, pegando a filha no colo.

Acompanhei as duas, e Bruno seguiu com a limpeza. Quando terminou, mal o vi sair de um banho e ir até a rua, avisando que já voltava. Olhei para minha amiga, que estava cortando cenouras, e ela deu de ombros.

Não devia ser mesmo motivo de preocupação, já que ele levou apenas meia hora para voltar com um espumante.

— A comemoração pedia um brinde — Bruno afirmou, colocando a bebida no congelador.

Minha mãe diria que eu me desmanchei em um sorriso e seria a pura verdade. Ele ainda conseguia me surpreender com gestos pequenos, mas muito significativos para mim, que demonstravam o carinho que havíamos construído nas últimas semanas.

O jantar foi maravilhoso e descontraído, mesmo que minha cabeça estivesse fervilhando e que tivesse me perdido em pensamentos algumas vezes. Apesar de não duvidar que Bruno gostasse de mim, tinha receio de estar magoado comigo por todas as mensagens contraditórias que eu havia passado por causa dos meus medos e, pior ainda, que concordasse agora com meus argumentos anteriores.

Logo depois da refeição, veio o balde d'água fria nos meus planos.

— Boa noite para vocês. Estou exausto e vou dormir.

— Ainda não! Dá uma mão para Babi na louça, porque vou colocar essa menina para dormir e você lá sempre atrapalha. Sofia fica muito agitada — Gisele disse em um tom mandão, bem taxativa.

— Mais uma meia hora, vocês terminam isso aí e pronto — afirmou, apontando para os pratos e talheres na pia.

Então, ela pegou Sofia no colo, desejou uma boa noite e se trancou no quarto.

— Você sabe o que houve com aquela mulher? — ele me perguntou, confuso, bufando e quase se arrastando para pegar o avental e começar a lavar os pratos.

— Bruno, deixa a louça aí. Queria conversar contigo.

Ele me fitou por alguns segundos, como se estivesse me avaliando, e então largou as coisas que começava a pegar.

— Você está tão séria, Babi. Se o assunto é urgente, com licença que vou tomar mais um pouco do espumante.

Enquanto o homem enchia duas taças na cozinha, fui ao meu quarto e peguei o livro que ele havia me dado.

— Você vai ler para mim? Acho que hoje dormiria no primeiro capítulo — afirmou, bebendo de sua taça e sentando-se no sofá.

Eu ri com a ideia da leitura, porque achei excelente. Virei o conteúdo da taça em um gole, a fim de tomar coragem para fazer o que era preciso. Gisele tinha certeza de que as coisas se acertariam, mas onde estava minha confiança? Peguei o papel com a lista, mandei que ele lesse e sentei ao seu lado.

Quando ele abriu, estava curioso, sorridente e com o corpo encostado no sofá de forma relaxada. Percebi seu rosto ficar sério enquanto lia, e a forma como mudou de posição, desconfortável, confirmou minha suspeita de que não reagiria bem.

— O que isso significa, Bárbara?

Tentei explicar sobre as dúvidas que povoavam minha cabeça na noite em que brigara com Clarice, como tinha me sentido atordoada. Agora, admiti, eu me envergonhava por ter pensado que Gisele reagiria mal por causa do irmão. E me sentia ainda pior por não ter conversado com ele e dividido meus receios, quando Bruno pedira.

— Você gosta de mim e me acha divertido e atencioso? — ele questionou, recitando os pontos “a favor”.

Eu sabia que, naquele momento, ou me calava ou me declarava.

— Eu me apaixonei por você.

Bruno, que estava olhando para o papel, voltou sua atenção para mim, com os olhos um pouco arregalados, boca entreaberta e fisionomia séria. Era fato que o pegava de surpresa, afirmando meu amor.

Remexi as mãos no colo, inquieta sobre o que ele faria em seguida. Imaginava que soltaria algo como “eu também, meu amor”, ou o contrário, talvez um “eu não sinto o mesmo”, mas Bruno apenas levantou-se e catou uma caneta na mochila. Pedi meu livro, e eu o entreguei, sem entender o que estava planejando. Quando voltou a se sentar, ficou bem perto de mim. Apertei meus dedos, achando que os minutos estavam mais arrastados que o normal.

— Vamos consertar isso, então. Risco o “gosto dele” e escrevo “estou apaixonada por ele”, ou fica melhor “estou muito apaixonada por ele”?

Eu ri e tapei o rosto entre as mãos, me sentindo envergonhada ao notar que ele iria implicar comigo. Respirei fundo e concordei que “muito apaixonada” era o mais adequado, quase em um sussurro, já que estava emocionada. Um bolo enorme que estava na minha garganta começou a se desfazer.

— E, Bárbara, que lista pobre é essa?! — Bruno questionou, rindo e batendo a caneta no papel. — Estou muito mal mesmo, com você escrevendo duas linhas positivas sobre mim. É o pior *feedback* que já ouvi na vida — ele seguiu numa reclamação brincalhona, cheia de caretas.

Eu só conseguia rir, com a vontade de agarrá-lo ali mesmo crescendo. Queria enchê-lo de beijos.

— Vamos pensar mais um pouco, porque não é possível que eu não consiga uns pontos a mais. Podemos escrever “gosto quando ele me beija” e “cutucá-lo tornou-se meu *hobby* favorito”?

Fui confirmando com a cabeça, entrando no jogo e sugerindo inclusões, entre risadas e recordações. A lista de Bruno crescia, conforme avançávamos:

A favor

~~Gosto dele~~ *Estou muito apaixonada por ele*

É um cara divertido e atencioso

Gosto quando ele me beija

Cutucá-lo tornou-se meu hobby favorito

Admiro demais

É fofo, doce e compreensivo

Faz um bolo de cenoura maravilhoso

Gostou de Bridget Jones

Limpa a casa muito bem

Conheço a família dele desde pequena

Assim que Bruno partiu para os fatores negativos, seu rosto ficou mais sério, e a mágoa, que acreditei que não veria, apareceu. Foi a primeira vez que ele parou e me fitou desde que a lista virara um jogo. Minha postura ficou mais tensa, mas não tinha como fugir de me explicar. Era importante que Bruno entendesse que não estava brincando com ele ou seus sentimentos, só estava com muito medo.

— Babi, eu sei o quanto ser sua amiga é importante para Gisele e valorizo esse sentimento entre vocês, mas não posso fazer promessas sobre o futuro — ele disse em um tom triste. — Infelizmente, não tenho garantias de que nada vai abalar a amizade de vocês ou te afastar da Sofia, mas talvez possa te falar que essa relação de vocês é cara para mim também.

— Fiquei com muito medo da reação de Gisele, tanto no presente quanto no futuro, porque, se a gente ficasse juntos e tivesse algum desentendimento entre nós, poderia respingar na

nossa amizade. Entretanto, conversei com sua irmã ontem e refleti muito, nesses dias sozinha na Itália, e a verdade é que sei que ninguém pode me dar as garantias que eu desejava, nem eu mesma.

— Então, estamos de acordo em riscar isso. — Ele bebeu o resto do espumante e perguntou se eu queria mais.

Bruno ficou resmungando baixo e fazendo caretas enquanto cortava também o item sobre Sofia. Dizia que eu não tinha sido justa na contagem e estava tudo englobado no mesmo medo, mas eu dividira de propósito para não ficar com ele. Eu só conseguia sorrir com aquele homem reescrevendo tudo e jogando cada receio meu ao vento.

Então, ele leu o tópico seguinte, passou a mão no rosto e olhou para mim, dando um sorriso de lado e fazendo uma negativa com a cabeça. Não me lembrava com perfeição do que tinha escrito, mas ele logo retomou o tom da brincadeira:

— Bárbara, estou tentando lembrar se falamos de filhos...

Se eu corasse, com certeza teria acontecido agora. Fiquei muito sem graça, porque tinha esquecido as suposições que havia feito. Voltei a afirmar que minha decisão de não ter filhos era bem pensada e que eu não mudaria isso – não seria uma questão de

amadurecer, como muitas pessoas sugeriam. Eu gostava de crianças, mas não queria criar uma.

— Bom, eu não sonho em ser pai e tenho plena ideia do impacto de um filho na vida das pessoas. Essa condição é totalmente aceitável para mim.

Não conseguia acreditar que Bruno não desejava a paternidade! Fiquei observando-o por um tempo, atenta a seus gestos, ainda na dúvida sobre ele ter falado sério. Ele tinha tanto jeito com crianças e lidava com bebês todos os dias. Senti-me tão incerta da decisão dele, que questionei de novo se ele estava falando isso apenas porque eu não queria ser mãe. O homem ficou sério e reafirmou, voltando toda sua atenção para mim:

— Eu não sonho com filhos, e essa decisão não tem nada a ver contigo. — Depois, virou os olhos para o papel. — Sobre esse outro item da lista, Babi, bebês nascem no mundo todo! Sempre há espaço para um enfermeiro obstétrico, e meu desejo é ampliar meus conhecimentos em diferentes lugares.

Aí, riscou o item. Em seguida, ouvi sua gargalhada gostosa e vi seu olhar malicioso, que já foi o suficiente para um frio se instalar na minha barriga.

— “Ele tem só 26 anos” é com certeza um item favorável, mas agora esse *feedback* está mais honesto.

Não consegui controlar a risada e concordei, sentindo a mão dele fazendo carinho na minha cabeça.

— Como você não tem um ponto negativo, Bruno? — ralhei. — Não, espera. Tem um que eu não coloquei, sabia?

Ele revirou os olhos e parou de acariciar meus cabelos.

— Ainda não sei o que você realmente sente por mim — sussurrei, fazendo charme.

Os olhos dele grudaram nos meus, e sua mão acariciou meu rosto enquanto a outra avançava pela minha nuca. Quando nossos lábios se tocaram, foi preciso ter paciência, porque Bruno queria fazer tudo bem lentamente, como se saboreasse cada pedacinho daquele instante.

De repente, ele passou o braço pela minha cintura, me puxou para junto dele e intensificou o momento. O toque era sedento, e sua língua provocava e pedia mais, acabando com todas as minhas reservas. Deslizei os dedos pelos cachinhos que amava, ao mesmo tempo em que as mãos dele acariciavam minhas pernas. Ele afastou a boca um pouco da minha, e notei que estava tão

incendiado quanto eu, mas o olhar de paixão deu lugar ao seu jeitinho doce de me fitar.

— Eu te amo, Bárbara — afirmou, deslizando as mãos pelas minhas costas, irradiando calor, excitação e felicidade. — Desde o tempo em que era só um adolescente bobo e achava que você era uma mulher linda. Mas, depois que cheguei aqui, percebi que é muito mais.

— Eu também te amo, Bruno. Prometo que não vou mais me fechar — sussurrei, esfregando o nariz no dele.

— Você pode contar comigo para dividir tudo. — Ele deu uma mordida sexy no meu queixo e mexeu nos meus cabelos. — Eu amei o corte e como ele deixa seu pescoço livre.

Bruno começou a distribuir beijos na região, que despertaram arrepios no meu corpo. Ele sussurrava o quanto sentia falta da minha pele e do meu cheiro, em meio a suas carícias intensas.

— Que cara safada é essa, Bruno? — impliquei, levantando e o puxando pela mão.

Ele me tascou mais um beijo, cheio de paixão, e suspirei o nome dele com desejo.

— Babi, sei que você queria ir devagar, mas não precisamos ser tão lentos, certo? — Sua mão fez um carinho suave no meu

rosto afogueado e, quando achei que fosse me puxar para dentro do meu quarto, ele me surpreendeu. — Namora comigo, amor? Quero você do meu lado.

Eu senti a emoção aflorar no peito e gelar a barriga. Abracei-o apertado, curtindo ouvi-lo me chamar de “amor”. Desejava tudo com Bruno: as carícias que me incendiavam, as risadas, cutuques na cozinha e conversas sobre nossos planos e sonhos. Sussurrei um “sim” no ouvido dele, dando uma mordida no lóbulo da sua orelha.

— Eu não disse que o clichê do amigo de infância é incrível, Babi? — ele implicou, segurando a minha mão.

— Não vou discordar, mas tem outra coisa em que concordo contigo: nada de irmos devagar. — Fui eu quem o puxou para o meu quarto. — Sua irmã me mata se nos encontrar pelados na sala.

Epílogo

CLARICE

11 meses depois

Nossa festa de aniversário de 32 anos seria no Pitada de Sal. Meus sogros tinham decorado o local e deixado tudo ainda mais lindo. Bárbara estava atrasada, resolvendo a viagem para Buenos Aires com Bruno na próxima semana. Peguei o celular para mandar uma mensagem, mas Robson me abraçou pelas costas, dando um beijo no meu ombro e querendo saber se estava tudo do meu agrado. Confirmei com a cabeça e perguntei se a banda não iria tocar. Segundo ele, o baterista preferia curtir a noite grudadinho comigo, mas o DJ animaria a festa. Arrumei seus óculos metálicos com o dedo e fiz um carinho bem na covinha.

— Pedi para minha mãe trazer aquela torta salgada assada.

— Que bom, porque fritura não está me fazendo bem.

Ele acabou me beijando de surpresa, fazendo meu coração acelerar. Suas mãos brincaram com meu cabelo, e, mesmo o beijando, empurrei seu braço porque iria estragar meu penteado. E, aí, o riso em conjunto nos interrompeu.

— Já disse que te amo, Clarice?

Era isso que eu sempre tinha procurado em um relacionamento. Declarações sem-vergonha, beijos apaixonados e cumplicidade. Óbvio que havia brigas, discussões e mal-entendidos, mas tínhamos mantido o propósito de sempre dialogar ou respirar, dar um tempo um ao outro para nos acalmar e, então, conversar. Estava funcionando bem e, acima de namorados, tínhamos nos tornado grandes amigos.

— Alguém interrompe esse casal apaixonado! — falou Bárbara, que chegava de mãos dadas com Bruno.

— Nossa, como vocês demoraram! — reclamei, cumprimentando os dois com um abraço. — Vem comigo que vou te mostrar as coisas lindas que Robson preparou.

Ela fez uma careta e me acompanhou, deixando nossos namorados conversando. A amizade que surgira entre os dois era só mais um ponto positivo dentro da nossa relação. Éramos nós quatro, ou nós seis, o tempo todo. Isso porque Gisele sempre trazia uma companhia.

Não demorou muito para a pista encher e Robson me puxar para dançar. Ficamos ali entre namorar, nos abraçar, cantar e nos divertir.

— Quando vamos fazer aquilo? Você está me enrolando, Clarice?

— Meu amor, você está falando sobre morarmos juntos? Você nunca me pediu!

— Um absurdo essa minha falha!

Ele me deu um beijo, puxou uma flor do arranjo da mesa mais próxima e subiu no palco, fazendo o DJ cúmplice desligar o som. Robson foi até o microfone e, pelo que eu conhecia, estava muito nervoso e sem graça. Ele era bastante tímido para um homem que era professor e músico. Bárbara puxou Bruno e parou ao meu lado.

— Clá, o que ele vai fazer lá no palco?

— Fica quieta, Barbs.

— Só me conta, que tô curiosa!

— Para de falar, senão não vou escutar e nem você.

Logo a voz tensa de Robson se espalhou pelo ambiente. Dediquei um sorriso para o homem, ainda não acreditando no que ele iria fazer.

— Boa noite, amigos do Pitada de Sal. Prometo ser breve, porque não quero interromper a noite de ninguém e deixar o DJ muito tempo parado, porque ele arrasa, certo? — Respirou e arrumou os óculos. — Estou perdendo o foco. No ano passado,

aquela linda moça ali — falou, apontando para mim — viu que, apesar de chato, eu era muito apaixonado por ela. E, nesses últimos meses, esse amor só aumentou e sou muito mais feliz ao lado dela. Assim — ele deu um suspiro e prosseguiu —, Clarice, meu amor, aceita casar comigo? — ele completou e esticou a flor na minha direção.

Levei a mão à boca, porque não era o que esperava. Meus olhos começaram a se encher de lágrimas. Todos os olhares estavam fixos em mim, mas só enxergava o homem envergonhado, que não se importava de se expor por mim. Com o coração quase flutuando pelo bar, gritei um “sim”, emocionada. As pessoas aplaudiram, e Robson saiu do palco, me abraçou e me deu um beijo. A gente iria se casar, e nada tiraria o sorriso do meu rosto. Na verdade, só iria ampliá-lo.

Quando estávamos na cama, após a festa, sentei-me de costas para Robson, que começou a me fazer uma massagem deliciosa, me causando um suspiro e um bocejo cansado.

— Recebeu algum retorno sobre o espaço?

Os planos para abrir a minha escola estavam começando a sair do papel, pois já tínhamos uma sócia e havíamos visitado um casarão que nos interessava, pois atendia nossos requisitos.

— Vou ligar para a imobiliária amanhã — informei, dando mais um bocejo longo.

— Queria te dar uma coisa antes de você dormir, Clarice.

Virei-me para ficar de frente para Robson, que mexeu nos meus cabelos e distribuiu beijos leves nos meus lábios, com carinho.

— Fecha os olhos, meu amor.

Obedeci com um sorriso, sacudindo as mãos e aguardando, cheia de expectativas, o que ele queria me dar. Robson deslizou os dedos pelo meu rosto, como se desenhasse meus traços.

— Você é tão linda — sussurrou com doçura. — Pode abrir.

Ele estava com uma caixinha de alianças na minha frente e, dessa vez, eu deixei a emoção me invadir. Já estava emotiva além do usual, mas ver aquele homem sorrindo, cheio de amor, querendo juntar nossas vidas, era um presente maravilhoso. Ele deslizou o anel pelo meu dedo e fez o mesmo com o dele. Ganhei um beijo na mão, então ele se aproximou e beijou também minha barriga.

— Será que o bebê já escuta o papai?



BÁRBARA

— Você vem para casa comigo? — choraminguei, abraçando Bruno enquanto dançávamos.

Desde o meio do ano, Gisele e a família tinham se mudado para um apartamento no mesmo bairro que o meu, e era muito ruim não ter Bruno mais na minha casa (e na minha cama) todos os dias. Contudo tínhamos conversado e decidido que vínhamos sendo rápidos demais no nosso relacionamento, que havia começado com a gente já morando juntos. Assim, seria bom que cada um tivesse sua casa.

— Podemos adiantar alguns detalhes da viagem — sugeri, dando uma piscada.

— Meus planos para ir para sua casa não envolvem conversas. — Ele deu um beijo bem no meu pescoço, e lá estavam as borboletas que ele despertava em meu estômago.

Coloquei a mão na boca, fingindo estar em choque, e ele me rodopiou na pista. Não consegui segurar as risadas. Bruno colocou o corpo no meu, e ficamos mais abraçados do que dançando.

— Eu podia ter apostado que Robson ia pedir Clarice em casamento, mas não vi as alianças — comentei depois de algum

silêncio.

— Você está procurando uma também, Babi? — perguntou com um sorriso malicioso.

Dei uma careta para ele, porque já tínhamos conversado que nosso objetivo era seguir namorando por mais tempo. Nunca tinha pensado em casar, mas talvez topasse morar com Bruno no futuro. Seu jeito divertido e brincalhão deixava meus dias mais leves e cheios de risada, mesmo após o estresse com o trabalho.

— Quem imaginaria que o clichê cão e gato funcionaria na vida real? — comentei, olhando para Clarice e seu noivo.

— Achei que éramos os únicos clichês — implicou Bruno.

— Que nada! Sua irmã está vivendo um com esse grande amigo da faculdade, que ela reencontrou aqui. É um típico *friends to lovers* — respondi, dando uma piscada.

Bruno deu uma gargalhada alta e concluiu:

— Pelo visto, todo mundo arrumou um clichê para chamar de seu.

Eu só concordei com a cabeça, sorrindo e puxando-o para mais um beijo.



— Eu não quero pizza de calabresa, Barbs. Tenho preferência, viu?

Eu revirei os olhos, porque era sempre aquele papo. Nunca tinha visto ninguém não amar o clássico das pizzas. Clarice sentou-se no sofá e pegou o celular. Robson não estava ali para me ajudar a convencê-la.

— Que papo é esse de preferência? Nunca rolou isso. Desde quando criamos escala para escolher sabores?

Sentei no chão e fiquei esperando a moça definir o que queria comer, mas jamais iria aceitar fácil aquele papo.

— Desde quando eu vou te dar um novo sobrinho em sete meses.

Arregalei tanto meus olhos, que Clarice até deu risadas da minha cara. Pulei no sofá para abraçá-la. Eu sabia que ela tinha planos para um filho, mas não imaginava que seria tão rápido.

— Estou tão feliz por vocês! Que notícia maravilhosa!

Eu a abracei com força e perguntei se podia tocar na barriga. Clarice comentou que já estava se preparando para virar uma barriga ambulante pública, porque as pessoas se esqueciam das mulheres e só queriam passar a mão para sentir o bebê. Teria ainda

os palpites e tudo aquilo que irritava e era comum para as futuras mães.

— Você sabe que serei terrível com essa criança, certo? Vou mimá-la mais que as avós. Peça a pizza que quiser!

Clarice comemorou a vitória e fez exatamente isso.

Ficamos ali, comentando sobre nosso livro favorito e a ideia meio distorcida de que mulheres acima dos trinta anos buscavam um sentido na vida através de um amor, filhos, emagrecimento ou a conquista de uma carreira. Estar apaixonada era maravilhoso e tinha agregado demais às nossas vidas, mas era só mais um fato, e não um resumo delas.

Eu ainda tinha o sonho de conhecer o mundo. Clarice queria construir sua escola com a linha pedagógica que admirava, além de curtir cada detalhe da maternidade. Gisele estava solteira e nem pretendia encontrar um grande amor, mas tinha o objetivo de ver a filha feliz, enquanto aproveitava a solteirice.

Com amor romântico ou sem ele, durando para sempre ou por um determinado tempo, nossas buscas eram exclusivas e individuais. Não existia um padrão de escolhas aplicável para todas as mulheres. Não dependíamos da presença de um parceiro, de filhos ou de quilos a menos na balança. Nenhum deles era nosso

“felizes para sempre”, porque apenas cada pessoa podia garantir sua felicidade.

Amar não significava um final como o dos contos de fadas. Acreditávamos em relações enquanto houvesse amor e respeito. Era impossível saber o tempo que isso significava, portanto, o segredo era viver o presente. Os homens não precisavam nos salvar, pois nós sempre éramos nossas próprias salvadoras. O amor só servia se viesse para somar, senão nem valia a pena. Acreditávamos que a vida seguiria feliz, sorridente e divertida, porque tínhamos os sonhos, os planos, as outras tantas pessoas que nos amavam e, claro, as amigas!

Porque, se havia algo mais lindo, potente e forte que algumas mulheres juntas, eu ainda desconhecia. Talvez esse fosse o clichê mais bonito e ainda não tão presente nos livros: mulheres em toda sua diversidade, unidas. Esse era o clichê que escolhíamos viver diariamente.

Agradecimentos

Não poderia deixar de começar meus agradecimentos pelos meus pais, que não são leitores, mas me apoiam incondicionalmente, desde quando me levavam para passar as tardes de sábado dentro de sebos, até hoje, fazendo de tudo para que eu possa ter tempo para escrever. Eles são meus braços, minhas pernas e meu coração, e nem sei o que seria da minha vida sem o auxílio e amor que recebo de ambos. Eu amo vocês demais!

Às minhas filhas, que convivem com tempo reduzido da mãe dedicando-se ao emprego e à escrita, que torcem, comemoram e querem saber a opinião dos leitores, que são minha revolução pessoal e me ensinaram que é melhor ser uma “metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. Vocês são meus amores e meu orgulho.

Luiza Pontes, minha beta de mentira, obrigada por confiar na minha caminhada. Minha mala do coração, Scheila Locha, que nem curte ler, mas está comigo para a vida toda. Ana Luiza, obrigada pelos papos diários, áudios que parecem podcasts e pela primeira capa deste livro, quando ele entrou no concurso da editora. Eu

precisaria de muitas páginas para agradecer a todas as mulheres que andam comigo e seguram minha mão.

A Cínthia e todas da P.S.:, muito obrigada por acreditarem em mim pela segunda vez e por todo empenho, trabalho, gentileza e amor envolvidos na preparação desta história. Sou muito grata por tudo que aprendi com vocês.

Às minhas leitoras, queridas e amorosas, que trocam comigo, se enxergam nas minhas personagens e me encham de motivação para seguir escrevendo. Se o desânimo bate, é o retorno de vocês que me dá forças. Obrigada de coração!

Marcela Brazão



Marcela Brazão nasceu em 1984 em Niterói-RJ, onde vive até hoje com suas duas filhas. Dona de uma risada única, taurina e apaixonada por cinema, karaokê e livros, escreve desde a adolescência. Depois de anos sem se enxergar nas mocinhas dos romances e chick-lits, começou a criar suas próprias histórias com dramas atuais e personagens comuns, para divertir, suspirar e gerar reconhecimento nos leitores, de forma leve e descontraída, sempre com mulheres gordas como protagonistas.

CONHEÇA MAIS UM TÍTULO DO P.S.:

MANAS



LISTA DE AFAZERES DA MARI

- Esquecer o incidente humilhante da viagem de formatura
- Continuar implorando pelo perdão da Rafa
- Descobrir como fazer isso, bloqueada em todas as redes sociais
- ☐ Mudar de escola e não tocar nesse assunto com mais ninguém
- Decidir o que fazer da vida depois do terceiro ano
- Desvendar qual aluna está tendo um caso com um professor
- Explicar ao aluno bonitinho que fiz um voto de castidade

- ~~— Tentar não meter os pés pelas mãos, tudo de novo~~
- ~~— Quem foi que falou de mim naquele aplicativo de segredos???~~
- Tentar não meter (muito) os pés pelas mãos

psdoispontos.com/loja

^[1] Bom dia, princesa.